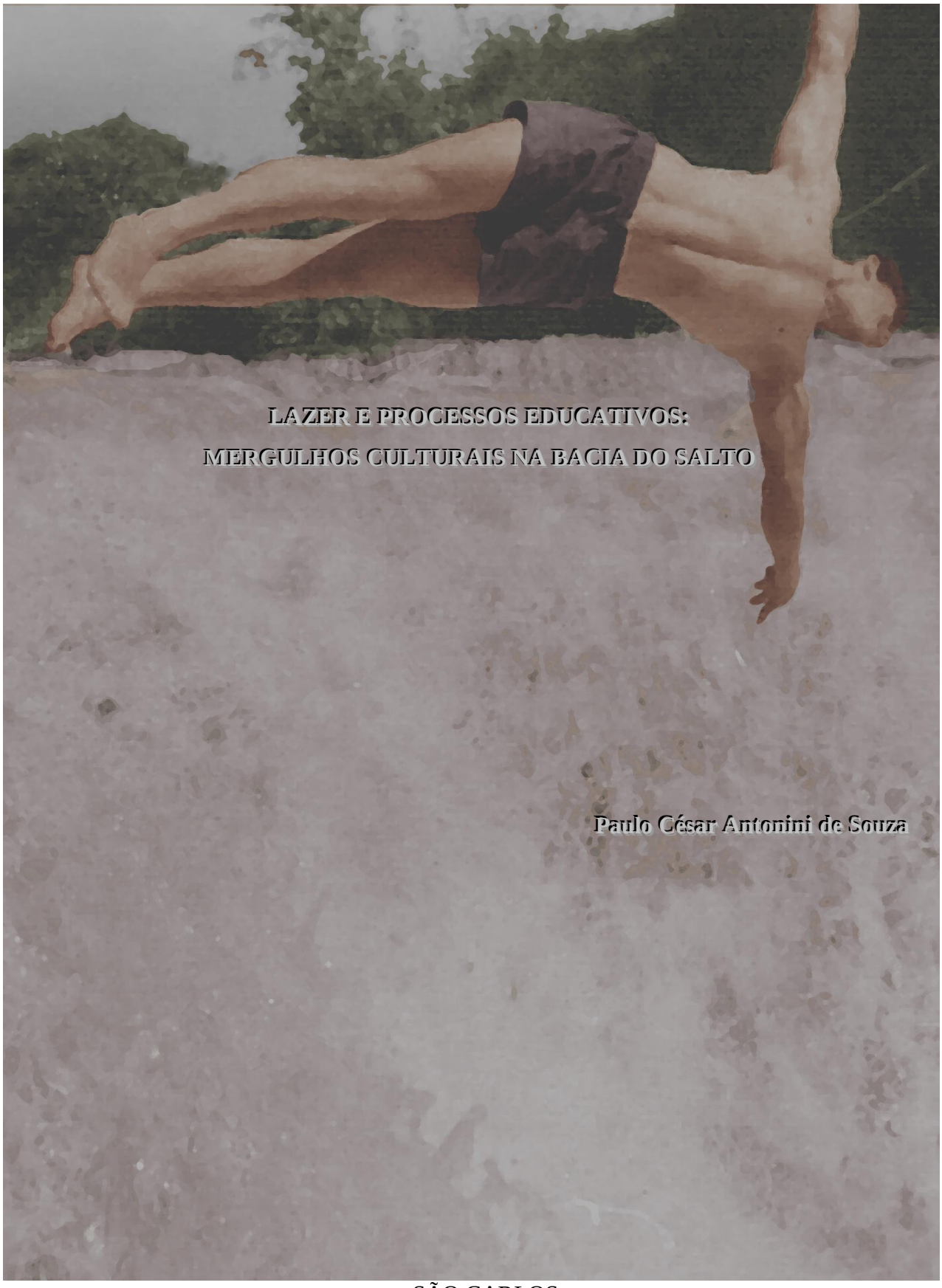
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



LAZER E PROCESSOS EDUCATIVOS: MERGULHOS CULTURAIS NA BACIA DO SALTO

Paulo César Antonini de Souza

SÃO CARLOS
2010

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LAZER E PROCESSOS EDUCATIVOS:
MERGULHOS CULTURAIS NA BACIA DO SALTO

Paulo César Antonini de Souza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

SÃO CARLOS
2010

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária da UFSCar

S729lp

Souza, Paulo César Antonini de.
Lazer e processos educativos : mergulhos culturais na Bacia do Salto / Paulo César Antonini de Souza. -- São Carlos : UFSCar, 2010.
135 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2010.

1. Práticas sociais e processos educativos. 2. Lazer. 3. Cultura popular. 4. Motricidade. 5. Brotas (SP). I. Título.

CDD: 370 (20ª)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior

Profª Drª Gisele Maria Schwartz

Profª Drª Ilza Zenker Leme Joly

Dedico este trabalho à memória de meus avós Antenor e Anunciatta, que em sua simplicidade, amor incondicional e paciência, ofereceram sentido a muitas de minhas escolhas.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Izaura e tia Isaíra, modelos de profissão e de vida, por acreditar sonhando junto e por comemorar em cada conquista, por menor que fosse.

A meus irmãos Gustavo e Antenor, Joice (cunhada), Silvana e Iully (primas), Olívia, Antonieta e Ivo (tios), obrigado pela força.

À memória daqueles que já não tem o corpo físico, mas que continuam presentes nos ensinamentos do convívio experimentado: Sebastião (pai), Walter (tio), Isaura (tia), Antenor e Anunciatta (avós maternos), Benedito e Virgínia (avós paternos).

Aos amigos e amigas da adolescência e da vida inteira, que acompanharam o começo de minhas incursões na cultura popular: Juliano, Eder, Robson, Nancely, Geisa, Aline, Marcy, Léia, Marli, Junior e Guto.

Aos parceiros, parceiras e colegas do Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física e Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade humana, pela companhia nos estudos, nas dúvidas e nas discussões que auxiliaram o nascimento deste texto: Spina, Cae, Claudinha, Matheus, Silmara, Denise, Glauco, Yara, Vicente, Josy, Djinane, Ivan e Gorpo.

Aos companheiros e companheiras das escolas Professora Dinah Lucia Balestrero e Dr. Álvaro Guião, pelo apoio: Débora, Luiz Cláudio, Patrícia, Robson, Zezinho, Letícia, Mirela, Mirian, Valdir, Luiz Eduardo, Maria, Wilma, Zezé, Eva, Helena, Edison e Gilberto; Dona Regina, Lucilene, Zé Luiz, Rodrigo, Silvana, Maristela, Dona Elma, Vera, Waldete e Rosangela.

À eles e elas do mestrado, Robson, Débora, Fabiana, Joana, Maristela, Regina, Ana Cristina, Bibi, Aninha, Adriana e Rafael.

A todos e todas, discentes, docentes e funcionárias do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos.

À Secretaria de Educação do Estado de São Paulo pelo fomento financeiro à pesquisa.

Aos praticantes dos mergulhos e saltos na Bacia do Salto de Brotas, cuja participação foi imprescindível à esta investigação.

Às professora Gisele e Ilza, membros da banca examinadora, pela paciência, colaboração e apoio dado à finalização deste trabalho.

Ao mais que irmão, Fábio Mizuno, pela coerência, dignidade e respeito, mas principalmente, pela parceria nas experiências do estar.

Ao amigo e orientador, Luiz, para quem o *sendo-uns-com-os-outros-no-mundo-sendo* é mais que uma categoria, e cuja sensibilidade ousa acreditar naquilo que outras pessoas não vêem, ou não querem olhar. Obrigado!

Há um menino, há um moleque,
Brincando sempre no meu coração.
Toda vez que o adulto balança
Ele vem pra me dar a mão.

(Milton Nascimento/Fernando Brant)

RESUMO

O presente estudo foi realizado junto a treze participantes dos mergulhos e saltos na Bacia do Salto do Rio Jacaré Pepira, localizada no Parque dos Saltos, na cidade de Brotas, interior do estado de São Paulo. A prática social dos mergulhos e saltos na Bacia, culturalmente desenvolvida por moradores e moradoras do município desde a infância, apresenta-se como uma transgressão aos valores instituídos comercialmente pela indústria do turismo brotense, por desenvolverem-se em um espaço não utilizado pelas agências, em razão dos riscos que o local oferece a seus frequentadores. Durante o desenvolvimento desta dissertação, as relações entre a cultura popular, as linguagens e expressividade da arte, e o tempo e liberdade no lazer, dialogaram entre si e forneceram elementos que orientaram muitas das reflexões alcançadas. O objetivo desta investigação foi o desvelamento da essência da prática social lazer na Bacia do Salto, no intento de compreender os processos educativos constituídos nessas relações, em re-conhecimento à diversidade cultural como um elemento possível para a constituição de uma pedagógica voltada ao humano como ser de sua existência. A metodologia utilizada foi a fenomenologia, modalidade fenômeno situado, orientada a partir da questão: Qual o significado de sua experiência na Bacia do Salto do Rio Jacaré Pepira? Na análise dos dados coletados mediante entrevistas individuais, encontramos quatro categorias: A) Extasias; B) Enfrentamento das adversidades; C) Contexto masculinizado; D) Processos Educativos. Nas considerações pudemos compreender as relações constituintes dos processos educativos, que transitam em movimento contínuo a partir das reflexões de seus participantes, corporificada pelas sensações de prazer, meios de enfrentar os medos e angústias do cotidiano e auto-afirmação no papel que assumem perante a sociedade. A essência desvelada indica que um novo olhar, sem pré-conceitos e disposto a aceitar o saber da experiência popular, à prática social lazer, revela-se como potencialmente facultativo à construção de uma pedagógica humanizadora latino-americana, carregada por sentidos de homens e mulheres de grupos e comunidades populares.

Palavras-chave: Processos Educativos; Lazer; Cultura Popular.

ABSTRACT

This study was conducted with thirteen participants dips and jumps in the Bacia do Salto do Rio Jacaré, site located at Parque dos Saltos in Brotas city, small town of São Paulo state. The social practice of dips and jumps in Bacia, culturally developed by residents of the city since childhood, which is presented as a breach of the established commercially values by the brotense tourism industry, because are developing in an unused space by agencies to due the risk that the site offers to people who do this. During the development of this dissertation, the relationship between popular culture, languages and cutout art and, the time and freedom in leisure, dialogue each and provided orientate many of reflections built. The objective of this research was to unveil the essence of a social recreation in the Bacia do Salto, in attempt to understand the educational processes constituted in these relations, in re-cognition to cultural diversity as a possible element for the establishment of a teaching focused on the human and its existence. The methodology was phenomenology, located phenomenon mode, conduced from the question: What does sense in your experience in Bacia do Salto of Rio Jacaré Pepira? In the analysis of the data collected through individual interviews, we found four categories: A) Ecstasy; B) Envisage the adversity, C) Masculine context; D) Educational Processes. In the considerations we understand the relationships of the educational components that travel in continuous motion from the reflections of the participants, embodied by the sensations of pleasure, means of confronting the fears and anxieties of daily life and self-assertion on the role they have assumed before the society . The essence indicates that a new look unveiled without preconceptions and willing to accept the popular wisdom of the experience, practice, social leisure, has potential facultative to building a humane pedagogical Latin American, born by way of men and women's groups and grassroots communities.

Keywords: Educational Processes, Leisure; Popular culture.

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Cabeludo em mergulho na Bacia do Salto**. Fonte:** Cabeludo, 1960_____capa

Foto 2: Mergulho na Bacia do Salto. **Fonte**: Cabeludo, 1960_____ 1

Foto 3: Foto da Bacia do Salto a partir da margem direita do Rio Jacaré Pepira. **Fonte**: o autor, 2009._____ 5

Foto 4: Imagem de Nossa Senhora das Brotas localizada na Capela da Santa Cruz. **Fonte**: o autor, 2007._____ 8

Foto 5: Foto do Clube de Natação Santa Cruz - 1940. **Fonte**: acervo fotográfico do CIAM – Centro de Interpretação Ambiental de Brotas. _____ 9

Foto 6: Foto da margem do Rio Jacaré Pepira no local onde se encontrava o Clube de Natação Santa Cruz. **Fonte**: o autor, 2008. _____ 10

Foto 7: Mergulho da Ponte do Rio Jacaré. **Fonte:** Cabeludo, 1957. _____ 11

Foto 8: Vista da área aquática do Parque dos Saltos a partir de seu acesso pela Usina, tendo à esquerda, a Bacia do Salto e à direita a Baciinha. **Fonte:** o autor, 2009._____ 11

Foto 9: Mergulho na Bacia do Salto**. Fonte:** o autor, 2006**.** _____ 17

Foto 10: Vivência de lazer entre praticantes de mergulhos e saltos na Bacia. **Fonte**: Cabeludo, 1963._____ 29

Foto 11: Garoto apresenta a rapaz melhor local para posicionar-se na Bacia do Salto. **Fonte:** o autor, 2006. _____ 51

Foto 12: Mergulho na Bacia do Salto. **Fonte:** Cabeludo, 1964. _____ 60

Foto 13: Rapaz em contemplação na Bacia do Salto. **Fonte:** Cabeludo, 1964._____ 67

Foto 14: Mergulho na Bacia do Salto com visão de seu entorno**. Fonte:** Cabeludo, 1959. _ 89

Foto 15: Didi mergulhando na Bacia do Salto. **Fonte**:Cabeludo, 1959. _____ 95

Foto 16: Cabeludo na Bacia do Salto. **Fonte**: Didi, 1965._____ 106

Foto 17: Didi e Cabeludo mergulhando na Bacia do Salto. **Fonte**: Cabeludo, 1959_____ 114

Foto 18: Mergulhando na Bacia do Salto. **Fonte**: Cabeludo, 1959. _____ 123

SUMÁRIO

Pór-a-o'ita 2
1 - A cultura em suspensão 18
2 - Acesso à Bacia do Salto 30
2.1 – Expressão e potencialidade na Arte 30
2.2 – Tempo e liberdade no Lazer 35
2.3 – O lazer em jogo 44
3 - Poéticas culturais do lazer 52
4 - Motricidade translúcida 61
5 - Como as coisas são 68
5.1. – Compreensões dos praticantes 68
Discurso Morgana Jacaré 68
Discurso Araújo 70
Discurso Serenidade 73
Discurso Jacaré 74
Discurso Water 76
Discurso Betão 78
Discurso Errece 79
Discurso Bradock 81
Discurso Didi 82
Discurso Cabeludo 83
Discurso Chupeta 85
Discurso Gugu 85
Discurso CRF250R 86
6 - Sinestesias da Bacia do Salto 90
6.1 – Análise Nomotética 92
6.1.1 – Matriz Nomotética 92
A – Extasias 93
B – Enfrentamento das adversidades 96
C – Contexto masculinizado 99
D – Processos educativos 100
Considerações 107
Referências 115

Apêndices 124
Transcrição dos discursos dos sujeitos da pesquisa _____ 124
Morgana Jacaré 124
Araújo 124
Serenidade 126
Jacaré 126
Water 128
Betão 128
Errece 129
Bradock 130
Didi 131
Cabeludo 131
Chupeta 132
Gugu 132
CRF250R 133
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido _____ 135

Foto 2: Mergulho na Bacia do Salto. **Fonte**: Cabeludo, 1960

.

Pór-a-o'ita

"*As pessoas parece que estão se divertindo*", disse,
"*mas elas fazem isso pra não esquecer quem são*"
(BRANDÃO, 1991, p.10)[1].

Um dos questionamentos mais recorrentes, e incômodos, durante minha pós-graduação, foi a motivação que me levou à abordagem do Lazer, como campo de estudo para o mestrado em Educação, na perspectiva de que minha graduação em arte clamava por uma especialização diretamente relacionada às linguagens comunicativas visuais, de preferência, com representação na plástica, o que estimulava a noção de que tal direcionamento se apresentaria mais relevante para a constituição de uma excelência acadêmica.

Nesta perspectiva, e na maior parte das entrelinhas verbais das conversas trocadas, o lazer, como um processo significativo para a Educação, teria um peso menor, tanto no que concerne à Arte, quanto à sua relevância para a Educação, destacando, neste aspecto, os processos de ensino e aprendizagem e também seus fundamentos. A abordagem apressada e ingênua da proposta desta pesquisa revela-se amparada por discursos que procuram minimizar valores significativos que o lazer carrega como manifestação intencional do ser humano.

Esta intencionalidade, potencialmente apta a desencadear por meio das práticas em que se configura, processos educativos relevantes para a compreensão dos relacionamentos humanos e, posteriormente, como orientação para o desenvolvimento de reflexões e práticas pedagógicas que contribuam na elaboração de novas posturas educativas, mostra-se fortalecida mediante sua condição de prática social, carregada de manifestações populares que se desvelam em momentos de lazer e de criação artística, imbuídas de sentidos peculiares àqueles e àquelas que as fazem existir.

A esse respeito, e na perspectiva de situar historicamente a motivação que orientou a construção desse trabalho, é importante destacar que o interesse pelas

[1] Frase dita por um búlgaro que Carlos Rodrigues Brandão conheceu em Pirenópolis sobre as festas populares.

manifestações populares configurou-se durante a graduação, quando tive contato, por meio de uma disciplina chamada Folclore, a discussões sobre práticas sociais populares, consciente de que, como descreve Arantes (1990), "[...] embora nos ensinem a ter um modo de vida refinado, civilizado e eficiente – numa palavra, 'culto' – não conseguimos evitar que muitos objetos e práticas que qualificamos de 'populares' pontilhem nosso cotidiano (p.12)". Como nos lembra Ostrower (2008):

> Cada homem é um indivíduo. Ao agir, inter-age com o mundo. Eventualmente ele agirá sobre o próprio contexto cultural. Por motivos talvez de ordem puramente pessoal e correspondentes a um potencial específico seu, podem desencadear-se no indivíduo respostas que, à medida em que aprofundam certos valores e certas possibilidades existentes no contexto em que vive, modificam essas possibilidades para rumos diferentes. (p.103)

Durante os anos seguintes, já na condição de arte-educador na rede pública de ensino, inicialmente em Torrinha e depois em Brotas, ambas no interior do estado de São Paulo, elementos da cultura popular continuaram a orientar a constituição de minhas práticas e projetos pedagógicos, como meios para desenvolvimento dos conteúdos previstos para a sala de aula. Na perspectiva de absorver, nesse processo, fragmentos histórica e culturalmente próprios aos alunos e alunas que se expunham frente minha orientação, havia a expectativa de que o ensino e a aprendizagem se constituíssem por meio de sentidos singulares dentro da diversidade presente em cada turma.

O aprimoramento deste projeto profissional se fortaleceu, então, durante os estudos desencadeados pela disciplina "Lazer, Trabalho e Educação", no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob a ótica da linha Práticas Sociais e Processos Educativos.

O retorno à universidade e o contato mais maduro com os processos acadêmicos, agora no intento de colaborar por meio da pesquisa com o desenvolvimento de novas metodologias fundamentadas em processos educativos das classes populares, principalmente, valorizando o saber de experiência que cada ser humano traz em sua vivência, consolidou-se e

encontrou sustentação a partir das discussões em sala de aula, nos intervalos de café e no restaurante universitário, nos quais Enrique Dussel, Paulo Freire, Merleau-Ponty, Ernani Fiori, Ecléa e Alfredo Bosi, fundamentalmente, fizeram-se presentes, oferecendo base de argumentação, propondo novas questões e, principalmente, ecoando as palavras que viriam orientar os caminhos e os processos educativos que se desvelavam novamente em mim.

A abordagem e as discussões a respeito das relações do lazer como uma prática social plena em sentidos e significados para seus sujeitos, que instigou um novo olhar para as manifestações populares, mais especificamente a fruição do lazer no Parque dos Saltos na cidade de Brotas, onde diferentes pessoas desenvolvem mergulhos e saltos em uma bacia formada pelas águas do rio Jacaré Pepira (SOUZA; GONÇALVES JUNIOR, 2007), tornou-se elemento significativo para reflexões a respeitos dessa interface entre o *lazer*, a *arte* e a *cultura*.

Local desse estudo, o município de Brotas, situado na região central do estado de São Paulo, tem 20.996 habitantes distribuídos em uma área de 1.001km² (IBGE, 2007). Mais de 80% do território do município encontra-se inserido na Bacia Hidrográfica do Rio Jacaré Pepira.

> A Bacia do Rio Jacaré Pepira, pertencente à Bacia do rio Paraná, possui extensão territorial de mais de 2.612 km², sendo que grande parte de sua extensão é preservada. Estende-se por 13 municípios, sendo que Brotas possui mais de 30% de participação territorial, além de ser o único trecho em que o rio forma corredeiras e cachoeiras, pois em quase todo o percurso as águas são calmas (PIMENTA, 2008, p.36-37).

Com sua fonte localizada na Serra de Itaqueri, que faz a divisão entre os municípios de São Pedro e Brotas, a 960 metros de altitude, o Rio Jacaré Pepira, tem extensão de 174 km (FERREIRA, 2008) e, em sua área urbana, dispõe um espaço de visitação gratuita para o lazer próprio aos moradores locais e turistas, conhecido como Parque dos Saltos. O lugar tem área para piqueniques, duas pontes que cruzam o rio integrando um percurso de passeio, a estrutura reformada da usina que fornecia energia elétrica ao município até meados

do século XX e dois mirantes instalados na margem esquerda. Além dessa estrutura, o Parque dos Saltos também é ponto de chegada dos passeios de *bóia-cross*[2], local de treino para as equipes de *raffting*[3] e cenário dos campeonatos de canoagem na modalidade *slalom*[4].

É no Parque dos Saltos, na área localizada entre o prédio da usina e a ponte pênsil que se localiza a Bacia do Salto (foto 3).

Foto 3: Foto da Bacia do Salto a partir da margem direita do Rio Jacaré Pepira. **Fonte**: o autor, 2009.

Formada por rochas cobertas por limo em diversos pontos e contando com aproximadamente 13 metros de extensão, 7 de largura e 3 de queda com variação de profundidade que se situa entre 2 e 4 metros, a Bacia do Salto é uma piscina natural que se apresenta em uma das quedas da corredeira do Rio Jacaré Pepira. A correnteza e a força da água produzem uma camada de espuma e bolhas, a qual amortece a queda nos mergulhos.

---

[2] Atividade realizada no Rio Jacaré Pepira, na qual uma câmara de ar de pneu de caminhão ou trator, revestida com capa protetora e munida de alças, sustenta seu praticante.

[3] *Raffting* é a descida de corredeira desenvolvida em botes infláveis por grupos de pessoas, que, munidos de remos, se deslocam na corredeira buscando controlar o bote no fluxo do rio.

[4] Prática de canoagem realizada com caiaques, o desenvolvimento dessa atividade busca vencer um percurso marcado por obstáculos artificiais além dos apresentados pelo rio: rochas e velocidade da água.

A gestão dos recursos naturais teve seu início no final da década de 1980, com base na intervenção da Organização Não Governamental “Movimento Rio Vivo”, a qual se posicionou contrária à instalação de um curtume às margens do Rio Jacaré Pepira, no local onde hoje se encontra o Centro de Interpretação Ambiental de Brotas (CIAM), sendo o primeiro grupo a normatizar medidas sócio-educativas sobre o meio ambiente para a população e de seu uso pelo turismo. O CONDEMA (Conselho de Defesa do Meio Ambiente) constituído por 13 municípios da Bacia do Rio Jacaré Pepira somou forças à regulamentação das práticas de turismo, o que foi bem-vindo devido ao início da implantação das agências em 1993 (AGNELLI, 2006).

> Os recursos naturais são definitivamente o aporte para a prática de todos os esportes de aventura onde seu usufruto ocorre por meio de uso direto. Assim sendo, tais recursos naturais como cachoeiras, a topografia do município, a visão cênica da paisagem, os córregos, os rios, a vegetação predominante e outros atrativos naturais, possuem um valor ambiental bastante considerável (OLIVEIRA JUNIOR; BITENCOURT, 2005, p.5).

O processo de desenvolvimento pelo qual passa o município em relação ao turismo, vem desde sua legitimação, pelo Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), como “Cidade Turística” em 1994; passando pela criação do COMTUR (Conselho Municipal de Turismo) em 1999, que também marca o início da normatização do turismo em Brotas (GRIGOLIN, 2004); o reconhecimento do título “Capital dos Esportes de Aventura” em 2002 e a atual busca pelo título de “Estância Turística” (AGNELLI, 2006) aliada às intenções do Núcleo de Turismo Brotas Brasil criado em 2002; da regulamentação do Plano Diretor (BROTAS, 2006) instituído por meio da Lei complementar n.º 0012/2006, de 22 de novembro de 2006 e da assinatura do convênio “município verde” em 2007 (PIMENTA, 2008).

Em estudo realizado sobre os impactos do turismo no município de Brotas, Pimenta (2008) apresenta as transformações presentes nas zonas rural e urbana, a partir da consolidação da exploração turística, trazendo à discussão alguns conceitos que estruturam o tipo de atividades desenvolvidas ali, assim como, a maneira que os diversos órgãos

responsáveis por sua manutenção, vêm trabalhando a fim de normatizar essa prática. Para a autora:

> A atividade turística causou impactos tanto positivos quanto negativos [...], os resultados positivos prevaleceram, já que foi possível a minimização dos aspectos negativos, através dos benefícios ambientais e econômicos gerados no território. Esses benefícios permitiram a inclusão de diferentes setores e atores da sociedade no processo de implantação e operação das atividades, ainda que não se trate de uma maioria [...], porém isso não se revelou em mudança de comportamento e visão da população local, uma vez que a maior parte desta não está envolvida e muito menos inserida no setor (p.154-155).

Utilizando esse apontamento em relação aos habitantes de Brotas, é interessante considerar a formação do município a partir das pessoas que vivem nele. A cidade tem sua origem com um povoamento que se desenvolveu nas terras de Dª. Francisca Ribeiro dos Reis no início do século XIX.

A escolha do nome para a cidade, segundo a tradição oral e também registrada por Ramos et al. (1996) no livro "Brotas, cotidiano & história", é especulada a partir de várias versões, que a relacionam à quantidade de nascentes de água no local (brotas d'água), ao formato dos bolinhos de polvilho servidos por Dª Francisca aos viajantes (bolotas); uma alusão a um tipo de planta medicinal e ornamental de origem européia (abróteas); à corruptela do vocábulo tupi-guarani "pór-a-o'ita" (*por-a*, referindo-se a saltos e *o'ita* a alto, superior) que designaria o percurso formado por rochas submersas do Rio Jacaré Pepira; além da origem religiosa, na qual os portugueses católicos, moradores iniciais na cidade, fariam uma homenagem a Nossa Senhora das Brotas (foto 4), santa louvada na província do Alentejo, em Portugal:

> Chama a atenção para essa versão [...] a existência de uma imagem de meados do século XIX de Nossa Senhora das Brotas na capela de Santa Cruz, [...] doada à capela pelo conhecido tocador de seus sinos, o Nenê Sineiro, descendente de Francisca Ribeiro dos Reis (RAMOS et al., 1996, p.123).

Assim, apesar das referências necessárias ao espaço em que se situa a cidade de Brotas, a proposta desse estudo baseia-se na constituição e nos saberes manifestos do lazer

encontrados na cultura popular que sobrevive por meio de seus habitantes, por meio da resistência frente os avanços ideológicos que totalizam interesses dos gestores e outros responsáveis pela elaboração e manutenção de um novo perfil rural e urbano para o município.

Foto 4: Imagem de Nossa Senhora das Brotas localizada na Capela da Santa Cruz. **Fonte**: o autor, 2007.

Nesse sentido, e face à construção que será desenvolvida, é significativa uma caracterização histórica do Rio Jacaré em suas interfaces com o lazer brotense.

Às margens do Rio Jacaré Pepira, na década de 1940, os moradores organizaram um espaço que ficou conhecido como Clube de Natação Santa Cruz (foto 5). Com vestiário masculino e feminino, trampolim e uma área delimitada para segurança das crianças, o clube era aberto à comunidade que o utilizava com freqüência, como descreve uma das participantes de pesquisa desenvolvida sobre este local de lazer brotense (SOUZA, GONÇALVES JUNIOR, 2010):

"É que a gente aprendeu a nadar no rio Jacaré [...] tinha cochinho, que era um local cercado pras crianças mais novas [...]. Ali era o Clube Santa Cruz. Era à margem do rio.

Tinha vestiário, tinha local pra ginástica [...], que ali era uma praia na verdade. A família inteira, meus irmãos todos, a gente aprendeu tudo a nadar ali" [s.p.].

Foto 5: Foto do Clube de Natação Santa Cruz - 1940. **Fonte**: acervo fotográfico do CIAM – Centro de Interpretação Ambiental de Brotas.

No capítulo destinado à "História do Entretenimento de Brotas", presente no livro "Brotas, cotidiano & história" (RAMOS et al., 1996), há uma passagem que fala desta relação entre o morador brotense e o Rio Jacaré:

> Muito mais do que um simples rio, o Jacaré Pepira Mirim sempre representou para o brotense um processo de integração à natureza, uma comunhão entre o homem e seu espaço vital. Seu curso, composto de um sem número de cachoeiras e saltos, contrasta com sua lânguida travessia ao encontro do Tietê e configura uma paisagem especial. A pequena vila que surgiu às suas margens o transformou, também, em objeto de lazer. Nadar no Jacaré, descer o rio de bóia – embrião do atual bóia-cross – , fazer piquenique em suas margens foram formas de explorar o lado lúdico desse rio (1996, p.104).

O Clube de Natação Santa Cruz existiu até meados da década de 1960, quando foi desmanchado para possibilitar a construção de uma nova rua e que, atualmente, é o local de desembarque utilizado pelos praticantes de *bóia-cross* (foto 6).

Foto 6: Foto da margem do Rio Jacaré Pepira no local onde se encontrava o Clube de Natação Santa Cruz.
Fonte: o autor, 2008.

Atualmente, a vivência do lazer gratuito do morador brotense na área onde o Rio Jacaré Pepira cruza a cidade, é limitado às áreas conhecidas como:

Pedrinha, local onde antigamente começava a área do Clube de Natação Santa Cruz, no qual a diversão consiste em saltar na água impulsionando-se por uma corda amarrada às árvores;

Poção, que se localiza em uma propriedade rural próxima ao centro de Brotas, também utilizado por agências de turismo para a partida do *bóia-cross*, no qual é possível praticar natação;

Caju, localizado entre o Poção e a Pedrinha, que é frequentado por muitos moradores nas épocas de calor para se refrescarem;

Ponte do Rio Jacaré, de onde os moradores saltam ou mergulham em direção a uma pequena represa, uma das práticas sociais de lazer mais antigas encontradas no município (foto 6), que também se encontra comprometida devido ao assoreamento do rio e pela incidência de turistas que praticam a atividade sem conhecimento do local.

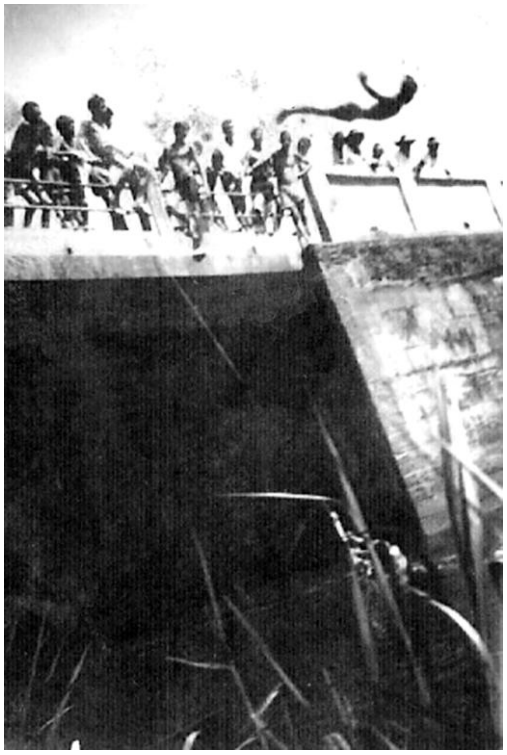


Foto 7: Mergulho da Ponte do Rio Jacaré. **Fonte:** Cabeludo, 1957.

Outro local de uso para o lazer brotense é a área do **Parque dos Saltos** (foto 8), no qual, além da **Baciinha,** onde é possível se refrescar nas quedas da corredeira, encontra-se também a **Bacia do Salto**, procurada por moradores para mergulhos e saltos e objeto de estudo desta pesquisa.

Foto 8: Vista da área aquática do Parque dos Saltos a partir de seu acesso pela Usina, tendo à esquerda, a Bacia do Salto e à direita a Baciinha. **Fonte:** o autor, 2009.

Considerando esta constituição e na intenção de qualificar positivamente o papel humano nesse estudo, em que partimos do entendimento de que "[...] se somos seres da consciência reflexiva, do símbolo, do significado e da cultura, o saber através do qual tudo isso se transforma em gestos humanos é a matriz operadora da própria realização de nossas vidas" (BRANDÃO, 2005, p.45), a compreensão dos sentidos relacionados à Arte e ao Lazer, em diálogo com a Cultura e a Educação, só podem acontecer se humanamente situados.

O diálogo possível entre essas interfaces pontua-se a partir da compreensão de que o ser humano exerce uma ação mútua com os entes de sua existência, afetando e sendo influenciado na condição que o faz ser quem é. Esse compartilhamento de percepções carrega um sentido peculiar, pois sua correspondência primeira acontece dentro de determinados contextos culturais, geralmente relacionados por meio de manifestações do lazer e da arte, configurando processos educativos que são individualmente significativos e análogos a valores ordenados pelas experiências que cada pessoa realiza.

Nessa perspectiva, Ostrower (2008) nos diz que a incorporação dos valores do outro, além de renovar as concepções já carregadas na memória individual, torna-se fonte reflexiva de um novo estar ao mundo, no qual nossa memória se amplia, *incorporando*-o e *incorporando-se* pelo despertar que modifica, repercute e delineia novas compreensões a respeito da vida e do mundo, "[...] nossa memória seria, portanto, uma memória não-factual. Seria uma memória de vida vivida. Sempre com novas interligações e configurações, aberta às associações" (p. 19). Assim também compreende Fiori (1986), ao dizer que:

> Todas as atividades humanas, enquanto carregadas de uma significação valorativa (seja econômica, religiosa ou outra) representam dimensões de cultura. A globalização destas atividades, vistas numa perspectiva axiológica, dilata o território da cultura a tudo que é humano. E todo dinamismo humano tem direção axiológica. Sendo assim, num sistema estático de valores, não há renovação do homem (p.6).

Partindo dessa concepção e com foco na essência da intencionalidade humana para a compreensão da prática social lazer, treze pessoas foram convidadas a participar desta

pesquisa, dos quais cinco homens e duas mulheres, entre os 50 e 75 anos de idade, não praticam mais os mergulhos e saltos na Bacia do Salto ou o fazem ocasionalmente, e seis rapazes, entre 15 e 26 anos, que utilizam com frequência a Bacia do Salto para a fruição do lazer deles.

A linguagem, operando como organizadora de ideias e constituindo situação, justamente por ser ela própria, o resultado de uma construção histórica humana (MERLEAU-PONTY, 2002) é elemento fundamental para a construção desta pesquisa, considerando a participação direta de seus sujeitos e sua contribuição por meio de suas palavras, que oferecerem-nos dados para reflexão e compreensão do fenômeno.

É por intermédio da linguagem que somos lançados à intenção de com quem falamos, sobre quem lemos ou a quem direcionamos nosso pensamento. Pela linguagem, dessa troca contínua em que um fala e o outro escuta, e este, por sua vez retorna a fala enquanto aquele ouve, em uma relação centrífuga, a qual continua sucessivamente por quanto tempo durar o diálogo, é que temos a possibilidade de mudar as perspectivas pelas quais traçamos nossas vidas.

> Se lido com um desconhecido que ainda não disse uma só palavra, posso acreditar que ele vive em um outro mundo no qual minhas ações e meus pensamentos não são dignos de figurar. Mas que ele diga uma palavra ou apenas faça um gesto de impaciência, e ele já deixa de me transcender: então é esta a sua voz, são estes os seus pensamentos, eis, portanto o domínio que eu acreditava inacessível. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 484)

O ser humano tem o seu referencial, desenvolvido a partir de suas relações com outras pessoas e com o mundo em que vive. Quando há a troca de falas, quando existe o diálogo, há uma troca de saberes e não uma substituição, como reforça Merleau-Ponty (2002): “A fala, por um lado, retoma e supera, mas, por outro, conserva e continua a certeza sensível, ela jamais penetra inteiramente o ‘silêncio eterno’ da subjetividade privada [...]” (p.66).

Então, nos cabe interrogar quais seriam os significados que a prática social lazer, manifestada nos mergulhos e saltos na Bacia do Salto do Rio Jacaré Pepira de Brotas,

resistente às mudanças culturais emergentes no município, tem para seus praticantes, e que processos educativos são constituídos nestas relações.

O objetivo dessa interrogação é o desvelamento da essência da prática social lazer na Bacia do Salto, no intento de compreender os processos educativos constituídos nessas relações, em re-conhecimento[5] à diversidade cultural como um elemento possível para a constituição de uma pedagógica voltada ao humano, como ser de sua existência.

Em relação à estrutura da presente dissertação, a utilização da linguagem visual revelada pelas fotografias presentes ao longo do texto pretende aproximar o meu olhar e o de seus autores ao dos leitores e das leitoras que tiverem contato com esse trabalho, na tentativa de aproximar aquele mundo vivido desse que se constrói a cada linha que nossos olhos percorrem.

Esta proposta acredita que a utilização das fotografias ultrapassam o caráter dado a esta linguagem pelos instrumentos da mídia que as utilizam em abundância no mundo moderno, formando uma "[...] percepção abstrata das coisas que freqüentemente não existem mais por elas mesmas, mas somente através das imagens." (BAVCAR, 1994, p.464) e assumem um papel de aproximação visual das percepções de seus autores, refletindo "[...] sobre os significados da fotografia na sua condição de indivíduo, reconstruindo a trajetória de sua vida, e de seu coletivo, participando na construção do seu meio ambiente, de uma sociedade da qual faz parte [...]" (VIEIRA, 2008, p.116).

Esta dissertação encontra-se dividida em seis capítulos, cujos títulos têm a intenção de aproximar o leitor do fenômeno pesquisado. No capítulo **1: A cultura em suspensão** tem início o caminho de acesso à *Bacia do Salto*, suporte da prática social lazer que pesquisamos e no qual são apresentadas algumas construções a respeito das culturas,

[5] No texto desta dissertação, o uso do hífem em algumas palavras tem a intenção de que seja feita uma reflexão sobre termos que utilizamos de forma automatizada, muitas vezes assumindo, desta maneira, valores ideológicos que são contrários ao sentido que desejamos utilizar.

considerando principalmente sua constituição face aos seres humanos, permeadas pelo entendimento que se dá à *liberdade*, *expressão* e *tempo* em nossas relações culturais.

No capítulo **2: Acesso à Bacia do Salto** buscamos uma aproximação entre a arte e o lazer no entendimento de sua expressividade, potencial libertador e temporalidade, *culturalmente* constituída a partir da intencionalidade do ser. Na tentativa de expor essa percepção, o capítulo subdivide-se em três itens. No primeiro, **2.1: Expressão e potencialidade na arte** propomos algumas reflexões sobre a *potencialidade* da arte a partir de seu caráter expressivo – *culturalmente formado* ou *ideologicamente instituído*; no item **2.2: Tempo e liberdade no lazer** abordamos as discussões que levam o fenômeno à *dimensão* de cultura, considerando as propostas conferidas ao lazer e a seus *conteúdos*; no item **2.3: O lazer em jogo** discutimos o caráter cultural dos jogos e as abordagens que os aproximam dos seres humanos.

No capítulo **3: Poéticas culturais do lazer** apresentamos nossas compreensões sobre *práticas sociais e processos educativos*, por meio de uma discussão que busca desvelar algumas reflexões sobre a *prática social lazer* face à *educação*.

No capítulo **4: Motricidade translúcida**, a pesquisa é apresentada por meio de sua fundamentação teórica, normatizada pela modalidade do *fenômeno situado*.

No capítulo **5: Como as coisas são**, apresentamos as *unidades de significado* e a *redução fenomenológica* do discurso dos participantes da pesquisa. As análises são apresentadas e descritas no item 5.1. **Compreensões dos praticantes**.

Finalizando, no capítulo **6: Sinestesias da Bacia do Salto**, apresentamos a construção dos resultados a partir da **Análises Nomotética** (6.1) e da **Matriz Nomotética** (6.1.1).

É significativo ainda dizer que, na redação desta dissertação, em respeito ao contexto e às relações que fundamentaram sua escrita, o *singular* e o *plural* intercalam-se, na intenção de aproximar o leitor dos movimentos realizados para sua construção.

Foto 9: Mergulho na Bacia do Salto**. Fonte:** o autor, 2006**.**

1 - A cultura em suspensão

Essas são as regras humanas da criação e do amor:
fazer de novo, refazer, inovar, recuperar,
retomar o antigo e a tradição, de novo inovar,
incorporar o velho no novo e transformar
um com o poder do outro.
(BRANDÃO, 1991, p.39).

Pessoas saltando no ar, criam e vivenciam a partir de sua corporeidade a experiência que os torna, culturalmente, quem são. Da mesma maneira, abordar a cultura a partir de construções variadas que possibilitem sua compreensão com outros olhares, torna necessária a suspensão conceitual que determina o que é ou não é cultural.

Para principiar este caminho de acesso a Bacia do Salto, e colocá-la em suspensão, compartilharemos o pensamento de alguns autores e autoras que me acompanharam até lá, quando pouco a pouco me inseri junto aos/as praticantes de mergulhos e saltos da citada Bacia.

Conceitos como *tempo*, *liberdade* e *expressão* realizam-se em diálogo transversal nas relações humanas, convidando seus atores e atrizes a uma participação, não apenas histórica de existência, como também, perceptiva dos processos de humanização a que se expõem. O contato entre esses campos e a percepção desses conceitos como fenômenos reais são fundamentais, no intento de que se compreenda sua significação para uma discussão e reflexão a respeito dos processos educativos que vigoram instrumentalizados pelas instituições responsáveis pela oferta da Educação no Brasil.

Freire (2008) alerta que um treinamento unicamente, ou baseado essencialmente para o desenvolvimento de habilidades técnicas, desabitado do saber popular presente nas comunidades é contrário à existência humana, pois se mostra insuficiente para que possamos contribuir histórica, política, social e culturalmente, a partir do que nos passa, para a realização da sociedade.

A liberdade para agir, inteiramente, em respeito ao tempo que individualmente se reflete na constituição do coletivo deve, na concepção de Merleau-Ponty (2006), ser expresso por e considerar:

> O projeto existencial que é a polarização de uma vida em direção a uma meta determinada-indeterminada da qual ela não tem nenhuma representação e que só reconhece no momento de atingi-la. [...] Sou eu que dou um sentido e um porvir à minha vida, mas isso não quer dizer que esse sentido e esse porvir sejam concebidos, eles brotam de meu presente e de meu passado e, em particular, de meu modo de coexistência presente e passado (p.598-599).

Nesse sentido, a proposta de um projeto educativo deve se manter próximo às experiências daqueles e daquelas para quem se voltam, pois é a extasia individual, culturalmente preferida face a outras, que orienta cada um do que é meritório ou essencial para a elaboração do que buscamos para nossas vidas. Assim, apresentamos uma discussão sobre o termo cultura, particularmente cultura popular.

Segundo Ayala e Ayala (1995) "[...] cultura popular é o conjunto de experiências adquiridas, imaginadas, criadas e recriadas pela maioria, contemplando suas tradições, costumes, modos, valores, crenças, folguedos, expressões artísticas, ideias, ações do cotidiano e conhecimentos." (p.34). O leque de definições contempladas por esta construção, quando apropriadas pela mídia, acaba por validar as ações que minimizam seus significados primordiais em função de interesses políticos, sociais e financeiros, alheios às comunidades e grupos onde tais manifestações tiveram origem.

As abordagens superficiais que trazem compreensões da cultura, pela mídia, fomentam a construção de um imaginário estruturado a partir de estereótipos nos quais estas manifestações são atribuídas, não a gestos, mas a pessoas de baixa renda, pouca escolaridade e distantes da urbanização. Paradoxalmente, também, à cultura são consagradas as *representações* de uma refinação de hábitos institucionalizada por valores burgueses.

> Uma pessoa em nosso tempo pode pertencer aos meios cultos sem nunca ter pensado no destino humano como os gregos pensaram, ou nunca ter contemplado as

> constelações visíveis nas diferentes estações. Ela só conhece a via-láctea reproduzidas nos livros e se crê superior aos pastores da Ásia que contemplavam estrelas. E se acha superior aos que trabalham com as mãos ou cultivam a terra, pois ela própria se diz uma pessoa cultivada (BOSI, 2004, p.18).

A atenção dada pela Constituição Federal sancionada em 1988 (BRASIL, 1999), que reúne, no Art. 216, os bens *materiais e imateriais*, definidos como: *formas de expressão; criações da ciência, arte e tecnologia; maneiras de criar, fazer e viver; produções técnicas humanas e, conjuntos humanos de realização criativa, social ou histórica*; sob o conceito Patrimônio Cultural Brasileiro, abrange, em sua aplicação prática, frequentemente, o tombamento de bens materiais (SANTOS, 2001), o que contribuía para a legitimação dos pré-conceitos elitizados sobre o alcance da palavra Cultura. Teoricamente, essa determinação passa a considerar um sentido conceitual mais amplo a partir da Resolução nº. 1, de 03 de agosto de 2006, que complementa o Decreto nº. 3.551, de 4 de agosto de 2000 (CAVALCANTI; FONSECA, 2008), voltando a atenção para o Patrimônio Imaterial, em consonância com a "*Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial*" (UNESCO, 2003):

> Entende-se por "patrimônio cultural imaterial" as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. [s.p.]

A origem da palavra cultura[6], de acordo com o dicionário etimológico de Viaro (2008) tem origem na expressão latina *colère*, remetendo a acepção desse termo a *cultivar*, *tratar bem* e *cultuar*. Indo ao encontro desta ideia, a discussão do termo por Alfredo Bosi

[6] Para Laraia (2001), o conceito de cultura utilizado nos dias de hoje, teria sua origem a partir da construção realizada por *Edward Tylor* (1832-1917), que uniu o termo germânico *kultur* relativo à espiritualidade, à palavra francesa *civilization* que condensava o sentido das realizações materiais de um povo no termo *culture*.

(1992), conceitua-se a partir do verbo latino *colo*, que para os romanos compreendia a *ocupação da terra*, a *moradia*, tendo também o sentido de cuidar.

Com a intenção de aumentar esta discussão, alerto que *collun*, expressão oriunda de *colère* significa pescoço, cuja utilização coloquial, por meio do saber popular faz alusão ao colo da moradia, tendo o sentido de cuidar, de "levar ao colo". Neste entendimento, quem cuida levando ao colo, cultiva ou cultua o que sente ou considera importante para sua existência, não pode ser compreendido de modo abstrato, pois estas ações se realizam graças ao *ser humano*, palavra cuja origem latina é *humus*, o solo, aquele que sustenta as *culturas*.

Assim, de forma simbólica, uma compreensão existencial da cultura nos leva à sua realização por meio dos seres humanos oriundos do solo, seja o solo sagrado, o natural ou o elaborado[7], mas sempre o humano, pura e estruturalmente, o verdadeiro responsável pela existência da cultura. A cultura só é quando tem quem a faça *ser* ao mesmo tempo em se torna *Ser*.

Alfredo Bosi (1992), no livro "*Dialética da Colonização*", traça um mapeamento histórico do desenvolvimento cultural do Brasil a partir de suas instituições, desde sua colonização e a influência jesuíta a partir de 1553, passando pela apropriação do saber africano, até o período conhecido como Estado Novo compreendido de 1937 a 1945. Uma análise sobre a *tripartição* da cultura[8], seus entrecruzamentos e a influência da pós-modernidade, apresentam elementos significativos para a compreensão do tema, assim como a alusão à cultura de resistência, outra característica presente em um processo cultural "múltiplo e mestiço [...] que vai da constituição de uma língua, o *português brasileiro*, à coexistência,

---

[7] Segundo a tradição cristão, o ser humano tem sua origem a partir da terra, que Deus toma e molda à sua imagem e semelhança (A BÍBLIA SAGRADA, 1993); no sentido dado a sua origem comunitária ou social, encontramos a natureza de sua formação; no que tange à elaboração, esta se dá no cuidado, nas ações que permitem ou possibilitam seu desenvolvimento.

[8] Bosi (2005) retoma esse tema durante entrevista a Sandra Lencioni, na qual também anuncia o fim do conceito de Folclore (*Folk+lore*) elaborado no século XIX.

ora ingrata, ora pacífica, de costumes, crenças, valores e expressões poética e lúdicas" (p.385).

Sobre a tripartição, Bosi (1992) solicita o reconhecimento de uma *cultura erudita brasileira*, que, segundo ele, encontra-se organizada a partir das instituições universitárias; uma *cultura popular* fundamentada na oralidade do povo "[...] rústico, sertanejo ou interiorano [...]" (p.309) e da gente pobre do subúrbio; e da *cultura de massas*, intimamente relacionada com os interesses do capitalismo, motivo pelo qual, também é denominada *indústria cultural*[9]. Entretanto, essas representações estão de tal forma entrelaçadas, principalmente pela forma utilizada pelos meios de comunicação para sua exploração, e estamos tão imersos em nossa própria concepção do que seja cultural, que distingui-las requer certos cuidados.

Neste contexto, a indústria cultural carrega vantagens e tem forte impacto sobre as demais. Ao buscar referências nas manifestações da cultura popular, a indústria cultural fomenta mudanças dentro desta e, midiaticamente, oferece também à cultura erudita, elementos de discussão e estudo, tanto referente a análises das manifestações reveladas, quanto de sua própria atuação como instrumento de conhecimento. A cultura popular, por sua vez, recebe essas informações e, quando não perde as referências de seus próprios costumes, adapta-os mediante as propostas divulgadas.

Arantes (1990), especificamente sobre essa interferência consumista na cultura popular, destaca que a corporeidade intencional destes grupos é ocupada então por elementos que, estética ou didaticamente, buscam adequar essas manifestações dentro de uma nova estrutura, que descarta a significação original e institui uma *representação* daquilo que outras pessoas ou grupos consideram atraente. Esse processo, também chamado pelo autor de

---

[9] Os tipos de manifestações que se enquadram na classificação cultura de massas ou indústria cultural, é o mesmo, segundo Bosi (2005), são "coisas feitas para serem fruídas pela massa. [...] todo tipo de informação e de artefato" (s.d.) estética e sensivelmente manipulados para capturar consumidores de um produto que se veicula dentro de um pretenso anonimato.

higienização, pretende transformar as características externas de manifestações peculiares a grupos ou comunidades, em eventos lucrativos, ou fontes aprazíveis e colaborativas de estudo, porém, refinados a partir de um polimento social.

É na perspectiva dessa negação da alteridade que Dussel (2005) aborda a necessidade de uma libertação (e re-conhecimento) da cultura latino-americana na *trans-modernidade*:

> Uma futura cultura trans-moderna, que assuma os momentos positivos da Modernidade (porém avaliados com critérios distintos entre outras culturas milenares), se voltará à uma pluriversidade rica e será fruto de um autêntico diálogo intercultural, que deve levar em conta as assimetrias existentes" (p.17).

Colaborando com este posicionamento e analisando o processo de massificação cultural pelo qual passa o Brasil, Alfredo Bosi (2004) destaca que essas "[...] representações devem durar pouco, ou só enquanto o público der mostras de consumi-las com agrado. Cumprida a fase de digestão amena, torna-se imperiosa a substituição" (p.9), uma vez considerando que o tempo da cultura de massa e, mais recentemente, da cultura erudita – "*publish or perich!*", difere daquele vivido na cultura popular, expresso de forma *cíclica* e *enraizada*.

> Se o significado dos signos advém de uma convenção, e se os meios de comunicação são signos, seu significado deve ser o produto de uma convenção. A chave dos significados não está, pois, nos meios de comunicação, mas na estrutura da sociedade que criou esses meios e que os tornou significantes. É a sociedade que significa (BOSI, E., 2007, p.60).

Essa convenção, entretanto, acaba se tornando instrumento da propagação de preconceitos e da reprodução de ideias que se distanciam da significação que qualquer prática cultural real pudesse ter para homens e mulheres no mundo. Nesse processo, instaura-se uma confusão conceitual que promove junto a estas pessoas, um estranhamento àquilo que tem como elementos ou valores constitutivos de seu ser ou comunidade, tornando-as pré-dispostas a abandonar algumas de suas crenças ou substituí-las, mediante uma adaptação forçada aos

ideais que grupos determinados estabelecem como verdades incontestes. A expropriação da cultura popular aos seus, fortalece o processo de alienação em atenção aos interesses do sistema capitalista, que neste massacre feito aos sentidos originais e no consequente desvirtuamento de suas intenções, instituem seu *desenraizamento*, que para Ecléa Bosi (2004) é "[...] a mais perigosa doença que atinge a cultura" (p.18).

Esse desenraizamento também é observado por Tardivo (2007) em uma comunidade indígena no norte do estado do Amazonas. Associando o desenraizamento à aculturação, Tardivo diz que mudanças socioculturais pontuadas por violência e perda dos hábitos culturais tradicionais, em função de uma pretensa hegemonia social local devido à crescente urbanização, são evidenciadas principalmente nos jovens da comunidade que:

> [...] Desprezam suas raízes culturais e ao mesmo tempo não se vinculam a tradições e ritos de passagem não-índios, que poderiam assegurar-lhes sentimentos de pertinência em relação à sociedade em que vivem. Desta maneira, a vida na cidade tende a se tornar cada vez mais desprovida de sentido, na medida em que o ambiente é incapaz de oferecer aos jovens, que nada possuem e a nada pertencem, a perspectiva da garantia de respeito a seus direitos fundamentais como cidadãos (TARDIVO, 2007, p.123).

Medeiros (2006), em estudo sobre identidade e *desterritorialização* em assentamentos no Rio Grande do Sul, discute esse processo a partir da mudança de comportamentos necessária pela transformação territorial, social, climática e familiar que se constitui. Este desenvolvimento termina por obrigar àquelas pessoas a abandonar o que lhes é familiar.

> É nesse momento de opção pelo coletivo que ele abdica de algo que conquistou e que é inerente a sua condição campesina: a liberdade. Liberdade esta para tomar suas próprias decisões, para pensar individualmente, para inclusive trabalhar no horário de sua escolha (p.283).

Em ambos os casos, percebemos os pólos submissão-domínio de que escreve Ecléa Bosi (2004), inerentes aos encontros culturais, especificamente aqueles por onde circulam valores econômicos, em que procurando existir, a cultura dominante não permite à

dominada “[...] os meios materiais de expressar sua originalidade” (p.16). Vemos, nesses exemplos, a relação imediata com a privação da liberdade e a subsequente limitação ou controle do direito à expressão, vinculados ao dinamismo presente no capitalismo e na ressignificação de valores simbolicamente constituídos.

Sendo cada ser humano pertencente a um determinado grupo social, organizado segundo códigos específicos e pactos constituídos a partir de significados valorados para cada ação desenvolvida junto às demais pessoas daquela comunidade, verifica-se que a abrangência das manifestações culturais brasileiras não pode ser genericamente determinada, posto existirem os mais diversos costumes e hábitos em cada grupo, principalmente considerando-se a separação econômica da sociedade. Arantes (1990) contribui com esta reflexão ao nos alertar que:

> [...] interpretar o significado das culturas implica em reconstituir, em sua totalidade, o modo como os grupos se representam as relações sociais que os definem enquanto tais, na sua estruturação interna e nas relações com outros grupos e com a natureza, nos termos a partir dos critérios de racionalidade desse grupo (p.34-35).

Nesta perspectiva, Dussel (s/d) destaca a supervalorização que os saberes institucionalizados adquirem para a formação escolarizada. Apresentados como elementos de constituição e identificação de homens e mulheres frente a uma sociedade ideologicamente hegemônica, estes saberes distorcem por meio de segmentações, o desenvolvimento cultural de seus filhos e filhas:

> [...] o “sistema” se torna caríssimo, único, exclusivo, e o povo não entende a educação dos seus, o que além de enorme irresponsabilidade fomentada produzirá uma tal distorção na educação do “sistema” que, de fato, este não educará a criança, mas a alienará dentro de uma cultura que não lhe é própria, mas aquela que por interesses políticos, sociais, ideológicos e outros, a burocracia do “sistema educativo” dispôs neste momento (DUSSEL, s/d, p.205).

Nesse sentido, as pessoas que integram os núcleos onde se verificam manifestações da cultura popular são as que mais enfrentam dificuldades na tentativa de se

reconhecerem como sujeitos históricos e não objetos de curiosidade. Neste aspecto, devemos considerar desde as relações constituídas mediante pesquisas em prol da cultura erudita, até o processo de midiatização aviltado pela indústria cultural.

Porém, mesmo com toda a força massificadora e intencionalmente alienante com a qual a indústria cultural intervém na sociedade, propondo estilos de vida em sua maioria diversos daqueles e daquelas que se expõem aos instrumentos da mídia, as manifestações da cultura popular não desaparecem completamente. Bosi (2004), nos lembra de que, apesar desta "[...] corrente de representações e estímulos o sujeito só guardará o que a sua própria cultura vivida lhe permitir filtrar e avaliar" (p.10), pois "[...] sempre que uma inovação penetra a cultura popular, ela vem de algum modo traduzida e transposta para velhos padrões de percepção e sentimento já interiorizados e tornados como que uma segunda natureza" (p.11).

Em acordo, Dussel (s/d), afirma que, mesmo com toda a opressão ideológica da classe dominante por meio da indústria cultural, "[...] a cultura popular é o ponto mais incontaminado e irradiativo da resistência do oprimido [...] contra o opressor, constituindo-se no momento mais autêntico da cultura de um povo" (p.225). Para Bosi (2004), essa postura estranha à indústria cultural, é a *cultura de resistência*, que se verifica, tanto na cultura popular, quanto na cultura erudita alcançada com a instrução escolar, justamente porque têm em seus fundamentos os sentidos da liberdade como condição para a criação ou vivência; da temporalidade relacionando-a ao processo cíclico sazonal e às convenções comuns ao grupo e; da expressão, vivenciada profundamente e compartilhada com o mundo e com as outras pessoas por meio da personificação dos pensamentos de seus autores.

Ao distinguir cultura de massa de cultura popular, Dussel (s/d), entende que "[...] a cultura popular é, essencialmente, a noção chave na 'pedagógica da libertação'; somente ela é fundamento do pro-jeto de libertação, pro-jeto eticamente justo, humano, alterativo" (p.214)

Esta concepção também é partilhada por Brandão (1991), ao traçar considerações sobre a resistência, como sendo uma renovação das tradições, graças ao elemento vital que as sustentas, diz:

> Aquilo que se reproduz entre pescadores, índios e camponeses como saber, crença ou arte reproduz-se enquanto é vivo, dinâmico e significativo para a vida e a circulação de trocas de bens, de serviços, de ritos e símbolos entre pessoas e grupos sociais. Enquanto resiste a desaparecer e, preservando uma mesma estrutura básica, a todo momento se modifica. O que significa que a todo momento se recria (p. 38).

Essa vivência é recordada por Paulo Freire junto a Antonio Faundez (1985), quando este lhe questiona, no livro "*Por uma pedagogia da pergunta*", sobre o processo de alfabetização a partir de uma realidade estranha ao sujeito. Lançando mão de sua experiência com o exílio, Freire denomina a motivação que não deixa o que já carregamos tornar-se estranho, ou ser substituído, de *marcas culturais*, ou as percepções das experiências reveladas a partir da maneira pela qual cada um de nós se relaciona com os outros no mundo, verdadeiras em proposta e sentimento porque não idealizadas e, exatamente por esse caráter consciente, abertas a novas relações, novas culturas, sem a necessidade de que se abandone o sentido que nos faz ser quem somos (FREIRE; FAUNDEZ, 1985).

Nessa perspectiva, Freire e Faundez (1985) concluem que não há espaço para uma invasão cultural, as novas experiências não invadem e também não são reprimidas, porque, ao invés de substituir, contribuem. Como nos chama a atenção, Brandão (1991) ao destacar que seria ingênuo tentar proteger as culturas do contato umas com as outras, privando-as de interferências que possam alterar sua constituição. Para este autor, quando o sentido se configura, não há motivo para proteção e nem haveria possibilidades viáveis de impedir os encontros culturais, já que esses modos de ser e viver, são "[...] conduzidos por pessoas reais, por grupos e classes sociais reais. Quando na dinâmica da vida social há encontros, os processos de apropriação expropriação, de conquista erudita, de manipulação, de controle e resistência são acionados" (BRANDÃO, 1991, p.70).

Assim, se compreendemos a presença humana em sua totalidade, considerando a constituição da cultura como algo sobre o que cada pessoa tem uma ideia própria, como um fenômeno resistente porque sua estrutura simbólica é histórica e responsável pela exuberância de nossas vidas, conscientemente dialética pelas mediações entre o passado e o presente e utopicamente possível frente à potencialidade de nossa *corporeidade* ou conforme Merleau-Ponty (2006): *motricidade*, entendida como intencionalidade original.

Este *sendo-ao-mundo*, que venera seus deuses em outros planos, ou seus mortos sob a terra, a qual também trata na intenção de saborear os frutos de sua prática é, ele próprio, uma definição de cultura. Uma cultura ontologicamente revelada, pois sua percepção se faz assim, por revelações, que vêm e vão, durante o processo de existência de cada ser, em suas ações, expressa de forma livre e evoluindo transversalmente com os outros e com o meio onde se manifesta. É na simplicidade da realização de sua vida que o ser humano torneia o barro, modela a argila, fabrica as cores, tece os panos e entoa as canções que contarão sua história.

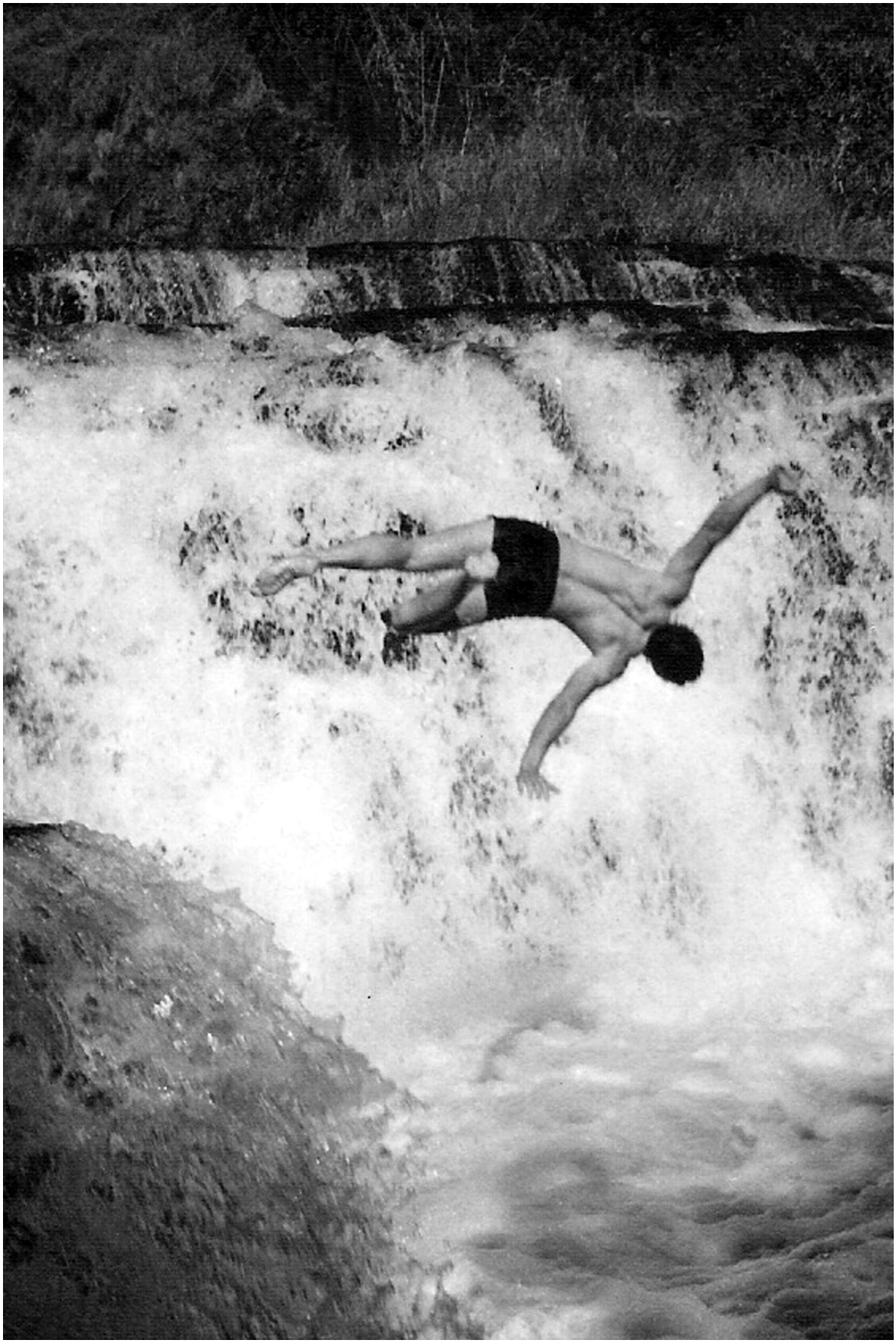


Foto 10: Vivência de lazer entre praticantes de mergulhos e saltos na Bacia. **Fonte**: Cabeludo, 1963.

2 - Acesso à Bacia do Salto

2.1 – Expressão e potencialidade na Arte

A mesma imaginação criadora que produz Ciência produz Arte.
(BUORO, 1996, p.32).

Partindo das discussões iniciadas no capítulo anterior e, na perspectiva de manter o foco no potencial humano para transcender, para ser mais, essa discussão sobre algumas dimensões da arte, será significativa, partindo da proposta de Merleau-Ponty (2004), na qual o autor entende que "[...] a arte não é nem uma imitação, nem, por outro lado, uma fabricação segundo os desejos do instinto ou do bom gosto. É uma operação de expressão" (p.133).

Sendo uma *operação de expressão*, ou, tendo a arte um *caráter expressivo*, em que se manifestam a individualidade e o que é próprio do humano, a arte retém, em sua expressividade, o singular (e também o plural, no que tange à totalidade) da fase e cultura em que foi manifestada, orientada pela percepção daqueles e daquelas que a criam intencionalmente, em um dado contexto de mundo.

Essa intencionalidade, concebida por Merleau-Ponty (2006) como parte da vida cognoscente, do desejo, perceptiva, e como consciência que se faz existir de forma indivisível, "[...] é sustentada por um 'arco intencional' que projeta em torno de nós nosso passado, nosso futuro, nosso meio humano, nossa situação" (p.190). Indo ao encontro desta conceção, Fayga Ostrower (2008), acrescenta que "[...] o ato intencional pressupõe existir uma mobilização interior, não necessariamente consciente, que é orientada para determinada finalidade antes mesmo de existir a situação concreta para a qual a ação seja solicitada (p10)".

No processo histórico do *sendo-ao-mundo*, homens e mulheres expressam seus desejos, emoções e crenças também por intermédio da Arte. Essa expressão, independente de teorizações a respeito do que estavam fazendo, representam sua imanência no mundo,

carregada de intencionalidades e propensas a revelar, sua percepção estética,[10] que no alcance de outros seres, também lhes permite uma gama de significados e sentidos.

> [...] a expressão não pode ser a tradução de um pensamento já claro, pois os pensamentos claros são os que já foram ditos dentro de nós ou pelos outros. A "concepção" não pode preceder a "execução". Antes da expressão não há senão uma febre vaga, e somente a obra feita e compreendida provará que se devia encontrar ali alguma coisa em vez de nada (MERLEAU-PONTY, 2004, p.134).

Sobre este aspecto, Argan (2002) considera que a teoria de uma arte histórica transforma o vivido, posto ser a obra uma manifestação do ser ligada a contextos sociais, políticos e culturais de uma época, em idealizado. Para o autor, a assunção deste ideal, ou modelo, que busca estabelecer um conceito definitivo sobre a arte, excluiria o humano, cerceando-lhe o sentido e a própria arte.

> Não se pode pensar a realidade senão enquanto recebida de uma consciência; não se pode pensar a consciência senão enquanto é preenchida pela realidade. Tampouco se pode conceber uma estrutura, uma ordem construtiva da realidade e do seu devir que não seja a estrutura ou a ordem da consciência em seu constituir-se e formar-se (p.110).

Dessa forma, tomamos por base as definições mais recorrentes da arte que se voltam ao *fazer*, *conhecer* e *exprimir* (PAREYSON, 2001), também consideradas na proposta *triangular* organizada por Barbosa (2005) e que fundamentam o ensino da arte em sua compreensão histórica, estética e analítica. Estas definições nos convidam refletir sobre a arte como linguagem do conhecimento, reveladora de um sentido das coisas, de um particular, ao estimular uma nova maneira de perceber a realidade, acreditando que "[...] estes olhares são *reveladores*, sobretudo porque são *construtivos*, como o olho do pintor, cujo ver já é pintar e para quem contemplar se prolonga no *fazer*" (BARBOSA, 2005, p.25).

A percepção da realidade por meio das dimensões da arte está aliada à necessidade de nossa identificação com os outros, re-conhecendo nossos medos, nossa

---

[10] O conceito de estética utilizado neste texto tem o sentido dado por Pareyson (2001), sem a pretensão de "estabelecer o que deve ser a arte ou o belo, mas, pelo contrário, tem a incubência de dar conta do significado, da estrutura, da possibilidade e do alcance metafísico dos fenômenos que se apresentam na experiência" (p.4).

incompreensão e a estranheza daquilo que se encontra fora de nossa corporeidade, porém presente na diversidade social e cultural em que coexistir, interagindo *uns-com-os-outros-ao-mundo* é essencial no que tange ao ser perceptivo. Este pensamento encontra sentido na reflexão de Lowenfeld; Brittain (1977):

> Cientificamente, realizamos grandes progressos, mas, socialmente, já não conhecemos sequer nossos vizinhos da porta do lado nem somos capazes de nos comunicar, pacificamente, com eles. Só através da auto-identificação podemos começar a ajustar-nos com os outros (p. 28).

Nesse processo de abertura ao mundo, nessa busca por sua compreensão e na imanência de seu desvelamento, cuja motivação é diferente para cada ser humano e fruída de forma também distinta, a expressão artística, na qualidade de ser uma *invenção*, tem a potencialidade ontológica que nos permite a criação dos significados que cada experiência vivida pode estimular.

> Quando as interrogações sobre o mundo passam a ser vistas, há decodificações de códigos verbais para códigos visuais. Essas decodificações, na realidade, são determinadas por tensões ou sentidos visuais recolhidos no espaço da experiência vivida que, ao transformarem-se em estados de consciência, tecem o imaginário. Assim, para além de qualquer forma, um ato de conhecimento visual é um ato de criação porque, na sua formação há uma movimentação do espírito humano na busca de transformar as decodificações, tensões ou sentidos visuais em sínteses - imagens das experiências vividas pelo ser (ARANHA, 1999, p.67).

Para Ostrower (2008) não podemos nos esquecer de que a indivisibilidade do ser humano, em todo seu contexto social, mediada por ideias e hábitos construídos a partir de sua articulação no mundo, retém potencialidades ordenadas segundo o mundo lúdico imaginativo, de cada um de nós. Paradoxalmente, também existem as classificações que procuram determinar funções para a arte, caracterizada no funcionalismo, elaborada ou desenvolvida visando um fim que sustente a operosidade humana.

Pareyson (2001) faz uma discussão relacionada a duas propostas que apresentam a arte de modo funcional: a primeira a considera como parte da vida produtiva, fundamentada a partir da presença da arte nas manifestações sociais, políticas e religiosas da existência

humana e utilizada para a construção do *regnum hominis*, com base na transmissão de valores, promovendo ideais e instruindo o espírito. A segunda proposta concebe a arte como algo a ser feito no tempo livre humano, depois de atendidas as responsabilidades úteis à civilização, configurando-se como evasão do cotidiano e "[...] remédio para a inquieta operosidade humana, [...] voluntário isolamento das preocupações que afligem a humanidade na realização de seus ideais e no cumprimento de seus deveres" (p.39). Segundo Pareyson (2001):

> Se a arte pode emergir da vida, afirmando-se na sua especificação, é porque ela já está na vida inteira, que, contendo-a, prepara e prenuncia a sua especificação. E, no ato de especificar-se, ela acolhe em si toda a vida, que a penetra e invade a ponto de ela poder reemergir na própria vida para nela exercitar as mais variadas funções: como a *vida* penetra *na arte*, assim *a arte* age *na vida* (p. 41).

Complementando, Argan (2002) entende que:

> Se o homem pode se distinguir da natureza para contemplá-la, já a sociedade não se contempla a si mesma, e não pode ser bela ou feia: vive-se dentro dela e, em seu interior, só é possível comunicar-se com os outros que, como nós, fazem parte dela. [...] é um estar-no-mundo não passivamente, e sim de modo ativo e brilhante (p.130).

Nesse sentido, lanço mão e contemporizo com Melo (2007), para quem a arte é uma *dimensão da cultura*. E nesta perspectiva, o autor considera que a promoção teórica dos encontros entre arte e lazer é importante para discussões a respeito de algumas ideologias sociais, como a que relaciona imediatamente a arte à cultura erudita e com possibilidades econômicas – concepção originada no final do século XVIII e início do XIX, legitimando sua "propriedade" à burguesia, ou ainda, aquela que determina sua função atrelada à economia e mercantilizada a partir da mídia. Esta última, determinante e responsável pelas representações artísticas potencialmente aptas a colaborar para a manutenção do sistema social, político e econômico vigente ou às necessidades ideológicas mais urgentes.

> Uma grande obra de arte de Van Gogh não deixa de ser arte porque um grande conjunto de pessoas não a conhece, mas, para esse público específico, ela não vai parecer como tal, já que não é vivenciada como arte. Esse mesmo grupo pode viver seus bailes funk como arte, ainda que grande parte das instituições do campo

> artístico possam não considerá-lo dessa forma, ou, preconceituosamente, até mesmo rechaçá-lo como uma forma de degradação (MELLO, 2007, p.76).

É nesse sentido que Kater (2004) aborda a privação essencial de uma intenção criativa em função de outra que seja esteticamente mais agradável, pois, "[...] deixar de realizar uma proposta legítima e substantiva para atender ao 'gosto suposto' é assim banalizar a realidade, reforçar o medíocre e subestimar claramente indivíduos e comunidade, atitude que não se justifica de fato em nome do outro" (p.49). Somente é possível valorizar as manifestações da arte em seu contexto, considerando a intencionalidade daqueles e daquelas que realizam o que se convenciona chamar de arte, pois, como diz Melo (2007) "[...] a arte não tem uma função, ela é uma função" (p.78).

Tomando por base o processo colonizador da América Latina, Enrique Dussel (1997) faz uma discussão sobre as ideologias que a arte pode potencializar. Utilizando a arte religiosa como referencial, Dussel descreve o processo de apropriação promovido pelos colonizadores, que, ressignificando elementos simbólicos das culturas latino-americanas, introduzem seus mitos. O contraponto é verificado, ainda segundo o autor, pela modificação estilística desenvolvida pelos artistas indígenas, ao inserirem no trabalho que lhes é encomendado (esculturas, música, arquitetura), traços de sua cultura original, pois, "[...] sempre, o ato artístico fica ligado (não absolutamente) a classe social do artista que o efetua" (p.158).

O modo de ser que assumimos em relação a este *estar-no-mundo* não está preso a determinações, paradigmas ou qualquer intervenção que vise modificar comportamentos em função de alguma ideologia, pois quando a interferência externa tenta causar rupturas em nosso ser, rupturas que nos sejam irreconhecíveis e sem razão de ser, a cicatrização poderá deixar marcas, e essas marcas, geralmente, se mostrarão distantes daquelas pretendidas por quem deflagrou sua sangria. A expressão humana encontra formas de se fazer existir mesmo

que a liberdade necessária à sua realização tenha que se constituir a partir de um tempo furtado de nosso próprio tempo.

2.2 – Tempo e liberdade no Lazer

Não somos menos que a semeadura das estrelas
(BRANDÃO, 2005, p.32).

Alguns dos estudos que envolvem o lazer atualmente procuram discutir, não somente sua construção etimológica, como também, a origem, relações e as teorias que procuram descrever o fenômeno, como é o caso da dissertação de Leôncio José de Almeida Reis (2009) que, por intermédio de um levantamento sobre a produção teórica, seleciona alguns autores para análise. Em seu trabalho, o autor constata que, independente da matriz teórica, do método ou da forma como cada pesquisador se posiciona ao mundo, o envolvimento emocional de cada um e as escolhas pessoais oriundas dessa percepção é que direcionam seus estudos sobre o lazer, os quais, interpelados por outros trabalhos, orientam novas buscas.

Essa face *humana* é evidenciada quando Reis (2009) defende as relações entre lazer e educação e questiona a quem caberia a responsabilidade pela aplicabilidade destas pesquisas nas escolas e para as comunidades, considerando as ideologias particulares ou dominantes. Para o autor, essas ideologias:

> existem e sempre existiram para toda a humanidade de maneira ampla e geral. [...] As reais necessidades humanas não condizem obrigatoriamente com aquilo que desejamos e projetamos, por isso, devemos deixar isso bem claro e colocar, de um lado, como as coisas são e, do outro, como gostaríamos que elas fossem (p.161).

O caminho para essa configuração requer um novo olhar para o lazer e para a educação, assim como às significações do que se compreende por qualidade de vida, considerando e valorizando a multiculturalidade, solidariedade e a forma intersubjetiva e afetiva (WERNECK, 1998) das atitudes humanas (BRUHNS, 2004), recíproca e

intencionalmente constituídas mediante as relações que nos atravessam culturalmente (GONÇALVES JUNIOR, 2009).

> Para vislumbrar o lazer como direito social, é preciso assumi-lo no bojo das políticas públicas, como um elemento possuidor de identidade e valores próprios, não devendo ser confundido com deporto ou recreação e muito menos estar a serviço da saúde e/ou da educação e/ou da cultura etc., em uma posição de privilégio ou desprestígio, mas inter e intra relacionada com elas e com outros setores no meio social (GONÇALVES JUNIOR, 2008, p.57).

Para Dumazedier (1976), a compreensão do lazer e sua realização só tem sentido para os sujeitos que o realizam, quando considerado com base no diálogo incessante e contraditório que esses sujeitos têm na relação com o meio ao qual pertencem e durante a sucessão dos dias e acontecimentos que configuram sua existência. Segundo o autor, o lazer, associado frequentemente à liberdade e ao prazer, reúne-se em três funções significativas para seu entendimento.

Como fortalecedor da resistência humana perante os percalços do ser humano, assume a função de *descanso*; como fator substancial para a ruptura com os aborrecimentos e desgostos do cotidiano, a oportunidade de satisfazer fragmentos da vida com experiências emocional e fisicamente agradáveis, temos a função de *divertimento*, *recreação* e *entretenimento*; finalmente, em relação à personalidade e ao meio social, verifica-se a busca por novos experimentos técnicos e por informação, que potencializam a qualificação e a criatividade, responsáveis por conferir também ao Lazer, a função de *desenvolvimento*. Dumazedier (1976) chama a atenção de que estas funções apresentam-se em graus, situações e relações tão simultâneas, por vezes, que se torna difícil distinguí-las.

No entanto, para Marcellino (2004), a existência do fenômeno lazer se dá em um *tempo disponível* e não *livre*, estando diretamente relacionado à *atitude*.

> O encaminhamento para a ocupação do tempo disponível, na nossa sociedade, com atitudes e atividades que contribuam para o descanso, o divertimento e o desenvolvimento pessoal e social, está em contradição com o lazer-mercadoria ou com a visão funcionalista do lazer, e com a lógica da sociedade de consumo (MARCELLINO, 2007, p.29).

Ainda para Marcellino (2007), tal "[...] distinção só pode ser estabelecida em termos de predominância" (p.13), porém, que idealmente deveriam "[...] exercitar, no tempo disponível, o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual, o relacionamento cultural e a quebra da rotina, quando, onde, com quem e da maneira que quisesse (p.15)".

Gomes (2008), também discutindo o entendimento de Dumazedier sobre lazer como um conjunto de ocupações (repouso; diversão; recreação; formação técnica; encontros sociais; entre outras) *opostas* aos compromissos diários, principalmente ao trabalho, sendo manifesto no *tempo livre*, afirma ser esta compreensão discutível nos dias atuais, por guardar a influência do contexto histórico em que foi elaborado, cujo entendimento se voltava às sociedades industriais do século XX. Bruhns (2004) acrescenta a essa discussão, que "[...] o termo tempo livre encerra uma idéia de democracia realizável, enquanto o lazer não é totalmente realizável, sendo, portanto um ideal e não somente uma idéia" (p.95).

Ambas as autoras consideram mais significativa a compreensão do lazer como uma *dimensão da cultura*, ou seja, uma criação humana a partir dos sentidos pelos quais as pessoas se dão umas com as outras, como se compreendem e em relação ao mundo. Em relação à compreensão de tempo e lazer, corroboramos este entendimento, sobretudo se levarmos em consideração o pressuposto de que a liberdade necessária para estas relações encontra limites externos, que independem de nossos desejos, sendo, ao mesmo tempo, confrontados pela movimentação intencional que fazemos em busca de novas experiências.

> Para que algo pudesse determinar-me do exterior (nos dois sentidos da palavra determinar), seria preciso que eu fosse uma coisa. [...] Se, por uma única vez minhas ações deixam de ser minhas, elas nunca mais voltarão a sê-lo; se perco meu poder sobre o mundo, não o recuperarei. [...] se motivos me inclinam em uma direção, de duas coisas uma: ou eles têm a força de me fazer agir, e então não existe liberdade, ou eles não a têm, e então ela é inteira, tão grande nas piores torturas quanto na paz de minha casa (MERLEAU-PONTY, 2006, p.582).

Merleau-Ponty (2006) chama a atenção de que não é o motivo que fortalece nossa decisão em agir, mas ao contrário, é a nossa própria decisão que empresta força para que ele se configure em minha consciência: "[...] é minha decisão secreta que faz os motivos aparecerem e nem mesmo se conceberia o que pode ser a força de um motivo sem uma decisão que ele confirma ou contraria" (p.583). Essa decisão, intencional, é existencial. Imersa e permeada por nossas vivências no mundo, sendo nele e com ele.

Dumazedier (1980), buscando articular possibilidades de trabalho e estudo no campo do lazer, desenvolveu classificação do mesmo em cinco interesses ou conteúdos culturais, conforme suas características dominantes, embora explicitando estarem inter-relacionados, a saber: i**nteresses artísticos**, onde a imaginação estimulada pelas manifestações da arte, de alguma maneira envolve o prazer estético; i**nteresses intelectuais**, nos quais o conhecimento vivenciado e estimulado pela racionalidade objetiva é o foco central; **interesses físicos**, em que prevalecem todas as atividades que se baseiam nos movimentos ou na esportividade**; interesses práticos**, que visam à prática da manipulação de objetos e materiais, como o artesanato, a jardinagem e a bricolagem; **interesses sociais**, que privilegiam as oportunidades de encontro e a companhia de outras pessoas.

Contribuições também foram somadas a tal classificação por Camargo (2003), que descreve os **interesses turísticos**, considerando a busca de novas paisagens, ritmos e costumes distintos daqueles vivenciados cotidianamente; e por Schwartz (2003), que propõe a inserção dos **interesses virtuais**, que compreendem as dinâmicas do lazer associadas ao uso da rede internet de comunicação, aos jogos eletrônicos e outras vivenciadas no ambiente virtual.

Essa classificação, objeto de críticas no sentido de que um engessamento do lazer poderia causar uma ruptura em seus significados, para Schwartz (2003) "[...] não compromete a integridade do lazer, uma vez que esta se apresenta como um elemento pedagógico

interessante, justamente para se compreender a abrangência da área e um fator norteador para se aprofundar discussões e reflexões mais complexas" (p.24).

No sentido dessa complexidade, é importante que nos lembremos que cada um vive a história do que é individualmente e uma a partir da coletividade e que, nesse contexto, recortes isolados não bastam para análise do todo. Em nossa compreensão existencial da cultura, da arte e do lazer, que em sua própria configuração é sensível e ontologicamente contrária à apropriação capitalista das experiências humanas, trazemos também o aporte de Marcellino (2007):

> Quando me refiro à cultura, não estou reduzindo o lazer a um único conteúdo, vendo-o de uma perspectiva parcial, [...] mas aqui abordando os diversos conteúdos culturais [...] e, finalmente, quando digo "vivenciada", não estou restringindo o lazer à prática de uma atividade, mas abarcando também o conhecimento e a assistência que essas atividades podem ensejar, e até mesmo a possibilidade do ócio, desde que visto como opção, e não confundido com ociosidade, sem contraponto com a esfera das obrigações, no nosso caso, fundamentalmente, a obrigação profissional (p.10).

Em uma concepção de tempo livre, supostamente então "livre" do trabalho, atividades no contexto do lazer predominam sobre o ócio, postura rejeitada pelos representantes do sistema capitalista por ser historicamente associada como contrária à produtividade e, portanto, um empecilho ao "[...] disciplinamento das mentes e dos corpos operários" (GOMES, 2008, p.3) e obstáculo para a conservação/continuidade de uma ideologia que se pretende manter (WERNECK, 1998). Lemos (2007), ao analisar o processo de produção cultural que se estende do trabalho ao lazer, vem somar a discussão do tempo capitalizado para o lazer. Este autor considera que o fenômeno "[...] não pode estar formado com fragmentos do tempo do relógio, uma vez que este não é constituído por horas livres do trabalho, nem sequer fins de semana ou mesmo de férias" (p.23), posto ser o mesmo uma *resolução do espírito*.

> O lazer, que surgiu da conquista de um tempo liberado do trabalho, com possibilidades de se constituir em um tempo de reflexão e crítica desse e dos interesses econômicos envolvidos, sofre, hoje, grande influência de um mercantilismo que o utiliza como peça fundamental, pois é necessário um tempo

> liberado para o descanso (visando recuperação da força de trabalho) e para o consumo da produção (LEMOS, 2007, p.25).

Em concordância com o alcance desta *resolução do espírito*, buscamos referência na abordagem dada por Martins (1991) em palestra proferida por ocasião do evento *"O envelhecer na PUC"*, na qual o autor versa sobre dois sentidos do tempo a partir de suas acepções gregas (Chronos e Kairós[11]). Segundo Martins, a utilização destes termos ganham significado na existência humana graças ao modo como nos posicionamos face à vida, em relação a seus valores *quantitativo* e *qualitativo*. A relação possível a partir do encontro entre Chronos e Kairós, potencializa a descaracterização do limite temporal face à sua significação existencial.

Nesse sentido, a percepção do tempo, estruturada pelos sentidos que, construídos *a partir* de nossas experiências ao que *dimensionamos* como passado, presente e futuro, permite-nos um novo olhar para o posicionamento da sociedade nesta relação, que de modo subjetivo, a partir dos estímulos e das respostas polarizadas por nossa inserção no mundo, será, independente da pressão social, intrinsecamente existencial. Na compreensão de Martins (1991): "[...] é na cotidianeidade da vida, naquilo que fazemos, que vivemos, no nosso trabalho, no horizonte do dia que terminou, no dia e na noite, é aí que se estabelece o contato com o tempo e, então, aprende-se a conhecer o seu curso" (p.9).

Também em acordo com essa compreensão de tempo, como tempo humano, tempo vivido, na fruição do lazer, alguns autores (GONÇALVES JUNIOR; SANTOS, 2006; LEMOS, 2007; GONÇALVES JUNIOR, 2008; SILVA; GONÇALVES JUNIOR, 2009) destacam a *intencionalidade* do ser, tão indivisível como é a corporeidade e que se revela em atitudes tão fundamentais quanto elementares.

---

[11] Cronos é a denominação dada ao tempo controlado e controlador, que se estrutura formalmente no contínuo de sua própria geração e destruição; Kairós é o tempo oportuno, vivenciado em qualidade, e que se realiza inesperadamente em um contexto específico.

> O mundo visível e de meus projetos motores são partes totais do mesmo Ser. [...] Meu movimento não é uma decisão do espírito, um fazer absoluto, que decretaria do fundo do retiro subjetivo, uma mudança de lugar milagrosamente executada na extensão. Ele é a seqüência natural e o amadurecimento de uma visão. Digo de uma coisa que ela é movida, mas, meu corpo, ele próprio *se* move, meu movimento *se* desenvolve. Ele não está na ignorância de si, não é cego para si, ele irradia de um si... (MERLEAU-PONTY, 2004, p.16).

A abertura ao entendimento desta *intencionalidade*, na perspectiva do dinamismo que a prática social lazer assume como fenômeno sociocultural humano, a partir de uma corporeidade criativa, distinta e lutando pela liberdade, é fundamental para que nossa subjetividade e intersubjetividade tenham suas necessidades estéticas, potencialmente, satisfeitas. Não se trata, no entanto, como afirmam Gonçalves Junior e Santos (2006) de não reconhecer as interferências da prática social trabalho na prática social lazer e vice-versa, bem como, de outras práticas sociais, sendo imprescindível considerar o contexto sociopolítico, que envolve opressão (de uns sobre outros) e desigualdades (entre uns e outros).

Nesse contexto, a boa vida tem uma significação nos dias atuais, onde a busca pela "[...] realização individual, assim como a de coletividades, aparece na lógica do mundo do mercado como uma seqüência infindável de conquistas e de acumulações de postos, de privilégios, de poderes e de bens materiais" (BRANDÃO, 2005, p.35), posição também assumida por Bruhns (2002), que completa: "[...] diferentemente do sentido de tranqüilidade, boa vida agora está associada ao desfrute de mercadorias ou serviços, estimulado pelos publicistas e incentivado pelo governo" (p.31). A fruição do lazer significativa e cheia de sentido não é bem-vinda aos sistemas que atribuem ao fenômeno um *valor de uso* (MARX, 1996) ou objeto de *fetiche* (MERLEAU-PONTY, 1980).

> Somos nós, seres humanos, os bens de uso e de troca de que se serve o mercado globalizado que superqualifica alguns poucos ao desqualificar quase todos, ao mesmo tempo em que de maneira ilusória parece – como os seus diversos produtos, como as suas empresas, como os seus poderes – estar colocado inteiramente a nosso serviço. Ao serviço da felicidade de todos (BRANDÃO, 2005, p. 38).

Entretanto, essa projeção do que seria a realização pessoal, faz uso frequente dos conceitos tempo, liberdade e expressão, condicionando a satisfação na realização da vida, e especificamente do lazer, às propostas comerciais do sistema capitalista.

> Em tempos em que a economia desvairada do mundo do capital impõe a tudo e a todos os seus termos de sua globalização, também o mundo do lazer, do turismo, do esporte são reduzidos aos padrões de compra e venda dos interesses dos que podem lidar com pessoas e com desejos entre pessoas como um produto controlável a mais (BRANDÃO, 2005, p.61).

Nesta perspectiva, a exploração econômica de manifestações populares do lazer torna-se um instrumento significativo para a transformação de uma ação não produtiva em outra imediatamente útil, na perspectiva do capital e, portanto, determinante como produtora de *valor de uso*, o que segundo Marx e Engels (2006), é culturalmente próprio à representação social humana, já que "[...] até o momento, todas as formas de sociedade sucumbiram ao desenvolvimento da riqueza ou – o que vem a ser o mesmo – ao desenvolvimento das forças produtivas". (p. 46). O valor dessa mercadoria pode ser apropriado e transformado a partir dos interesses de quem detém o controle de sua comercialização, como também chama a atenção, Merleau-Ponty (1980), quando cita diversas passagens da obra "*Economie Politique et Philosophie*", de Marx:

> "É preciso evitar, antes de tudo, fixar novamente a sociedade como abstração postada defronte ao indivíduo. O indivíduo é o ser social." "O homem é um ser existente por si mesmo, portanto, um ser genérico", para o qual a sociedade como um objeto em uma caixa, assume-a em sua interioridade. Eis por que se pode dizer que "o homem produz a si mesmo e ao outro". "Do mesmo modo que a sociedade produz por si mesma o homem como homem, e é produzida por ele." (MERLEAU-PONTY, 1980, p.75)

A atenção em relação à produção de mais valor, com ênfase na reestruturação dos hábitos no lazer, em atividades distintas de seus significados e objetivos originais, podemos verificar na comercialização das manifestações populares tradicionais de diversas regiões do Brasil, como o Bumba-meu-boi (PATRÍCIO, 2008) e o Cordel (FERREIRA, 1985).

> Sob o regime atual, [...] as atividades de lazer tornaram-se objeto de exploração econômica do capital, em decorrência do que, a ampliação e a não restrição dessa atividade, tornou-se a ideologia de importantes setores das classes dominantes. Concomitantemente, os mecanismos de controle do lazer mudaram de forma. [...] elevado à dimensão de atividade de massas, o lazer tornou-se o objeto de controle imediato do capital. Mais que isso, combinando-se com a indústria cultural tornou-se meio generalizado de controle social, caracterizando-se assim como lazer alienado (VIEITEZ, 2002, p.144).

Assim também, a busca por atividades no lazer em área rural tem atraído um crescente segmento de geração do capital, significativo a ponto de o governo federal, atento a essa nova alternativa econômica, lançar, em 2008, um manual com orientações básicas, acompanhado de “diretrizes para desenvolvimento do turismo rural”. Segundo Brasil (2008), espera-se que essa atividade *revitalize* os territórios rurais, *valorize* os patrimônios e produtos locais e *desempenhe* um papel importante na *conservação* ambiental, *gestão* das paisagens e da diversidade, tendo necessariamente que *estruturar-se* e *caracterizar-se*, de forma a "[...] consolidar o Turismo Rural como uma opção de lazer para o turista e uma importante e viável oportunidade de renda para o empreendedor rural" (p.14).

A proposta do desenvolvimento de atividades no contexto do lazer em uma área rural, além dos interesses econômicos e mercadológicos (CAMPANHOLA; SILVA, 2002; CERQUEIRA, 2000), também privilegiam o conforto ao visitante (LUCHIARI, 2002), não necessariamente vinculados a qualquer valor que sua prática ou fruição possam proporcionar, e sim na expectativa de gerar um espaço melhor adaptado a esse tipo de comércio. Um dos focos principais de atividades do âmbito do lazer em área rural é aquele relacionado às atividades de *aventura na natureza*, apresentando-se como “[...] atividades cercadas por riscos e perigos, na medida do possível, calculados, não ocorrendo treinamentos intensivos prévios” (MARINHO, 2008, p.182).

Na perspectiva do risco calculado que essas atividades oferecem, somam-se os obstáculos simbólicos e imaginários (MARINHO, 2008), e as mudanças axiológicas na relação entre o ser humano e o mundo (LAVOURA; SCHWARTZ; MACHADO, 2008a),

cujas percepções podem despertar reflexões e desvelar novas posturas àqueles e àquelas que desenvolvem essas práticas.

> As atividades de aventura na natureza, por vezes, não escapam desta significância, em que os indivíduos podem ser vistos como meros consumidores de tais práticas [...]. Não obstante, ainda que sejam o consumismo e o modismo os catalisadores de uma tendência real de concepção acerca destas atividades, é possível vivenciá-las de outras maneiras, com um real comprometimento de seus praticantes com o meio, ultrapassando ou deixando de fora simples aspectos comerciais (LAVOURA; SCHWARTZ; MACHADO, 2008b, p.120).

Bruhns e Marinho (2003) realizam uma discussão pertinente a essa abordagem dada ao lazer e sua estruturação a partir do termo *ecoturismo*, que para Grigolin (2004) "[...] tem como princípio o uso sustentável dos ecossistemas naturais, ou seja, ecológica, social e economicamente equilibrado" (p.10). A restrição das práticas de atividades no lazer desenvolvidas no contexto do ecoturismo, as quais, em sua maioria, voltam-se apenas aos aspectos corporais ou provenientes da ação do corpo de seus praticantes, atendendo principalmente aos interesses de gestão dessas atividades, sejam elas políticas ou empresarias, minimiza a presença histórica, social, política e cultural das comunidades/populações de seu entorno (BRUHNS; MARINHO, 2003).

Aprofundando esta discussão, é interessante considerar a colocação de Bruhns (1996) sobre o jogo e o lazer mediante seu processo de desenvolvimento social e histórico. Para a autora, o lazer, na premissa de uma condição de cultura manifestada também nos jogos, tem traços culturais "[...] recriados, reincorporados ou readaptados. Alguns são extinguidos ou mesclados, dando lugar a uma nova configuração" (p.36).

2.3 – O lazer em jogo

> *Os jogos devem ser compreendidos e analisados na cultura da qual fazem parte, pois por si mesmos, nada dizem. Somente numa cultura, enquanto parte dela, passam a ter sentido, como também essa cultura somente pode ser entendida dentro da sua realidade social e da história dessa sociedade*
>
> (BRUHNS, 1996, p.28).

No entanto, essa compreensão deve manter-se fora dos critérios que convencionalmente são utilizados para descrever as dinâmicas sociais humanas, uma vez que, sendo uma ação realizada a partir do desejo de seus atores, tornar-se-ia simples imitação (HUIZINGA, 2001), se mediada com base em uma ordenação rígida – tanto analítica quando prática.

Huizinga (2001) define o jogo como um fenômeno que traz à compreensão os sentidos estruturais da vida humana, sendo anterior a qualquer teoria cultural. Para o autor, jogar faz parte do processo humano de existência e apesar de ser uma função da vida, não é possível definir o jogo em "[...] termos lógicos, biológicos ou estéticos" (p.10), pois a subjetividade dessas experiências lúdicas vivenciadas potencializa sensações que carregam um encanto misterioso, por meio do qual, aqueles e aquelas que jogam, sentem-se capazes de excluir por um tempo determinado o cotidiano, pois, "[...] dentro do círculo do jogo, as leis e costumes da vida quotidiana perdem validade. Somos diferentes e fazemos coisas diferentes" (p.15).

Aprofundando a questão, Bruhns (1996) conclui que essa *subversão* do jogo, que, em sua característica lúdica, nega a produção e o consumo, não o caracteriza como instrumento de alienação social, "[...] ao contrário, ele representa a possibilidade de construção e recriação, numa postura de resistência perante a lógica dominante do presente estado de coisas. Isto implica num compromisso com uma tarefa política não concluída" (p.38).

Sobre essa possibilidade de construção e recriação, Paulo Freire (2008) narra seu encontro com um trabalhador espanhol, que lhe conta que foi graças a um jogo de cartas que este conseguiu organizar, em Madri, um grupo disposto a conversar sobre política. Ou ainda, na perspectiva da capoeira, que Gonçalves Junior (2009), descrevendo suas origens, percalços da resistência e sentido de identidade que carrega, preconiza o desenvolvimento da mesma

também no ambiente escolar, situando-a historicamente como uma manifestação "[...] impregnada da experiência de mundo do ser, ou seja, carregada de emoções, de sentimentos, de intencionalidades, de cultura" (p.5).

Nesse sentido, Buytendijk (1977) diz ser por intermédio do jogo que encontramos nossa humanidade. Esse *jogo humano* se faz das descobertas do nascimento ao domínio da palavra, dos primeiros passos ao relacionar-se com outras pessoas e, ao longo de cada descoberta, o humano começa a elaborar-se como ser que sente, abstrai, mas também planeja e imagina. Para o autor, "[...] todo jogo humano é de algum modo relacionado com o fundamento irracional e obscuro dos nossos instintos e paixões, capacidades, disposições, condições e estados de ânimo, e com o também inteiramente inexplicável elemento criador de cada atividade" (p.66).

Vencendo os medos que aparecem como desafios para sua vivência, homens e mulheres interiorizam de maneira significativa as ações que, para os animais, são meramente instintivas. Essa interiorização acaba por gerar uma obrigação em relação à própria atuação, uma responsabilidade assumida na qual se intenciona o resultado positivo, perante si mesmo, de nossas ações.

> Através do jogo, são trabalhados os conflitos relacionados à realidade, da qual são extraídos os elementos utilizados, apesar da oposição entre fantasia e realidade. A experiência existencial do homem se constrói no brincar, ocorrendo na zona dos fenômenos transacionais. O jogar não se encontra nem dentro (dualidade psíquica interna) nem fora (realidade externa), mas sim no campo neutro entre os dois (BRUHNS, 1996, p.33).

Os elementos que caracterizam a ação humana como jogo, analisados por Bruhns (1996) sob diferentes perspectivas teóricas, foram organizados por Roger Caillois (1990) na intenção de auxiliar o reconhecimento do fenômeno nas práticas sociais humana. Para o autor, as qualidades constituintes desses elementos mostram o jogo, essencialmente, como uma atividade: *livre*, por apresentar-se como algo atraente e agente de sentimentos de prazer; *delimitada*, localizada rigorosamente em um espaço e tempo estabelecidos; *incerta*,

considerando-se a liberdade dos jogadores para inventar procedimentos e na indeterminação de seu resultado; *improdutiva*, pois não intenciona uma mudança nos aspectos sociais ou econômicos de seus participantes; *regulamentada* por acordos ajustados à sua realização e; *fictícia*, sendo conscientemente imaginado em oposição à vida cotidiana.

No entanto, em sintonia direta com a compreensão do lazer, essas características sugeridas podem variar em relação ao tipo de jogo que se desenvolve, desde os que precisam de instrumentos para sua realização, até outros que dispensam qualquer acessório. Além disso, a maneira de o jogador posicionar-se frente ao desenvolvimento dos jogos também é fundamental para sua compreensão.

Porém, apesar da suposta motivação em jogar, cuja pretensão seria vencer ou mostrar sua superioridade frente a um rival em condições semelhantes de competição, existem também os jogos de sorte ou azar, nos quais o desempenho do jogador está sujeito aos acontecimentos do acaso.

Considerando essa variação encontrada nos jogos, Caillois (1990) classifica-os em quatro modalidades orientadas a partir de dois pólos. No primeiro pólo, *paidia*, vigora o preceito da imaginação, responsável pela improvisação, pelo divertimento e a despreocupação, que orientam as atitudes dos jogadores; no outro segundo, *ludus*, há uma disciplina que organiza e subordina as ações dos jogadores a regras.

> Coloca-se a existência, na ação do jogo, de um sentimento de exaltação e tensão, seguido por estado de alegria e distensão. O jogo seria uma espécie de comportamento caracterizado como uma alternância entre a tensão e relaxamento, capaz de ser conferida a qualquer tipo de movimento humano, uma espécie de "vaivém" (BRUHNS, 1996, p.31).

Os grupos descritos por Caillois (1990) são:

- **Ágon**, que engloba os jogos de competição, desenvolvidos mediante oportunidades idealmente criadas de maneira a oferecer condições de vitória ao jogador que dominar melhor

uma determinada qualidade, seja a disputa entre dois jogadores ou entre equipes. “Implica disciplina e perseverança” (CAILLOIS, 1990, p.35).

- **Alea**, opõe-se ao primeiro e independe da habilidade do jogador, sendo suscetível às variáveis do destino. O objetivo dos jogos pertencentes a este grupo é o de colocar todos os seus praticantes em uma igualdade absoluta, destituída de treino, vontade ou qualificação.

- **Mimicry**, diz respeito aos jogos da fantasia, nos quais os praticantes tornam-se alguém diferente de quem são (pessoa, animal, objeto), privando-se temporariamente de sua própria personalidade. “A *mimicry* é invenção incessante” (CALLOIS, 1990, p.43), em que, ao jogador cabe envolver o espectador enquanto este se submete temporariamente à realidade criada.

- **Ilinx**, refere-se ao arrebatamento da segurança que alguns jogos oferecem a seus praticantes mediante uma vertigem dos sentidos e da percepção, promovendo uma fruição, “[...] uma exaltação que mais se assemelha ao espasmo do que ao divertimento” (CALLOIS, 1990, p.47).

Csikszentmihalyi (1975) nos chama a atenção para as sensações sinestésicas e o domínio muscular, nem sempre tão evidenciados cotidianamente, que acontecem durante o desenvolvimento das ações que resultam no jogo, por seus praticantes. Segundo o autor:

> Quando uma atividade é capaz de limitar o campo de estímulo para que se possa agir nele com total concentração, respondendo a desafios maiores com habilidades crescentes, e quando ela fornece “feedback” claro e não ambíguo, então a pessoa tenderá a gostar da atividade por si própria. [...] A eficácia de movimentos políticos, religiosos e culturais depende, em parte, da quantidade de experiências de “fluxo” que eles tornam possíveis (CSIKSZENTMIHALYI, 1975, p.20-21).

O fenômeno, denominado como experiência de “fluxo” potencializa-se e é potencializado por meio do estímulo vivenciado pelo ser humano no decorrer de uma atividade que lhe seja significativa. A habilidade do jogador frente aos desafios que a atividade pode oferecer, de maneira a desempenhá-la no que o próprio jogador considere o

seu melhor, estimula o “fluxo”, cuja sensação, às vezes se mantém presente por grandes espaços de tempo sustentados pela busca do prazer.

> “Fluxo” denota a sensação plena presente quando agimos com total envolvimento. É um tipo de sensação depois da qual alguém nostalgicamente diz: “foi divertido” ou “foi agradável”. É um estado no qual uma ação segue-se a outra de acordo com uma lógica interna, a qual parece não precisar de intervenção consciente de nossa parte (CSIKSZENTMIHALYI, 1975, p.3).

Como forma de exemplificação do fenômeno, Csikszentmihalyi (1975) indica três situações onde podemos identificar a presença do “fluxo”: nos *jogos*, nos *processos criati*vos e nas *experiências religiosas.* Entretanto, o autor ressalta que “[...] enquanto o ‘fluxo’ é igualmente experienciado no jogo, na criatividade ou no êxtase religioso, não está sempre presente nestas atividades, nem é limitada a eles” (p. 4).

Ciente de sua ação, o jogador em fluxo, de acordo com Csikszentmihalyi (1975), não tem consciência da experiência plenamente, em razão do envolvimento puro com a prática, que transcende a percepção do “eu”. Esta percepção, no entanto, mantém a relação com o jogo de tal maneira, que a menor quebra de suas regras, encerra a sensação e restaura a consciência. Esta é a recompensa intrínseca que se verifica nas atividades de fluxo, motivo que não requer outra recompensa que não seja o próprio jogar.

Os processos descritos nesse capítulo, buscaram elaborar um caminho possível para um outro olhar que contribua para a *potencialização* do significado da arte e do lazer mediante as ações humanas. A intencionalidade manifestada expressivamente em que cada experiência vivida é, segundo esta construção, capaz de promover e estimular discussões que visem a utilização dos saberes não escolares para a construção de uma pedagógica fundamentalmente orientada pelo *estar-no-mundo* de cada indivíduo, temporal e historicamente situado.

Uma pedagógica, que, em sua proposta, considere também a urgência de emoções que nos faz humanos em essência e expectativas, pois, mais que força de trabalho ou massa de

manobra regida por ponteiros de ferro, homens e mulheres elaboram-se a partir de suas necessidades inventivas, contemplativas e fundamentalmente culturais. São essas características que nos permitem resistir às ideologias e está no processo de seu re-conhecimento, a semeadura, de novas vidas, novos mundos e novas estrelas.

Foto 11: Garoto apresenta a rapaz melhor local para posicionar-se na Bacia do Salto. **Fonte:** o autor, 2006.

3 - Poéticas culturais do lazer

> *Não é possível construir um futuro à força, a partir de conteúdos da consciência: nenhum conteúdo real pode ser tomado como evidência no que se refere ao futuro, uma vez que o futuro não existe ainda e não pode, como o passado, determinar marcas sobre os indivíduos.*
>
> (MARTINS, 1991, p.7).

As poéticas culturais no lazer manifestam-se a partir da extasia encontrada por homens e mulheres em seu contato subjetivo e intersubjetivo *sendo-uns-com-os-outros-no-mundo*. Não é um chamado externo que as motiva existir, mas sim, o desejo de criação do próprio ser humano na interface das práticas sociais que realiza e que atravessam e são atravessadas por processos educativos.

Nesse sentido, ao considerarmos a universidade como um ambiente de construção de novos saberes e, compreendendo também, que a Academia tem a primazia no *reconhecimento* ou na recusa dos saberes que considera elementos de contribuição para o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem encontrados no lazer e, desenvolvidos em espaços não escolares, a discussão destas práticas sociais podem se revelar elemento de considerável significação para a ampliação das reflexões no campo da Educação.

Um caminho possível para essa discussão se viabiliza com a aproximação das propostas acadêmicas, à maneira como homens e mulheres percebem a prática educativa, que se daria segundo Silva et al. (2008), por meio de nossa compreensão própria, da *percepção do outro*, em sua diversidade cultural e espacial no contexto da América Latina, para, a partir daí, potencializar os *intercâmbios* necessários à construção de um continente assumido por todas as pessoas que nele vivem.

Essa percepção tentaria compreender as práticas sociais que "[...] nos encaminham para a criação de nossas identidades" (SILVA et al., 2008, p. 11) compreendendo que "[...] nas práticas sociais promove-se a formação para a vida na sociedade por meio dos processos educativos que ali se desenvolvem, [...]" (p. 12) no entendimento de que "[...] um indivíduo

não existe como entidade isolada, pois carrega em si o social; da mesma forma o social traz em seu bojo as histórias individuais, assim, os seres humanos coexistem dando sentido à própria sociedade" (p.22). O respeito e a valorização das práticas sociais, constituídas em meio a decisões de seus grupos ou comunidades, sem a proposta de determinar sua existência mediante valores externos, garantiriam à totalidade humana latino-americana, o direito de participação em todas as decisões que buscam a articulação de um continente irmanado no respeito ao outro, que re-conheça os direitos de todas as pessoas.

Ao longo de nossa vivência, é por meio da organização de nossas percepções, na compreensão e inter-ação com os entes de nosso *estar-no-mundo*, que "[...] a vida adquire sentido para o ser humano" (BUORO, 1996, p.19), em uma humanização que somente se realiza por meio da con-vivência, na qual, todos os que participam dessa troca, contribuindo "para a construção de 'um' nós em que todos estão implicados" (SILVA et al., 2008, p.2).

Neste sentido, o re-conhecimento dos saberes populares presentes nas práticas sociais brasileiras ganha significado para o desvelamento e compreensão das potencialidades culturais latino-americanas, no sentido de aproximá-los do conhecimento escolarizado, "[...] numa perspectiva multicultural, dialógica-humanizante-libertadora" (SILVA et al., 2008, p. 6), como alternativa à totalidade dominante vigente, que aliena e nega a seus sujeitos, o direito de liberdade, de con-viver, de ser dis-tinto[12]. Esta posição, também é destacada por Dussel (s/d), ao dizer que não é possível desconsiderar a *voz do Outro* na construção de uma pedagógica latino-americana, e nem relevar que nos falta ainda o discernimento entre o que é parte de nossa formação histórica cultural e aquilo que nos foi ideologicamente inculcado e cujos valores, mesmo alheios ao nosso pertencer, tomamos e reproduzimos como nossos.

> A nação tem adquirido a fisionomia que lhe conferem os que mandam, nesta ou naquela época. Tanto assim que tem sido oligárquica, liberal, conservadora, populista, autoritária, democrática. São distintas as formas da nação burguesa. Mas

[12] Viver considerando o outro ser humano como parte significativa para a existência de todos, independente das diferenças, aparentes ou não.

> pouco, ou nada, expressam do operário, camponês, empregado e outras categorias que compõem o povo; pouco ou nada expressam das diversidades e desigualdades regionais, culturais e outras. Em geral, subsiste a impressão de que não se conclui nunca a sua formação. (IANNI, 1993, p. 77)

Neste contexto, homens e mulheres têm como elementos facilitadores de seu convívio as percepções com-partilhadas que desenvolvem *como* seres no mundo. Essas percepções se desvelam no diálogo sensível e afetivo com a sua comunidade e entre todas as pessoas de seu grupo, em meio a seus encontros e re-encontros no processo contínuo de humanização.

> Eu compreendo o mundo porque para mim existe o próximo e o distante, primeiros planos e horizontes, e porque assim o mundo se expõe e adquire um sentido diante de mim, quer dizer, finalmente porque eu estou situado nele e porque ele me compreende (MERLEAU-PONTY, 2006, p.547).

A possibilidade de realização de uma pedagógica na qual as peculiaridades culturais e sociais sejam elementos de constituição básica deve fazer parte das ações que procuram institucionalizar o conhecimento, modificando essa operacionalização em acolhimento. Nesse sentido, o acolhimento se dará a partir do respeito ao contexto cultural em que os saberes populares se originam, que, para Freire (2008), não podem ser compreendidos fora de seu corte de classe, das experiências do devir de homens e mulheres que têm em seu mundo, "[...] a primeira e inevitável face do mundo mesmo" (p.86).

> Não importa em que sociedade estejamos, em que mundo nos encontremos, não é possível formar engenheiros ou pedreiros, físicos ou enfermeiras, dentistas ou torneiros, educadores ou mecânicos, agricultores ou filósofos, pecuaristas ou biólogos sem uma compreensão de nós mesmos enquanto seres históricos, políticos, sociais e culturais; sem uma compreensão de como a sociedade funciona (FREIRE, 2008, p.15).

Não determinado, o ser humano é condicionado a responder 'adequadamente' às ações que lhe são regularmente impostas, porém, o não-determinismo aceita a possibilidade de transformação que temos a partir de todas as escolhas que fazemos ao longo da vida. Como aponta Freire (1981):

> Somente os seres que podem refletir sobre sua própria limitação são capazes de libertar-se [...] A prática consciente dos seres humanos, envolvendo reflexão, intencionalidade, temporalidade e transcendência, é diferente dos meros contactos dos animais com o mundo (p. 53-54).

A compreensão dessa busca pela libertação humana, também discutida por Dussel (s/d; 1996; 2003) é a condição que se faz necessária para que os sujeitos possam viver em uma sociedade fraterna. O sentido desta fraternidade, diz respeito à ciência das limitações impostas aos sujeitos e das possibilidades de ação que podem construir a partir de sua existência histórica.

> Os oprimidos, que introjetam a "sombra" dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, à medida em que esta, implicando na expulsão desta sombra, exigiria deles que "preenchessem" o "vazio" deixado pela expulsão, com outro "conteúdo" – o de sua autonomia. [...] A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca [...] que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem (FREIRE, 2006a, p. 37).

Um dos métodos mais utilizados na intenção de controlar e/ou condicionar as ações humanas se realiza pela comunicação, a qual, cada dia mais rapidamente, ilustra as pessoas a partir do que seja conveniente àqueles e àquelas que detêm seu controle. Essa ilustração (DUSSEL, s/d; 2005) que os meios de comunicação promovem socialmente tem um significado relevante na configuração de modos de ser e pensar ideologicamente contrários ao popular, com diz Bosi (1992): "Não se deve esperar da cultura de massas e, menos ainda, da sua versão capitalista de indústria cultural, o que ela não quer dar: lições de liberdade social e estímulos para a construção de um mundo que não esteja atrelado ao dinheiro e ao status" (p. 322).

Sendo um processo humano, e não uma representação abstrata, a comunicação fundamenta-se na linguagem, que, como lembra Merleau-Ponty (2002), opera e constitui situação, justamente por ser o resultado de uma construção histórica humana, como também salienta Freire (2006b). Para o autor, "[...] toda operação no mundo envolve uma certa

compreensão dele, um saber acerca do processo de operar, um inventário dos achados mas, sobretudo, a visão dos fins a que ela se propõe" (p.20-21).

> Não se fará idéia do poder da linguagem enquanto não se tiver reconhecido essa linguagem operante ou constituinte que aparece quando a linguagem constituída, subitamente descentrada e privada de seu equilíbro, ordena-se de novo para ensinar ao leitor – e mesmo ao autor – o que ele não sabia pensar em dizer (MERLEAU-PONTY, 2002, p.36).

É na repetição de determinadas palavras em um texto, ou em uma fala, que se desvelam as intenções humanas, potencialmente capazes de alterar parte dos conhecimentos, valores e saberes que carregamos. Saliento parte, e não todo o saber, porque não se esvazia todo o conhecimento humano para substituí-lo por outro. Compreensão esta, também discutida por Freire (2006b):

> [...] dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu (p.90-91).

Para Brandão (2005), o aprender, a saber, é uma atividade que nos acompanha por toda a existência, seja nas unidades escolares ou fora delas, em um diálogo contínuo consigo mesmo, com as outras pessoas e com o mundo. Segundo o autor:

> Assim como a informação serve ao conhecimento e o conhecimento serve à compreensão, a compreensão deve servir à comunicação e, através dela, à comunhão. A frase bem conhecida: "só se aprende o que se ama" pode ser completada assim: "... e com quem se ama". E, ainda: "e para conviver com o que e com quem se ama" (BRANDÃO, 2005, p.45-46).

Nessa proposta, se nossa compreensão sobre o "educar" ficar limitada à instituição escolar, estaremos colaborando com a não-libertação e com a desumanização do ser humano e legitimando sua determinação a partir de um sistema constituído política e socialmente em detrimento de uns sobre os outros. Mas, como essa constituição não se opera

por si, e sim, por intermédio da ação humana, não podemos deixar de pensar que essa libertação se processará por uma transformação também política.

> Pensar na maioria dos homens somente como 'massa' (palavra derivada do grego máza, amassar pão), como algo desprovido de espinha dorsal, algo passivo a ser moldado por pressões e condicionamentos 'massificantes', não condiz com o ideal humanista, de respeito por potencialidades especificamente humanas (OSTROWER, 2008, p. 147).

Nesse contexto, e considerando que historicamente os processos de ensino e aprendizagem não se limitavam às unidades escolares, é necessário compreender as práticas sociais e seus processos educativos em uma postura aberta aos sentidos de valorações distintas, das nossas e das instituições que nos desviam do saber do *Outro*. A prática social lazer é um dos caminhos possíveis para, no desvelamento de sua existência, compreendermos o sentido de uma pedagógica voltada ao saber popular, entendendo que sua dimensão cultural se realiza por meio das poéticas humanas, em grupos ou comunidades peculiares e com sentidos e significados historicamente constituídos.

Nesse sentido, Freire (2008) nos fala sobre a dialética – na resistência e na alienação – manifestada por meio das festas populares e da religiosidade, cujo reconhecimento se faz a partir do respeito aos seus significados culturais, mesmo que pessoalmente as recusemos ou não aceitemos o modo pelo qual são vivenciadas. Dussel (s/d), também nos traz uma reflexão que contribui para essa busca:

> Uma vez mais, quero recuperar fortemente a idéia de que tenhamos uma postura pedagógica (o que não significa usar de didatismos) perante a cultura, até mesmo porque esta tem se tornado cada vez mais uma experiência pedagógica em si, de formação e difusão de valores e sensibilidades relacionadas a nossa vida cotidiana, a nossa experiência social. Obviamente, estou longe de considerar a pedagogia em sua versão conservadora. Desejo uma pedagogia (escolar ou não-escolar) que estimule o indivíduo a e lhe permita se posicionar mais criticamente e mais ativamente perante os diferentes arranjos sociais (p. 79).

Os processos educativos encontrados nas manifestações populares do lazer – como ações historicamente construídas por homens e mulheres em um espaço social

específico, com *intencionalidades* e objetivos próprios (GONÇALVES JUNIOR; SANTOS, 2006), peculiares e subjetivos em seu desenvolvimento são responsáveis pela construção da identidade dos povos. Em sua dissertação sobre a identidade caiçara, Campos (2007) contribui com esta compreensão, ao destacar que: "[...] não podemos imaginar um ser humano que não seja fruto da cultura" (p.3); por essa razão, essas manifestações são valorizadas por aqueles que formam e representam as comunidades em questão.

Essas manifestações têm interesse ao sistema opressor no que tange aos ganhos econômicos, mesmo que esse processo se desenvolva com base na expropriação e exclusão de seus criadores, como já salientamos no capítulo anterior, e cuja concretização é uma violência, pois a natureza/mundo não pode ser considerada como algo externo ao ser humano (FREIRE, 2008; RODRIGUES, 2008; CAMPOS, 2007; MERLEAU-PONTY, 2006; BRANDÃO, 2005; DUSSEL, 2003).

Peculiares às comunidades onde se desenvolvem, essas manifestações, muitas vezes, se revelam uma *possibilidade* de superação das barreiras sociais e adquirem também o sentido de aproximação pessoal e histórica, de quem são e de onde vêm aquelas pessoas. Como destaca Merleau-Ponty (1980): "O espírito de uma sociedade se realiza, se transmite e se percebe pelos objetos culturais que ela dá a si própria e no meio dos quais ela vive. Suas categorias práticas aí se sedimentam e, em troca, sugerem aos homens uma maneira de ser e pensar" (p.77).

No entanto, é necessário um movimento reflexivo acerca destas manifestações, no sentido de que sua mediação para uma pedagógica – intencionalmente conceituando esse movimento a partir de Dussel (1996) se re-conheça na alteridade *em verdade*, que nos permita então, ir ao encontro desta desejada libertação, pois "[...] a veracidade é não só dizer a verdade; é querer dizer a verdade como verdadeira diante daquele que apreendendo-a se liberta" (DUSSEL, s/d, p. 243). Nessa perspectiva, lançar um olhar para os processos

educativos existentes dentro de uma comunidade específica, com homens e mulheres distintos uns dos outros e ricos em sua própria subjetividade, poderia não apenas fornecer novas compreensões do que se entende por Educação no ambiente acadêmico, como também, possibilitar que processos educativos não escolarizados tenham espaço nas discussões que visam um ideal humanizador.

> O que nos importa é precisamente saber o sentido de ser no mundo; a esse propósito nada devemos pressupor, nem a idéia ingênua do ser em si, nem a idéia correlata de um ser de representação, de um ser para a consciência, de um ser para o homem: todas essas são noções que devemos repensar a respeito de nossa experiência no mundo, ao mesmo tempo que pensamos o ser no mundo (MERLEAU-PONTY, 2007, p. 18).

Repensar nossa existência *ao* mundo, principalmente no sentido de que nesta existência caminham conosco outros homens e mulheres que *também desejam existir* como humanos, implica no re-conhecimento e respeito às culturas, às comunidades, aos grupos e às práticas sociais. Nesse sentido, um olhar mais sensível às experiências da cultura popular, desvelam elementos que tem a potencialidade constitutiva de poéticas e processos educativos, fundamentais para uma pedagógica latino-americana.

Se tal projeto não passar de um sonho, que mesmo assim ele tenha permissão de existir, pois o sonhar é parte da condição humana, como nos diz Freire (2008), e se faz utopicamente possível, como defende Dussel (2003). O sonho por essa nova pedagógica libertadora, pronunciado e defendido, e no qual a humanização se dá em processo, com alteridade e em afetividade, é mais que uma idealização, é uma realidade que se manifesta de forma tensa na corporeidade de homens e mulheres ao poetizarem seu mergulho no devir.

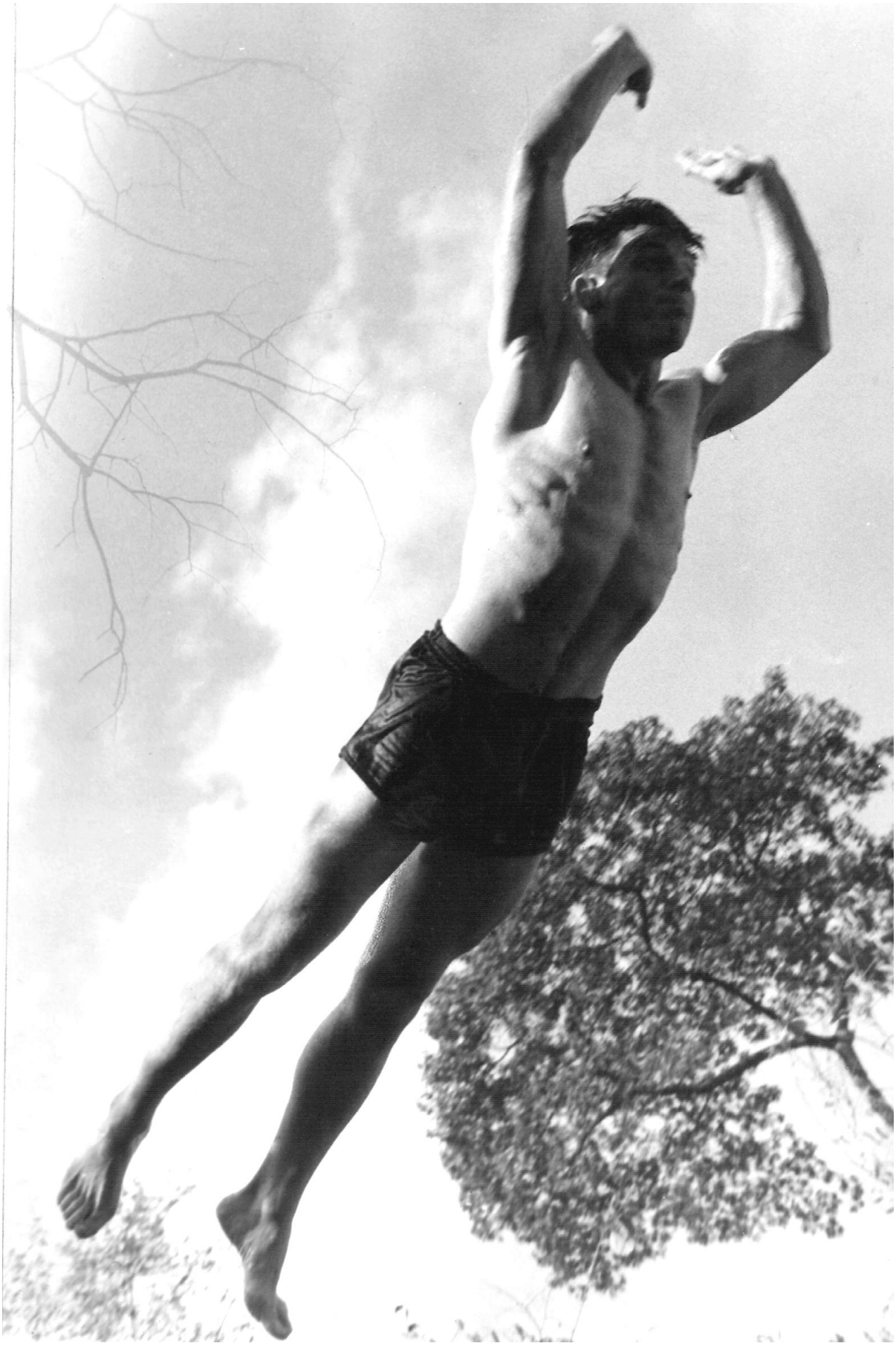


Foto 12: Mergulho na Bacia do Salto. **Fonte:** Cabeludo, 1964.

4 - Motricidade translúcida

> *Certo dia e uma vez por todas algo começou que, mesmo durante o sono, não pude mais parar de ver ou de não ver, de sentir ou de não sentir, de sofrer ou de estar feliz, de pensar ou de descansar, em suma de se "explicar" com o mundo*
>
> (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 545).

Durante o trajeto desta pesquisa, inúmeras vezes esta busca pelos significados da experiência que os praticantes de mergulhos e saltos da Bacia do Salto de Brotas vivenciam, foi pré-conceituada na atribuição de "interesses naturais" à prática social desenvolvida e ao caráter transcendente da modalidade de pesquisa. Estas análises, além de sugerir à pesquisa um perfil fantasioso, também teciam críticas à sua estrutura científica, que, atrelada à percepção ingênua dos sujeitos, seria inconsistente epistemologicamente. Posturas estas, reveladas por palavras, gestos e sorrisos.

Entretanto, a consciência a respeito de minhas escolhas, a crença no significado desta busca e a fé na percepção de mundo que cada pessoa desenvolve *sendo-uns-com-os-outros*, não permitiram que tais abordagens influenciassem de forma negativa este *pro-jeto* e seu trajeto metodológico por meio da fenomenologia.

Sobre a fenomenologia, Merleau-Ponty (2006), a descreve como o *estudo das essências*, que, filosoficamente, volta-se à compreensão, sem pressupostos, do que se afirma ser "natural", respeitando e considerando as experiências vividas pelos sujeitos face às *coisas* e/ou *fenômenos*, na procura do contato ingênuo com o mundo mediado pelas "[...] subjetividades e intersubjetividades das experiências e nestas a importância das relações com-os-outros" (LEMOS, 2007, p.47). Como também compreende Garnica (1997), ao dizer que: "[...] o ser é, existencial e primordialmente, afetividade, comunicação e compreensão. Lançado ao mundo, o homem percebe-se e torna-se humano no contato com outros humanos, afetado pelo que desse convívio descortina (p.114)".

Nesse convívio, realizam-se os fenômenos, cujo significado tem origem na "[...] expressão grega *fainomenon* e deriva-se do verbo *fainestai*, que quer dizer mostrar-se a si mesmo. [...] significa aquilo onde algo pode tornar-se manifesto, visível em si mesmo" (MARTINS; BICUDO, 2005, p.22-23). Como os fenômenos se mostram de várias maneiras, e cada ser no mundo se realiza mediante suas percepções deste *estar-no-mundo*, Martins e Bicudo (2005), em postura também assentida por Severino (2006), orientam que a pesquisa em educação alcançará compreensões mais significativas epistemologicamente, se buscar o sentido do fenômeno em um local situado, pois estas percepções – não quantitativas – somente se mostram a partir de alguém.

> A verdadeira ciência não está mais propriamente na explicação, mas muito mais na compreensão [...] [na] revalorização do imediato, do singular, do cotidiano, do vivido, do presente, uma vez que é aí que a vida se tece. E é aí que o conhecimento deve acontecer igualmente (SEVERINO, 2006, p.6).

Desta maneira, é no *retorno às coisas* mesmas, livre de *teorizações*, *explicações* ou *indicações definidoras*, que se fundamenta a pesquisa fenomenológica, cujo objetivo é o desvelamento da *essência* dos fenômenos, e não sua explicação, a partir de "[...] expressões claras sobre as percepções que o sujeito tem daquilo que está sendo pesquisado, as quais são expressas pelo próprio sujeito que as percebe" (p.93).

No entendimento desta proposta, e em busca de compreensões qualitativas das relações humanas face aos processos educativos que se desenvolvem na prática social lazer manifestada nos mergulhos e saltos da Bacia do Salto do Rio Jacaré Pepira, na cidade de Brotas, esta pesquisa desenvolve-se na modalidade do fenômeno situado (MARTINS; BICUDO, 2005; GONÇALVES JUNIOR, 2008), orientando-se a partir da questão: *Qual o significado de sua experiência na Bacia do Salto do Rio Jacaré Pepira?*

> Para a análise do fenômeno situado, portanto, daquele que colocamos diante dos nossos olhos, abandonamos a maneira comum de olhar, estabelecendo contato direto com o fenômeno vivido, através de uma leitura cuidadosa de todas as descrições,

> quando, então, o pesquisador chega a um sentido do todo, para o conjunto das proposições ontológicas e epistemológicas (MACHADO, 1994, p.40).

O número de sujeitos participantes se estruturou ao longo do desenvolvimento da pesquisa, desde as idas ao local da prática do lazer na Bacia do Salto e o conseqüente encontro com as pessoas, até referências feitas durante as conversas e entrevistas, o que resultou em maior variabilidade nos dados coletados, considerando que a forma de perceber o mesmo fenômeno pode ter sentidos diferentes para cada participante.

Assim, contamos com treze praticantes dos mergulhos e saltos na Bacia do Salto, sendo 11 sujeitos do sexo masculino e 2 sujeitos do sexo feminino, entre 15 e 75 anos de idade que desenvolvem ou desenvolveram a prática com freqüência.

As fotografias utilizadas ao longo deste trabalho, intercalando os capítulos ou como parte de seu conteúdo, e que tem a intenção de estender a compreensão do fenômeno além do significado das palavras impressas, foram cedidas e tiveram sua utilização autorizada por “Didi” e “Cabeludo”, seus autores, atores e também sujeitos da pesquisa. O conhecimento deste material e o contato com “Didi” e “Cabeludo”, realizou-se a partir de conversa com o sujeito “Jacaré”, que se lembrou dos registros fotográficos e intermediou meu encontro com ambos.

Após a entrevista com “Didi” e “Cabeludo”, que falaram de sua experiência tendo as fotografias como fonte de lembranças, estas imagens foram, escaneadas, digitalizadas e restauradas por mim. Com uso devidamente autorizado por seus autores, este material veio complementar meus próprios registros fotográficos da prática, e acrescentar outro olhar ao corpo da presente dissertação.

É importante destacar que as entrevistas com os participantes foram coletadas individualmente (MARTINS; BICUDO, 2005), gravadas em aparelho digital portátil, sendo que oito acontecerem às margens do rio, em local próximo ao utilizado para a prática social lazer, quatro foram feitas nas casas dos sujeitos e uma em seu local de trabalho. Essa variação

levou em consideração o interesse dos sujeitos, sua facilidade/dificuldade de movimentação e seu tempo disponível para participar do processo.

Com a intenção de preservar a identidade dos sujeitos, os mesmos foram convidados a sugerir pseudônimos, com total liberdade no critério de sua escolha. Assim, temos: *Serenidade*, *Cabeludo*, *Morgana Jacaré*, *Didi*, *Betão*, *Araújo*, *Jacaré*; *Bradock*, *Water*, *Errece*, *CRF250R*, *Gugu* e *Chupeta*. As entrevistas foram transcritas mantendo-se a pronúncia original em respeito à cultura do depoente[13].

Em continuidade aos procedimentos, foi realizada a **Análise Ideográfica** das transcrições, processo que envolve a leitura atenta da descrição ingênua dos sujeitos com o intento de, analisando as *ideologias* ali contidas, reuni-las em conjuntos que detenham *Unidades de Significado* próprias. Como apresentam Martins e Bicudo (2005):

> As unidades de significado surgem como uma conseqüência da análise; são discriminações espontaneamente percebidas nas descrições dos sujeitos [...]. Para discriminar as unidades de significados, o pesquisador anota-as diretamente na descrição sempre que perceber uma mudança psicologicamente sensível de significado da situação para o sujeito (p.99).

As *unidades de significado* retêm a essência dos discursos dos sujeitos, manifestas pela percepção dos indivíduos em relação ao fenômeno vivenciado, e que podem variar de uma pessoa para outra ou pelo mesmo sujeito, mediante uma movimentação diferente face ao fenômeno. Para Ostrower (2008):

> As palavras evocam o mundo por intermédio de sua noção [...] já surge em nossa consciência carregada de certos conteúdos valorativos. [...] representam unidade de significação [...], podem funcionar como signos e símbolos [...]. O signo aponta simultaneamente para dois planos da palavra, planos entre si diversos: para o seu aspecto sensorial, oral ou visual, isto é, para os sons ou a escrita ou a imagem de uma palavra (que a lingüística denomina de significante), e para sua noção, isto é, para um conteúdo convencionado (na lingüística, significado (p.21).

O próximo passo se dá com a *Redução Fenomenológica*, ou o "[...] movimento em busca da síntese, entendida como essência do discurso" (GONÇALVES JUNIOR, 2008,

[13] Após a entrevista, cada participante recebeu e assinou um termo de consentimento esclarecido, cujo modelo encontra-se ao final desta dissertação.

p.78). Esta síntese é construída a partir da reflexão do pesquisador, que procura depurar o não-essencial daquilo que, frente à percepção dos sujeitos, é imanente *para-si* à existência do fenômeno e, cujas *convergências*, *divergências* ou *idiossincrasias* possibilitarão a organização das **categorias**.

Encontradas as essências, procede-se à construção da **Matriz Nomotética**. Nesta etapa, elaboramos um "[...] quadro síntese que relaciona as unidades de significado com as respectivas categorias originadas" (GONÇALVES JUNIOR, 2008, p.78-79), a partir dos dados provenientes da *análise ideográfica*, na perspectiva de realizar "[...] um movimento de passagem do individual para o geral" (MARTINS; BICUDO, 2005, p.106).

A partir dessa construção, opera-se, então, a **Construção dos Resultados**, na qual são apresentadas as *compreensões* obtidas frente ao fenômeno estudado. Estas compreensões, para Gonçalves Junior (2008), são atributos existenciais *equiprimordiais* "[...] à afetividade (modo básico de sentir os outros e o mundo) e à expressão (modo básico de articular o discurso e expressar-se intersubjetivamente diante do mundo projetando-se para horizontes não apropriados)." (p.79), pois , "[...] falar e compreender não supõem somente o pensamento, mas, de maneira mais essencial e como fundamento do próprio pensamento, o poder de deixar-se desfazer e refazer por um outro atual, por vários outros possíveis e, presumivelmente, por todos." (MERLEAU-PONTY, 2002, p.41-42).

No propósito desta aproximação essencialmente humana, reiteramos nossa posição quanto à compreensão de que os processos de ensino e aprendizagem não se realizam determinados por uma relação ideologizada entre teoria e prática. A assunção de tal postura por nossa parte se realiza em concordância com Martins e Bicudo (2005), no intento de que:

> A concepção de pesquisa sobre seres humanos deveria ser modificada no sentido de que a pessoa, seja ela um professor ou um aluno, não deve ser conceituada como um agregado de processos psicológicos, segundo leis naturais, mas como um ser humano situado em um certo contexto social, procurando chegar a um fim (p.62).

Assim, no entendimento de que o fim a que homens e mulheres intencionam chegar é o seu próprio tornar-se humano, afetivamente (SANTOS, 2008) e em respeito à constituição de sua identidade (CAMPOS, 2008), voltamos o próximo capítulo à percepção deste movimento, a partir da fala de homens e mulheres que contribuíram para esta investigação.

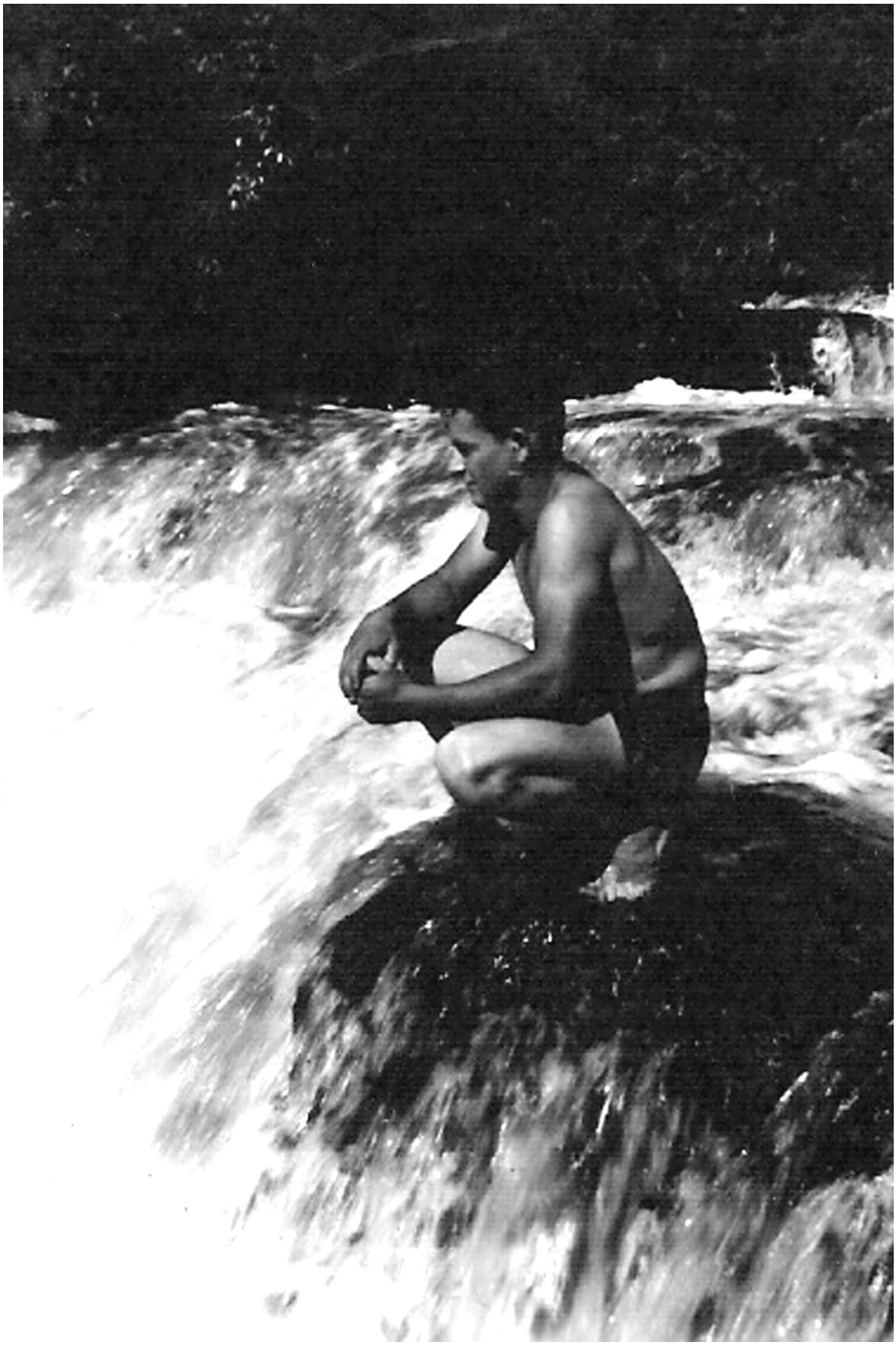


Foto 13: Rapaz em contemplação na Bacia do Salto. **Fonte:** Cabeludo, 1964.

5 - Como as coisas são

> *Buscar a essência do mundo não é buscar aquilo que ele é em idéia, uma vez que o tenhamos reduzido a tema de discurso, é buscar aquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização [...] Portanto, não é preciso perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente um mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos*
>
> (MERLEAU-PONTY, 2006, p.13-14).

Neste capítulo são apresentadas as unidades de significado e as reduções fenomenológicas do discurso dos sujeitos. Esta etapa da pesquisa busca o desvelamento da essência do fenômeno, ou, a percepção daquilo que, para seus sujeitos, *constitui a existência* do fenômeno.

Como já apresentado anteriormente, as unidades de significado, obtidas após várias leituras da transcrição fiel da fala dos sujeitos, são divisões do texto completo de seus discursos, feitas a partir de mudanças sensíveis de significado. As unidades de significado são transformadas na redução fenomenológica, de maneira a expressar de forma concreta as reflexões identificadas na análise.

Esse procedimento é necessário para desocultar a essência da descrição ingênua dos sujeitos. Para construção da matriz nomotética que será apresentada a seguir, as unidades de significado são identificadas por algarismos arábicos, da mesma maneira que sua redução.

5.1. – Compreensões dos praticantes

Discurso Morgana Jacaré

Unidades de significado	**Redução fenomenológica**
Entrar no rio foi muito difícil pra mim. Porque eu tinha medo do rio (1).	Entrar no rio era difícil em face do medo (1).
O rio era uma coisa assim, socialmente falando, os homens vinham no rio, né? As mulheres não iam muito pro rio (2).	O rio era um espaço social masculino (2).
Como os amigos vinham, e era gostoso pular junto da Bacia, todo mundo ia pular, né? (3).	A companhia dos amigos para entrar na Bacia do Salto, oferecia sensação de prazer (3).
A gente vai perdendo o medo e daí... Pulei muito, né? Mas assim, duas vezes só, sozinha	A gente perde o medo quando está acompanhada. Só pulei duas vezes sozinha

mesmo, e o resto, assim, com alguém (4).	(4).
É uma sensação muito boa. Porque você afunda. Você afunda, você afunda e fica solta, assim, depois você volta... É muita espuma, não é duro, é... Uma coisa de espuma, é uma banheira de espuma, é delicioso (5).	É uma sensação muito boa porque você afunda e quando volta, fica solta na espuma. É delicioso (5).
Existia todo um, né, uma coisa assim, "Olha, o rio... Morre gente no rio, né? O rio é perigoso, o rio é não sei o que...". Então, a gente cresceu com isso, e, quer dizer, a minha geração, um pouco mais velha, cresceu com isso (6).	Diziam que o rio era perigoso e que morria muita gente. Isso fez com que a minha geração crescesse com medo (6).
Na verdade, o que me fez mudar foi um menino que era amigo da minha amiga, da (*cita o nome de uma amiga*) Mas é o seguinte, ele vinha aqui, e ele andava no... Aqui por tudo, como se tivesse andando na casa dele, né? "Nossa, porque eu ando com tanto medo? Tão pesada?" No rio, se você andar pesado, você até escorrega, entendeu? Você tem que soltar um pouco o corpo, né? E isso você vai aprendendo. (7).	O que me fez mudar de atitude em relação ao medo foi ver um menino, amigo de minha amiga que andava pela Bacia do Salto como se estivesse na casa dele. Você vai aprendendo a andar com o corpo solto no rio (7).
E essa história, né? De... Vencer o medo, aos poucos você começa a relaxar, você começa a pisar mais ligeiro, né? Você até vai vendo que tem lugares que tem pouca água. Quando tem muita água você não vai, né? Então, essa coisa, você vai perdendo o medo. Você vai vendo o que acontece, né? E daí você vai vendo que não é tanto assim, né? Que o medo é mais da cabeça mesmo, né? (8).	Você vai vencendo o medo, anda mais rápido, percebe o nível da água. Quando tem muita água, você não entra no rio. Isso tudo faz você perceber que esse medo é coisa da cabeça (8).
O rio, ele é muito importante pra mim. O Rio Jacaré. Porque é realmente... É essa história assim... É o desafio (9).	O Rio Jacaré é muito importante pra mim porque oferece desafios (9).
Eu não entro no rio quando aquela pedra ali tiver coberta (*enquanto fala, aponta para uma das rochas do rio*) porque eu acho que daí tem muita correnteza pra ali. Então, isso é uma coisa que eu, que eu, receio pelo rio. Quando o rio tá muito cheio eu não vou entrar. Então, quando aquela pedra não tá coberta eu entro, mas... Assim, na baciinha, direto, né? E então isso é uma medida, né? (10).	Quando aquela pedra tá coberta pela água eu não entro no rio porque eu tenho receio em entrar quando o rio tá muito cheio. É uma medida de segurança. Mas na baciinha eu entro sempre (10).
A gente vai aprendendo... Então é isso... E esse aprendizado é pro novo, né? É com aquilo que, né? Que a gente pode mostrar de outras coisas, né? Que às vezes você faz uma visão de alguma coisa e não é aquilo, né? Se	Esse aprendizado vale também em relação ao novo. Você pode achar que uma coisa é ruim, e quando vai conferir percebe que aquilo é bom. Isso você só faz experimentando (11).

eu não for conferir no real da coisa, você vai perder muitas vezes de fazer aquilo e, é muito bom... (11).	
É muito bom mesmo. É uma banheira de espuma, você vai assim ó: Póf! E é muito gostoso, daí você sobe, daí, rapidinho, né? Pra não cair também, na corredeira (12).	É muito gostoso. Aqui é uma banheira de espuma. Você também fica ágil pra não cair na corredeira (12).

Discurso Araújo

Unidades de significado	**Redução fenomenológica**
O significado é um negócio muito grande, começa quando a gente era criança, que os pais ainda proibiam a gente de nadar, então a gente vinha e ficava vendo os mais velhos, morrendo de vontade de entrar, mas, com aquele medo também, porque acho que a idade não, não permitia, não liberava a coragem que a gente precisava. Mas aí, a partir do momento que a gente foi adquirindo confiança, porque nessa época a gente já nadava lá no rio, na parte mansa do rio a gente nadava. E o desafio era entrar aqui na Bacia. Parecia que era um marco na vida da gente essa, essa entrada nesse local do rio (1).	Os pais nos proibiam de nadar no rio, então ficávamos vendo os mais velhos, com vontade de entrar, mas com medo. Isso tem muito significado. A gente já nadava no rio quando vinha pra Bacia, e esse era o desafio. Era o marco em nossa vida (1).
Quando você entrava e sentia a firmeza, os primeiros passos subindo a pedra pra saltar do lugar mais alto, esse movimento da água, esse rebojo que a Bacia faz aí com a água, ele, ele criava uma certa sensação com aquele calafrio na espinha e, e a gente ensaiava os primeiros saltos e tal, e aí, quando você caía era uma maravilha. Porque é uma espuma que se forma, você pode cair de qualquer forma que não sente dor, não... Aquele estalo que costuma dar quando a gente pulava da ponte, aqui na Bacia não existe (2)	Os primeiros passos na Bacia, conhecer o movimento da água, de onde pular, ensaiar os saltos e cair na espuma era uma maravilha. A espuma não deixa sentir dor, é diferente de quando a gente pulava da ponte. Não tem nem o estalo do mergulho (2).
De qualquer forma que você caísse você caía bem e aí, a preocupação de levantar, você tinha a impressão de que a correnteza ia te trazer pras pedras aqui, onde você se machucaria, mas ela dá um tempo pra você respirar e aí você escolhia pra que lado você vai sair. Então, isso é uma sensação que... Indescritível, pô... (3).	Você tinha a preocupação em levantar do mergulho pra que a correnteza não te levasse e nem batesse nas pedras. A sensação em conseguir isso, conhecer o tempo para restaurar o fôlego, é indescritível (3).
Com o tempo você vai passando, vai criando mais coragem e já vai fazendo mais malabarismo e aí você já mergulhava de um lado e já saía embaixo da cachoeira do outro lado, e ficava lá, e faltava um pouco de ar	Com o tempo você faz outros mergulhos, faz malabarismos, aprende como escapar do volume da água e a se esconder sob a cachoeira que se forma nas pedras. Também aprendi a pescar aqui na Bacia, a conhecer

porque o volume d'água é muito grande, que cai na frente, e o ar é meio rarefeito atrás dessa, atrás dessa água Então, você ficava um tempo lá e tinha de, de voltar, né? Mas era muito bom. E a minha experiência aqui na Bacia também, foi muito boa pra pesca. Eu atravessava com uma vara de pescar, sentava naquela parte mais alta dela e ficava pescando aqui embaixo, pegava um peixe que a gente chama de "tambiú", é como se fosse um lambari, só que ao invés de rabo vermelho é rabo preto (4).	tipos de peixe (4).
E eu ficava e esquecia da vida. De vez em quando eu prestava atenção em algum movimento do outro lado, e era o meu pai que tava parado lá, me olhando com uma cara de bravo. Eu tinha esquecido passar a hora, já tava escurecendo, né? Entende? E aí eu ficava sozinho. Quando eu vinha pescar eu pescava sozinho aí, quando não tinha ninguém (5).	Quando eu vinha pescar aqui, eu vinha sozinho. Daí eu esquecia da vida. Ficava aqui até escurecer. Uma vez, meu pai veio me buscar porque já estava tarde (5).
Até uns três anos atrás eu voltei aí também com meus filhos e, o mais velho adora, o mais novo tem um pouco de medo porque não, não participou tanto do começo, quando a gente ainda fazia. O mais novo, o mais velho, eu era mais novo, né? Então a gente veio umas vezes. Eu trouxe pra cá... Mas ele adora. Quando tá aqui, tempo quente, ele fala: “Pai, vamos nadar na Bacia?” E a mãe fica horrorizada. Que a mãe é de São Paulo: “Você tá maluco! Você leva essas crianças pra lá e tal...” (6).	Quando o tempo está quente, eu trago meus filhos pra cá. O mais velho adora, mas o mais novo tem um pouco de medo. O mais velho, quando vem pra Brotas, sempre fala pra gente nadar na Bacia. Minha esposa fica horrorizada. Ela é de São Paulo (6).
É uma sensação que não, não tem descrição. É uma coisa incrível. Uma coisa, uma realização... Você se sente herói e... É muito bom. É muito bom. E a gente brincou muito aí, então, uma infância que a gente nunca se esquece. E eu, toda vez que eu passo aqui, quando pelo Salto e tal, a sensação que a gente tem daquela época, a lembrança, é um negócio que mexe muito com a gente, realmente... (7).	É uma sensação boa demais. Uma realização. Você se sente um herói. Quando passo por aqui, tenho a sensação daquela época. Mexe com a gente (7).
Eu saí cedo daqui pra fazer cursinho em São Carlos e depois eu fui fazer faculdade em Belo Horizonte, aí direto eu fui pra São Paulo trabalhar, mas toda vez que a gente vinha aqui, a gente ainda, um bom tempo, vinha pra cá pra, pra entrar no rio, aqui nessa região que era sempre uma delícia. Nem fazia questão de nadar lá em cima. Lá em cima,	Eu saí cedo daqui pra estudar e depois pra trabalhar, mas sempre que venho aqui é pra essa parte do rio que eu venho. Na parte de cima é só pular da ponte, nem faço questão. O gostoso é aqui na Bacia (8).

mais é pular da ponte só. Mas o gostoso era vir aqui pra Bacia. Realmente era muito bom (8).	
A gente morava na beira do rio. Nasci na beira do rio. Então, o rio, era pular a cerca de casa e tava dentro d'água. Então, sempre a preocupação: "cuidado com o rio, cuidado com o Salto". E quando vinha ver os mais velhos nadarem na Bacia, a gente tinha aquela vontade, mas acho que sentia que não era hora ainda, e eu era bastante obediente na época, então a gente não extrapolava muito, obedecia os pais. Não tinha muito de rebeldia. Então esperei mais ou menos a época certa de entrar. Com vários amigos também, que eu tinha na época, que também entramos praticamente juntos. Então, esse marco, da fase antes de nadar na Bacia e depois, foi muito grande, porque isso dá uma realização que você não imagina. E depois, o fato de você conseguir nadar. Você chegar e depois que você se acostumou, é... É um negócio que eu acho que marca você pra sempre porque é uma sensação de vitória, de... É um desafio... (9).	Eu nasci e morei na beira do rio. Pra entrar na água era só pular a cerca de casa. Havia sempre a preocupação com acidentes por parte dos meus pais e eu obedecia. Entrei no rio na época certa e com vários amigos. Pra mim foi um marco: antes e depois da Bacia. É uma sensação de vitória, de desafio vencido (9).
Se você vier nadar aí um dia, você vai ver como é gostoso e como não tem assim, nada de especial... (10d)	Se você vier nadar aqui, vai ver como é gostoso e como não tem nada de especial (10d).
Pra quem vem de fora, e a gente mesmo, quando você fica um tempo sem vir e você vai entrar, você já não lembra direito onde que ficava as pedras, onde que tinha o perigo, onde não tinha. Então você vai tateando, você vai sentindo melhor as coisas, você já não vai se atirando. Isso é o respeito que a gente sempre aprendeu a ter pelo rio, pelo local, por esse local aí, agradável de nadar que a gente sempre chamou de Bacia, que é o formato mais ou menos de uma bacia (11)	As pessoas que não são de Brotas, e mesmo nós, quando ficamos muito tempo sem vir na Bacia, temos que estar atentos para o lugar pra não errar onde pisar e nem mergulhar de qualquer jeito. Isso é o respeito que aprendemos a ter pelo rio, pela Bacia (11).
Isso realmente é uma coisa que marcou muito a vida... Minha vida e a vida de meus amigos e companheiros da época aí, que... Nós não tínhamos outra diversão aqui em Brotas praticamente, você entendeu? Ou era jogar bola ou era nadar no rio, principalmente nós que morávamos mais aqui pra baixo (12).	A Bacia marcou a minha vida, de meus amigos e companheiros da época, porque aqui em Brotas não havia outra diversão além de jogar bola ou nadar no rio. (12).
Não tinha piscina na cidade, nada. Então, isso aqui pra nós era nossa vida. Todos os dias a gente estava aqui. Exceto mês de julho, que era meio, extremamente frio, então... A gente	Não tinha piscina na cidade, então isso aqui era nossa vida. Todos os dias a gente estava aqui, menos em julho, que era muito frio (13).

respeitava um pouco mais e não vinha, mas, o resto do ano era nossa diversão (13).	

Discurso Serenidade

Unidades de significado	**Redução fenomenológica**
Eu aprendi a nadar nesse rio, né? E a partir do momento que a gente já sabia nadar um pouco mais, a gente já descia aqui para a Bacia. E foi praticamente, vamos dizer aí, uma parte da infância e da adolescência. A gente, não pode dizer que a gente vinha diariamente aí, né? Nadava no rio diariamente, agora, na Bacia a gente vinha aí uma vez por semana, né? (1).	Eu aprendi a nadar nesse rio, nadava diariamente aí, parte da infância e da adolescência. Na Bacia a gente vinha uma vez por semana (1).
E sempre é uma aventura porque o rio nunca tá igual, né? Então um dia ele tá mais claro, aí choveu... Já tive aqui uma experiência com chuva, perigosa, que você só faz quando você é jovem, porque quando você tem uma certa idade, você já sabe que não faria, né? Porque com a experiência de vida que a gente tem, a gente fica medroso, né? (2).	A aventura no rio é que ele nunca está igual. Já tive uma experiência com chuva que foi perigosa, mas algumas coisas você faz na idade certa. Hoje sou mais medrosa (2).
Era sempre uma aventura. E sempre vinha com amigos, então dependendo com quem a gente tava, a gente abusava um pouco mais, entendeu? Ia pra cachoeira de cima, ia andando beirando aqui e pulava, né? E... Tantas vezes! Pulava e subia de novo várias vezes, né? E... Quando você pula na Bacia, você não afunda muito por causa da espuma que tem, sabe? Então é muito gostoso. E a hora que você sai assim da água, aquele, estar envolvido naquele monte de espuma é uma sensação maravilhosa, né? (3).	Era uma aventura vir com os amigos pra Bacia. A gente ia pra cachoeira de cima e pulava várias vezes. Quando você pula na Bacia você é envolvido pela espuma e não afunda. É uma sensação maravilhosa (3).
É uma recordação maravilhosa... Muita... Esse contato direto, né? Com a natureza, com a água, né? E... A gente nasceu aqui na beira do rio, aprendemos a nadar na beira do rio, no rio, vamos dizer, né? Então, quantas vezes a gente brincava: Ah, Serenidade onde você mora? Eu moro embaixo da ponte. Quase embaixo da ponte, né? Então, um contato muito grande com esse rio, com a Bacia, e... Só coisas boas, né? (4).	A recordação desse contato com a natureza é maravilhosa. Eu nasci na beira do rio, a gente até brincava dizendo que morava embaixo da ponte. Era um contato muito grande com o rio e com a Bacia. Coisas boas (4).
Já aconteceram acidentes aqui, mas eu digo pra você que não, de pessoas, que vinham pra nadar e se divertir, assim... Sabe? Eu por exemplo, tive contato com muita gente que nadava nesse rio. A gente vinha aqui, pulava	Os acidentes que aconteceram aqui foram com pessoas que não conheciam o rio ou que bebiam e entravam na água. Nunca conheci ninguém, de contato direto, que tenha se acidentado. O lugar aqui é pra pessoas que

na Bacia. Eu não conheço ninguém, do meu contato mais direto, que tenha acontecido um acidente. Então sempre foi assim, com pessoas que vinham sem ter a experiência do rio. Pessoas que bebiam e entravam na água, entendeu? Então... Sempre foi uma coisa muito boa (5).	venham se divertir e nadar (5).
Tive uma experiência muito forte que eu falei de um dia de chuva e só tava eu e o meu irmão e... Depois que a gente pulou, pra atravessar pro lado de cá, que a gente viu que não daria nem pra retornar por esse lado, tamanha era a correnteza, né? E aí, a gente até precisou de ajuda pra voltar (6).	Eu e meu irmão precisamos de ajuda em um dia de chuva pra voltar pra margem, porque a correnteza estava muito forte (6).
Sempre só experiências boas e só lembranças boas. Hoje eu continuo nadando no rio... Não entro mais na... Hoje eu tenho 54, 53 anos... 52, né? Vou fazer só no fim do ano, então 52 ainda. Ah... Não entro mais lá do lado da Bacia, da Baciona... Entro aqui na Baciinha! Né? Pra me refrescar e tudo mais... (7).	Só tenho lembranças e experiências boas daqui. Hoje ainda nado no rio, na Baciinha, mas na Bacia eu não vou mais por causa da minha idade (7).
É uma energia. Que parece que entrou e ficou. Sabe? Eu até me emociono. Uma energia muito boa (8).	A energia daqui entrou em mim e ficou. Até me emociona. É uma energia muito boa (8).

Discurso Jacaré

Unidades de significado	**Redução fenomenológica**
Minha infância, juventude, até a minha mocidade... Eu vivi aqui em Brotas e, no meu tempo de criança, não existia computador, logicamente, ah... E brinquedo, a gente tinha que construir o brinquedo. Então, a grande diferença que havia entre os dias de hoje, é que você, não só tinha que construir o brinquedo, como inventar alguma coisa pra que aquilo lá fosse um brinquedo. Inventar uma brincadeira que coubesse aquilo como um brinquedo, entende? No quintal da casa dos meus pais, tinha um, um ponto de água, né? Que vinha da rua, que usava pra aguar as árvores que, frutíferas, que tinha lá. Aquilo ali pra mim era um rio. Então eu fazia um rio, fazia uma represa, fazia uma roda d'água, fazia um monjolo, entende? Então, a gente construía as coisas pra poder brincar com as, com aquelas coisas. Não tinha loja de brinquedo. O brinquedo era estilingue, bolinha de vidro, ah... E coisas que a gente fazia. Arco de vassoura pra você rodar, pneu	Eu vivi em Brotas toda a infância e juventude e naquela época, a gente tinha que construir nossos brinquedos, inventar brincadeiras. No quintal da casa de meus pais, havia um ponto de água que para mim, era um rio. Eu fazia represas, monjolos. Brincava com estilingues e bolinhas de vidro. Fazia arcos com cabos de vassoura e brincava com pneus. Quando ficamos mais velhos, íamos em busca de outros divertimentos, e o rio foi nosso ponto de apoio (1).

pra você entrar dentro dele e girar. Então, conforme a idade foi avançando, a gente foi procurando algumas distrações que fossem mais, ah... Que satisfizessem melhor aquela vontade de aventura que a gente tinha. E o rio foi o nosso, vamos dizer assim, o nosso ponto de apoio. Não só na Bacia, mas em todo o trecho do rio (1).	
Isso que eles fazem hoje como profissão, que é o *bóia-cross*, o *raffting* e outras coisas mais, a gente fazia no peito. Descia as corredeiras aí, se ralando todinho, passando aquelas ondas que hoje o pessoal desce de bóia, bóia encapada, né? Com toda a segurança que tem, a gente fazia, entendeu? Se machucando, se arranhando, mas... Isso daí pra gente era o que satisfazia, né? (2).	Os esportes que hoje são feitos pelo turismo aqui na cidade, nós fazíamos no peito, nos machucando, arranhando. Era isso que nos satisfazia (2).
Bacia era um ponto a mais, entende? Tanto que a gente não ia lá na Bacia. A gente ia aí perto da ponte. Ia nadar. Jogava bola dentro d'água, fazia coisa, e depois, roubava fruto nos vizinhos, né? E era tudo ali perto e daí descia na Bacia. Não tinha... Não tinha um caminho pra ir lá. Tinha uma trilha que você se pendurava num cipó pra descer lá embaixo, porque não tinha um caminho feito. O caminho era aquilo que a gente conseguia (3).	Nadávamos no rio, perto da ponte. Jogávamos bola, roubávamos fruta dos vizinhos. A Bacia era depois. Não tinha um caminho pra ir até lá. Tinha uma trilha e um cipó pra descer e era assim que a gente chegava até lá (3).
O salto na Bacia passou a ser o... Uma... Como se fosse uma iniciação, né? Quem conseguia saltar era mais que o... Né? Era melhor que os outros. Então... Essa daí é que era a nossa distração (4).	O salto na Bacia era uma iniciação. Quem saltava mais, era melhor que os outros. Era nossa distração (4).
Quando eu saí de Brotas, que eu fui trabalhar, eu notei que o pessoal daqui de Brotas, que eu levei algumas pessoas daqui pra trabalhar comigo, trabalhava na Petroquímica em Cubatão, esse pessoal... Ah... Mais... Que tinha vivido mais com a natureza presente, né? Que tinha tido essa iniciativa de criar os brinquedos, criar as brincadeiras e tudo, na vida prática, no trabalho, tinham um raciocínio mais rápido. Então, essa foi uma relação que eu consegui fazer, comparado com os outros colegas de trabalho que eram ou santista, ou paulistano e coisa, que tinham uma vida presa (5).	Quando eu saí de Brotas pra trabalhar, pude perceber que o pessoal daqui, que me acompanhou, que fazia os brinquedos e inventava as brincadeiras, tinham um raciocínio mais rápido em comparação aos colegas de trabalho da cidade grande, que levavam uma vida presa (5).
Então, essa infância, essa juventude que a gente teve aqui, influenciou na vida da gente, na vida profissional, no dia-a-dia, dessa	As experiências de nossa infância e juventude influenciaram na nossa vida profissional. Ajudavam a encontrar soluções para

forma. Quer dizer, a gente tinha uma mentalidade criada... É... Para o improviso. Então, em situações difíceis, você criava soluções. E isso daí tinha que ser imediato. Nem sempre dava tempo de você pensar. Tinha que ser uma coisa rápida. E eu notei bem a diferença desse pessoal interiorano, desse caipira nosso, com o pessoal de cidade grande. Entende? Preso a apartamento, preso a diversões como cinema, como... Ah... E hoje, que seria como o computador, né? Esses jogos prontos. Essas coisas que não trabalham a cabeça da gente. Trabalha a agilidade, mas não trabalha... Raciocínio, iniciativa, tomada de posição... (6).	situações difíceis de maneira rápida. Essa é a diferença que eu notei entre o pessoal do interior e da cidade grande. As diversões presas como o cinema, o computador e jogos prontos não trabalham a cabeça da gente, não nos ajudam a ter iniciativa (6).
Talvez, aí esteja um ponto pra ser explorado. Como a influência da liberdade. Porque, né? Aquilo lá pra nós era uma proclamação de independência, né? Era uma... um grito de liberdade! (7).	Brincar no rio e na Bacia era um grito de liberdade. Uma proclamação de independência (7).
Existia risco, né? Risco da gente se machucar e... O estar lá, naquela área, por si só já representava uma, vamos dizer assim, um risco em si. Porque é liso, você escorregava... Às vezes a gente ia pegar peixe nas locas de pedras lá, você se arranhava porque... (8).	Aquela área era de risco. É uma área lisa e escorregadia, onde a gente se arranhava todo quando ia pegar peixes nas pedras (8).
Tudo que a gente fazia lá naquela área representava alguma coisa diferente da rotina, entende? Porque a nossa rotina era nadar no que a gente chamava de piscina, que é o trecho do Rio Jacaré, da ponte pra cima. Naqueles cem metros. Que foi até preparado pra isso. Foi até fundado um clube, que se chamava Clube Regata Santa Cruz, mas, era... Abrangia aquele trecho, então, aquilo ali era a rotina. O ir até aquela parte de baixo, que seriam os saltos em si, não só a Bacia, mas os outros, as outras quedas, ali era a diferenciação. Muitas vezes a gente ia pra lá, então, ali era o diferente. Então, quem ia pra lá? Eram os melhores, né? Aqueles que tinham mais coragem, aqueles que se arriscavam mais... (9)	Nadar na Bacia e nas outras quedas era sair da rotina. Era mostrar que éramos melhores, mais corajosos (9).

Discurso Water

Unidades de significado	**Redução fenomenológica**
A Bacia pra mim, pra mim e acho que pra vida de um brotense como eu, tem muitos significados, né? Primeiro deles assim, que eu	A Bacia tem muitos significados pra mim. No verão, venho aqui quase todos os dias pra lavar a alma. Pulo na água e saio purificado

busco, é que no verão, quase todos os dias, é vim aqui, eu digo que é lavar a alma. Dou um pulo na água, saio do outro lado como se tivesse purificado o meu corpo. (1)	do outro lado (1).
Tem muitas coisas que influencia isso, como: um pulo. Você virar um mortal, tá podendo se manifestar em gesto de um pulo, ah... Pular de ponta, pular em pé, virar mortal... Isso aí também, acho que é muito, muito gratificante assim, pra mim... Porque eu, cada vez que eu venho aqui eu busco um pulo, um pulo meio que diferente, uma coisa meio que diferente. Sempre procuro não... (*trecho incompreensível*) parecer que sempre que eu venho aqui é diferente. Sempre mudando os pulos, mudando o jeito. Aonde eu vou pular, aonde eu vou nadar (2).	Pular, virar mortal, se manifestar com os gestos, pulando de ponta, em pé, é muito gratificante pra mim. E quando eu venho aqui eu sempre tento um pulo diferente, um jeito novo (2).
E tem o respeito. Tem 45 pessoas nadando... Aí você não vai chegar pulando no meio de todo mundo. Você chega, tem que olhar porque lá tem dois pontos que pula. Tem que olhar pro outro lado. Dar sinal pra ver quem vai pular, quem vai esperar. Então aí, já é um grande respeito que você tem que ter pelas pessoas (3).	Você não chega pulando no meio de todo mundo. Tem que olhar pro outro lado, respeitar as pessoas que estão ali, dar um sinal, esperar sua vez. Tem que respeitar o outro (3).
A Bacia pra mim é tudo aqui em Brotas. Pela, pelo espetáculo de... De visualização, né? Que é uma coisa maravilhosa e, pelo bem estar. É muito bom (4).	A Bacia pra mim é tudo aqui em Brotas pelo espetáculo, pelo bem estar (4).
Às vezes assim, quando você tá meio caído, meio deprimido, é... Sei lá, fica com uma coisa ruim no corpo, assim, você precisa tirar isso aí do corpo. Eu acho que você, eu acho não, eu tenho certeza, que você vindo aqui na Bacia e dando um pulo, se encontrando com a água um pouco gelada, e tal... Todo esse aspecto... Na hora que você sai do outro lado, parece que você tira toda essa coisa ruim do teu corpo, né? Você fica em um... Bem-estar assim... Com você e com o todo, ali, né? Com a natureza, com a população, com todos, né? Com todos que tá com você ali. (5)	Quando você está deprimido, com uma coisa ruim no corpo, você vem aqui e dá um pulo na água gelada. Você sai sem essa coisa ruim. Se sente bem com a natureza, com as pessoas, com todos que estão com você (5).
A Bacia hoje em dia faz parte da minha vida... Pelo menos uma vez por semana eu tenho que vir na Bacia. Se for pra mim ver, pra nadar, mas eu tenho que vir aqui e ficar olhando um pouco pra ela... Olhando a água cair... Eu acho que isso aí transmite paz pra mim... (6)	A Bacia faz parte da minha vida, me transmite paz. Eu tenho que vir aqui pelo menos uma vez por semana, seja pra nadar ou só pra olhar pra ela, pra água caindo (6).

Discurso Betão

Unidades de significado	**Redução fenomenológica**
Quando a gente, nós éramos jovens, toda a juventude se reunia aqui nesse Rio Jacaré, entendeu? Pra trocar informações, pra... Entendeu? Passar o tempo... (1).	Quando nós éramos jovens, toda a juventude se reunia aqui no Rio Jacaré pra trocar informações e pra passar o tempo (1).
E praticar esportes. Essa é uma grande verdade. Tanto que, o professor de Educação Física no, na época, ele descobriu que o rio era tão bom que come... Transformou a educação física aqui no rio, certo? Passou do Ginásio para o Rio Jacaré, né? Tal era a importância que esse rio tinha pra nós. Pros rapazes da época (2).	Para os rapazes daquela época, o rio era ainda mais importante porque era onde praticávamos esportes. O rio era um espaço tão bom que o professor de educação física passou a dar suas aulas aqui (2).
Especificamente quanto à Bacia, nós fomos descobrindo o rio. Certo? Descobrimos o rio nas suas corredeiras... (3).	A Bacia do Salto foi descoberta a partir das corredeiras do Rio Jacaré (3).
Já à época, cinqüenta anos atrás, fazíamos o transporte de bóia, que hoje tá sendo feito pelo turismo, certo? Nós fomos os precursores do turismo de bóia aqui em Brotas. Isso há muitos anos atrás (4).	Há cinqüenta anos, nós já fazíamos o que é feito hoje com a bóia através do turismo. Nós fomos os precursores do turismo aqui em Brotas. (4).
E a Bacia se tornou um lugar, entendeu? Privilegiado pra nós, entendeu? Pelas suas dificuldades, por ser (*trecho incompreensível*), pelas possibilidades de você praticar um esporte mais radical, né? (5).	As dificuldades e as possibilidades de praticar um esporte mais radical tornavam a Bacia do Salto um lugar privilegiado pra nós (5).
O que eu posso falar da Bacia é isso... (*risos do entrevistado*) Na verdade, um... Entendeu? Um prêmio que nós tínhamos aqui entendeu? Dentro da nossa cidade (6).	A Bacia do Salto é um prêmio pra nós porque fica dentro da cidade (6).
Nesse rio, eu fui... Fui, ah... Como se diz, assim? Praticando um esporte que as outras pessoas não conseguiam fazer. Quer dizer, os pulos, os saltos, entendeu? Tudo isso... O estilo de nadar, que é pras competições, que a gente vencia. Então, tudo isso me deram o título de Rei do Rio Jacaré, né? Que a "Serenidade" falou. Pessoal fala, quer dizer... Até hoje os meus amigos encontram comigo, (*cita dois amigos*), lembrando daquela época, entendeu? Quando nadávamos aí, o que eu fazia no Rio Jacaré, né? E hoje eu não consigo fazer mais, é lógico. Mas, no tempo de juventude eu realmente nadei muito aí. Ensinei muita gente nadar e salvei muita gente aí nesse rio, entendeu? Duas pessoas que estavam morrendo afogadas, o Betão	Os pulos e os saltos que eu desenvolvia no rio, como uma prática esportiva, eram diferentes do que os outros faziam. O estilo de nadar e as competições que eu vencia também. Por tudo isso me deram o título de Rei do Rio Jacaré, que até hoje os meus amigos lembram. Hoje eu não consigo fazer igual, mas na juventude eu nadava muito no Rio Jacaré. Ensinei muita gente a nadar e salvei muita gente no Rio Jacaré. Uma vez eu tirei da água duas pessoas que estavam se afogando (7).

conseguiu tirar de lá, entendeu? (7).	
Tem um sentido muito grande. Tanto que eu gosto desse lugar, do rio, que eu vim de São Paulo e construí minha casa do lado da cachoeira, entendeu? Como eu gosto desse lugar. Eu adoro esse lugar aí. Pra mim é minha vida. Eu cresci aí. Dos dez anos pra frente, entendeu? Eu fui, entendeu? Nadei aí muito... Nossa, quanta gente! A sociedade se reunia aí, entende? Aí dentro desse Rio Jacaré àquela época, né? (8).	O rio significa tanto pra mim, que quando eu vim de São Paulo, construí minha casa ao lado da cachoeira. Pra mim, esse lugar é minha vida. Eu cresci, eu nadei e era dentro do Rio Jacaré que a sociedade se reunia àquela época (8).
Depois, com a construção do Clube de Campo, terminaram aqui. Eu era presidente do Grêmio Estudantil de Brotas naquela época e eles, não digo que enganaram, certo? Mas disseram que iam construir porque a gente tinha vestiário, tinha tudo aí, eles desmancharam tudo isso pra que o povo fosse para o Clube de Campo. Uma história que eu afirmo e reafirmo (9).	Eu era presidente do Grêmio Estudantil quando desmancharam tudo aqui. Tinha até vestiário. Desmancharam tudo pra que o povo fosse para o Clube de Campo, que haviam construído (9).
Porque é tão pequenininho, certo? É tão importante pra nós e tão pequeno o espaço, entendeu? Pra você falar, que não... Já falei o que eu tinha pra dizer... Apenas que eu vivi muito lá e adorava aquilo. Taí... O Betão do Rio Jacaré (10).	É tão importante pra mim e tão pequeno o espaço pra falar que o que eu tinha pra dizer, já disse. Eu sou o Betão do Rio Jacaré porque vivi no Rio Jacaré. E adorava (10).

Discurso Errece

Unidades de significado	**Redução fenomenológica**
Mais diversão. Emoção... É perigoso. Ah, é perigoso, então... É a emoção mesmo, Paulo. Quantos litros de água eu já não bebi aí, ó... Respirava, Ih... Bebia água, mas é a emoção. Aí você não sente o chão, cê sobe pra borda de novo, cê sobe o coração tá: tá-tá-tá... Batendo, batendo, batendo... (1).	O perigo dá a sensação da emoção. Quantos litros de água eu já não bebi aí. Respirava e bebia mais água. Você não sente o chão, mas sobe na borda pra tentar outra vez. Você sente o coração (1).
Daí você vai, faz o Anjo Bolha, que nem eles fala, cê já viu? Acho que eu não te mostrei ainda naquele dia. Aí nós pulava, nós pula assim, é um anjo. Nós pula assim e a hora que vai chegar perto da água, nós fecha (*durante esta fala, faz o movimento com os braços abertos, fechando-os em direção ao peito*). Aí faz: plá!... Sobe aquele monte de água. Aí aquela emoção... Você não vê a água subindo, mas, vem os outros falando: "Nossa, subiu aquele mó alto pra caramba a água", não sei o quê... É gostoso também... (2).	Daí você faz o Anjo Bolha e pula. É imitação de um anjo. Quando chega perto da água, você sente muita emoção e os outros falam que subiu muita água, muito alto. É gostos ouvir isso também (2).

Saúde também, por que... Olha cara, fica forte (*risos do entrevistado*)... Dá saúde também. Resistência, né? Quem não tem resistência, deu o primeiro pulo aí, na hora que sai já: Ah, ah, ah... Já fica ruim. Mas pra quem tem resistência... (3).	Quem pula aí fica mais forte, tem mais resistência física e mais saúde também. Quem não tem resistência, quando pula se sente mal (3).
Tem gente que fica aí... Entra uma hora da tarde e sai cinco horas da tarde, sei horas. Quando o sol tá baixo já... Já escureceu. Quando tá calor. Porque no frio... Se der um pulo ainda... Quando tá muito forte num... (4).	Tem gente que passa a tarde toda aí quando tá calor. Só sai quando já escureceu. Mas no frio não dá. Só se você vier pra dar um pulo e pronto. (4).
É a... Purificação. Purificação. Nada, nada, nada... Enfrenta a correnteza (5).	Você se purifica nadando e enfrentando a correnteza (5).
A hora que você sai, isso aqui ó, peito, tá doendo. Nossa, mas... Daí você vem no outro dia e não dói tanto. No outro dia já não dói mais. Você não sente mais. Parece que, parece que é a mesma coisa. Cê vai, volta. Normal. Foi... Você tira uma força daí. Fôlego... (6).	No começo você sente um pouco de dor no peito, mas quanto mais você nada e pula aí, menos você sente, até que fica normal. Você ganha muito fôlego aí. Fica forte (6).
Na época de calor, cê não cansa. Se vem aqui, cê nada um pouco. “Chupeta”, quando tá na época de calor, vinha eu e ele aqui, ficava nadando: "Ah, vamo jogar agora", aí nós ia. Quer dizer, nós não falava assim, mas ele descia, ficava pulando: "Ow, cê vai lá treinar?" "Aí eu vou daqui a pouco". Ficava pulando, pulando: "Ah, tô indo". Aí nós pulava e saía. Ia jogar bola ainda. Imagina! Cê cansado aqui, depois jogar bola (7).	Eu venho com meu amigo aqui e a gente fica pulando, fica nadando, até resolver jogar bola. Ia jogar bola depois de pular aqui, porque você fica mais forte (7).
Ó, e eu, que quando morava lá no sítio, vinha de lá de bicicleta. Trinta quilômetros mais ou menos. De bicicleta. Até aqui. Nadava, depois ia pra boate ainda. Cinco horas da manhã eu tava voltando pra casa. Imagina o pique que eu tinha. Chegava em casa seis, sete horas da manhã, pá! Dormia. Duas horas da tarde eu tava nadando. É uma força que você tira daí. Nossa, eu tinha uma... Minha resistência tá baixa. Mas eu tinha uma resistência... Eu vinha de lá, Paulo. Chegava aqui, dava uns trinta... (8).	Quando eu morava no sitio, eu vinha pedalando os trinta quilômetros, nadava, ia pra boate e voltava pro sítio na madrugada do dia seguinte. Às vezes de manhã. Agora eu estou com a resistência baixa, mas quando eu nado é daí que tiro minha força. (8)
Almoçava na casa dos colegas aqui, vinha nadar. Nadava, nadava, nadava... Daí tinha uma competição nossa também, pra ver quem pula mais. Pulava, Tchu! Subia. Pulava, Tchu! Subia. Aí aquela força, aquela animação, aquela diversão: "Cê vai?" E o braço doendo... Cê vai, arf, arf... Ó tô	Eu almoçava na casa dos colegas e vinha pra cá nadar. Nós fazíamos competições pra vem quem pulava mais. O braço até doía, mas era muito divertido e a gente não parava. Ficávamos desafiando o outro pra ver quem era o mais forte, quem agüentava mais. Mas quando você começa a cansar, tem que falar

ganhando, tô com nove pulo na sua frente, não sei o quê... Vai... Cê vai: "Não, cê não vai ganhar de mim". Cê fica. Cê cansado e cê pula. Aí cê pula, pula, pula... Parei. Aí cê tem que falar assim: "Fala que cê perdeu que eu não vou falar pra ninguém" (9).	pro outro que pode desistir e prometer que não vai contar pra ninguém (9).
Aí, nadava, nadava, nadava, nadava, ia pra casa dele. Tomava lá café, de novo. Depois vou embora. Ia pro centro, ia pra boate depois. Aí ficava na boate dançando. Podia tá cansado, o que for, ficava dançando. Depois tinha que ir embora ainda. Mais trinta quilômetros pra voltar (10).	A gente nadava o dia todo, daí eu ia pra casa do meu amigo tomar café. Depois ia pro centro e pra boate. Mesmo cansado do rio eu passava a noite dançando e depois cumpria os trinta quilômetros pra chegar em casa. (10).
Aumenta a resistência quando nada... Porque, porque ainda que, lá na onde, lá onde eu moro tem um lago. O lago é grande, então dá pro cê... Parado assim... Ir e voltar se cê agüentar. Então eu ia, depois voltava... O meu irmão, chegava na metade... "Peraí". Tinha que esperar. Ele fuma ainda (11).	A resistência física aumenta quando a gente nada. Porque lá onde eu mora tem um lago grande. Dá pra atravessar e voltar se você tiver resistência. Eu ia e voltava, mas meu irmão só chegava até a metade. Ele pedia pra eu esperar e eu esperava. Ele fuma (11).

Discurso Bradock

Unidades de significado	**Redução fenomenológica**
O Parque dos Saltos pra mim é um lugar que passa bastante tranqüilidade. É um lugar onde a gente pode, assim... Desenergizar um pouco. Sair daquela... Quebrar aquela rotina do dia-a-dia (1).	O Parque dos Saltos é um lugar onde eu fico tranqüilo, onde eu posso desenergizar um pouco e sair da rotina (1).
O dia-a-dia nosso, freqüentemente tá lidando com problema, com as, com diversidades... E lá é um lugar que você não pensa nada disso. Você vai, cê relaxa, cê acaba nadando...Além de gastar caloria, fazer uma atividade física, cansar o corpo, não só a mente, cê ainda acaba desestressando um pouco a cabeça, a mente, desligando um pouco dos problemas. Então, pra mim, ali é como se fosse uma terapia (2).	Eu enfrento muito problemas no dia-a-dia e no Parque dos Saltos eu não penso em nada disso. Além de relaxar a mente, desestressando e se desligando dos problemas, você nada, gasta calorias em uma atividade física. Pra mim é uma terapia (2).
Apesar de toda adrenalina, os perigos que lá oferece, com um pouquinho de cautela, é... A gente consegue, acaba relaxando o corpo e a mente lá na Bacia (3).	Apesar da adrenalina e dos perigos, com cautela você fica relaxado de corpo e mente na Bacia.(3)
Muitas vezes eu cheguei lá no Parque dos Saltos, às vezes, muitas vezes pra nadar lá na Bacia com a cabeça... Às vezes até pensando em muita coisa errada. Em besteira, em querer... Querendo achar soluções rápidas pra problemas grandes, coisa que eu acho que no momento não é propício... (4).	Eu já cheguei lá com muita coisa na cabeça, muito nervoso, pensando em fazer besteira, em achar soluções rápidas pra problemas que eu não entendia direito. (4).

A partir do momento que cê vai lá, cê desligou um pouquinho dos problemas... Você tem uma visão diferente pra tomar outras atitudes. Pra tentar resolver um problema. A gente com a cabeça quente não tem uma, uma, a melhor opção na hora de resolver o problema. Coisa que depois, passando o tempo, abaixando a poeira, cê tem uma visão diferente, do mesmo problema, que cê já tinha. Então eu acredito sim, que por ser, como eu falei, uma terapia, eu acho que influencia diretamente no dia-a-dia, nas escolhas, e nas atitudes de cê toma (5).	O contato com a Bacia do Salto influencia diretamente na resolução de problemas. Você se acalma e vê tudo de outra maneira. É uma terapia por essa influência no cotidiano, nas escolhas e nas atitudes que você vai tomar (5).
O meu dia-a-dia, ele é meio assim, corrido. Eu tenho um tempo curto assim, um tempo livre meu. Então, muitas vezes, cê acaba estressando um pouco assim... Chega numa aula um pouco assim, mais nervoso, acaba assimilando os outros problemas pra você. E assim, eu vejo, que às vezes eu vou, e acabo nadando lá um fim de semana, você começa a semana totalmente assim, solto (6).	O meu dia-a-dia é muito corrido, com pouco tempo livre e isso estressa, daí eu fico nervoso e acabo assimila os problemas do trabalho pra mim. No final de semana, quando eu vou nadar na Bacia, eu começo a semana mais tranqüilo (6).
A maneira de você lidar com o dia-a-dia fica mais fácil. Isso daí em relação a tudo. Em relação à sua família, você fica mais fácil pra sentar e conversar com o pai, com meu filho, eu tenho um filho de sete anos... Então assim, cê tem mais tranqüilidade pra brincar, pra saber assimilar os problemas dele... Então, eu vejo que a gente realmente descarrega as más energias.Você descarrega um pouco aquela tensão do dia-a-dia e assim, isso acaba ajudando diretamente em tudo que você vai fazer. Seja um problema familiar, seja no trabalho, seja no dia-a-dia geral, mesmo (7).	Depois, enfrentar as relações do dia-a-dia fica mais fácil. Posso sentar e conversar com meu pai, com meu filho. Posso brincar com meu filho e perceber os problemas dele. Porque as energias ruins ficaram lá. Você se liberta da tensão do cotidiano e isso ajuda na sua vida inteira. Desde os problemas na família até os do trabalho. Ajuda em tudo mesmo (7)

Discurso Didi

Unidades de significado	**Redução fenomenológica**
A minha vida e o meu mundo, era a minha casa, a escola e o quintal da minha casa. Então, no fim dos anos 50, com treze anos, quatorze anos, eu comecei a perceber que o meu mundo começou a expandir, vazando pelo fundo do quintal de casa e descobrindo o caminho pro rio, que a gente já conhecia, mas à distância. Ah... Sempre escondido do meu pai, que não permitia jamais que a gente fosse pro rio sozinho. E ali meu mundo se expandiu (1).	O meu mundo, no fim dos anos 50, com treze, quatorze anos, se resumia à minha casa, ao quintal e à escola. Eu conhecia o rio à distância, e foi escondido de meu pai, que não permitia que a gente fosse sozinho para o rio, que o meu mundo se expandiu (1).

Eu ali aprendi a nadar, aprendi a brincar no rio... E esse pedaço do rio, era meu mundo porque, era aonde eu podia ir porque era escondido (2).	Eu aprendi a nadar e brincar no rio, e ali era meu mundo, aonde eu podia ir escondido (2).
Nesse tempo, o Salto de Brotas não era um ponto de atração turística. Era um pedaço, era uma cachoeira, mergulhada num mato fechado, e a gente fazia uma picada pra chegar até lá (3).	O Salto de Brotas não era atração turística, era uma cachoeira mergulhada no mato fechado, aonde só se chegava se a gente fizesse uma picada (3).
Ali eu aprendi a nadar, aprendi a saltar, e... E era o meu grande mundo ali. Ali eu aprendi... Pratiquei fotografia também, que foi, que é uma das minhas linguagens até hoje (4).	Além de nadar e saltar no rio, ali eu aprendi e pratiquei fotografia, que é uma de minhas linguagens até hoje (4).
Ali, também, não só cresceu o meu mundo como cresceu também, cresceu também, cresceu também o meu universo, o meu contingente de amigos (5).	Meu universo de amigos também cresceu ali na Bacia (5).
Brincar, saltar, nadar, e viver nesse pedaço do Rio Jacaré era pra mim, uma... Uma expansão... E eu aqui, (*mostra uma fotografia*) eu não tava saltando, só. Eu tava voando. Isso é... Significava um vôo de liberdade. A sensação de liberdade que se tinha nadando e voando nesse salto, é uma coisa fantástica (6).	Brincar, saltar, nadar e viver na Bacia era uma expansão. Nesta fotografia eu não estava só saltando. Eu estava voando. Um vôo de liberdade. A sensação de liberdade é uma coisa fantástica (6).
Hoje, eu... Ah... Como de carona, pratico vôo livre em paraglider, lá em Santos, em São Vicente. A sensação de voar no paraglider é fantástica, é maravilhosa, mas... Não se compara nunca, nada se compara à experiência de dar um salto desse aqui e cair na espuma da Bacia do Rio Jacaré (7).	Hoje em dia eu pratico vôo livre em paraglider, a sensação é maravilhosa, mas não se compara à experiência de dar um salto e cair na espuma da Bacia do Rio Jacaré (7).

Discurso Cabeludo

Unidades de significado	**Redução fenomenológica**
Era uma coisa que a gente vivia aquilo ali. Era uma aventura, né? Era uma aventura aquilo lá pra nós... Nós chegava, e ia procurando certos lugar mais perigoso pra pular, pra mostrar que a gente era bom no, no conhecimento da água, né? E pra nós era uma aventura aquilo lá. Era uma beleza, nossa vida... Era uma alegria, viu? (1).	Aquela vida era uma aventura, procurando lugares perigosos pra pular pra mostrar que a gente conhecia bem o rio (1).
Eu fazia aí meu serviço, eu saia correndo, que eu trabalhava meio período, ah, saía correndo já passava na casa do Didi, lá nós passava a mão na máquina e ia pra beira do rio. Lá nós ficava pulando, fazendo essas fotos bonita, né? Que hoje pra nós é uma recordação que,	Eu saía do meu serviço, onde eu trabalhava meio período, passava na casa do Didi, pegava a máquina e ia pra beira do rio. Essas fotos trazem recordações que não tem preço (2).

não tem preço, né? É uma coisa bonita isso aí (2).	
Hoje foi muito desbravado ali o salto, né? Então, aquele tempo pouca gente conseguia chegar no salto, né? Por causa da... Era muito mato, né? E brejo... Você tinha que atravessar brejo. Hoje não. Hoje aquilo tá um brinco, né? Que então, é... Todo mundo freqüenta lá. Então, virou um divertimento pra todo mundo. Aquele tempo era pouca gente que... Então pra nós, foi, principalmente pra mim, né? Que foi uma coisa que... Hoje se você vê uma foto, no meu tempo de vinte anos, hoje eu to beirando os setenta, sessenta e nove anos, eu vejo essas foto aí digo: "Puxa vida, olha o que nós fazia naquele tempo, né?" (3).	Hoje é mais fácil chegar no salto. Antigamente era pra pouca gente, ficava no meio do mato e do brejo. Hoje está arrumado e todo mundo vai lá pra se divertir. Eu vejo essas fotos dos meus vinte anos, hoje eu estou beirando os setenta, e me orgulho do que a gente fazia (3).
Pra mim, isso aí... Sei lá, né? É uma coisa da vida da gente. Não sei expricá direito, como que... A gente sentia que era uma coisa... Muito gostosa de fazer, né? (4).	Era parte da nossa vida. Uma coisa muito gostosa (4).
Mas não era só eu, que o Didi também pulava. Eu tirava foto dele pulando também, né? E... Inclusive, acho que até numa foto aí deve tê ele pulando junto comigo, né? Aquela... Alguém, acho que tirou uma foto... Essa aqui, ó. (*mostra uma das fotografias*) Essa aqui é eu com ele que tamo pulando. E um rapaz, que nós emprestamos a máquina pra ele e ele tirou a foto de nós dois pulando... Esse pulo aqui, (*mostra outra fotografia*) chama "pé na lua". Pé na lua. Tinha nome... Nós colocava nome no pulo, né? (5).	Eu pulava com o Didi e também tirava fotos dele. Nesta foto (mostra um das fotografias) estamos pulando juntos, fotografados por um rapaz que usou nossa máquina. Colocávamos até nome nos pulos. Este (*mostra outra fotografia*) é o “pé na lua” (5).
A gente corria esse rio aí, conhecia o rio de ponta a ponta. Desde a parte lá de cima do rio, no Poção, que nós chamava de Poção, nós, nós levava um barco. Nós tinha comprado um barco, nós levava, subia empurrando o barco nas pedreira, pra levar o barco lá no rio, na... Que chamava "Água Mansa", lá. E lá, então, nós ia fazer piquenique. Ia fazer piquenique e depois descia com o barco e aquelas pedreira, porque existia umas pedreira, ali na parte da Estação, lá no pontilhão da Estação. Ali era muita pedreira, então, cê tinha que ir empurrando o barco e, era uma aventura. Pra nós era coisa do outro mundo (6).	A gente conhecia o rio todo. Compramos um barco e empurrávamos ele até as pedreiras pra descer de lá. Lá, a gente fazia piquenique, era uma coisa do outro mundo (6).
Naquela época, no começo dos anos 60, em 59, Brotas não tinha atividade, né? Então,	Não havia muito que fazer em Brotas no começo dos anos 60 além de jogar bola e

cê... Você ia jogar bola. Eu gostava de jogar bola. Fui goleiro do time do CAB, né? E, e no rio. Aí à noite, no cinema. Era nossa atividade isso aí. Não existia outras coisas. Hoje, cê sai na porta assim, você escolhe as coisas, né? Então, por isso parece que hoje perdeu o encanto, aquela graça, né? As pessoas parece que fazem as coisas, não tem aquela... E nós, não... (7).	nadar no rio durante o dia, e ir ao cinema à noite. Hoje você tem outras opções e parece que essas atividades antigas perderam a graça, perderam o sentido (7).
No tempo de junho, frio, nós ia no rio nadar, sete horas da manhã. Sete horas da manhã ia nadar, aquela água saía até fumaça, assim... Pra mostrar que nós era, que nós era bom, mesmo. Sabe? Aquelas coisas, aquela ilusão de, da mocidade, né? Mas era... Nossa, era bom rapaz, assim... É isso aí... Não sei exprícá direito o sentimento... Eu sei que o sentimento era muito bom, viu? (8d).	Nós íamos nadar mesmo no tempo do frio. De manhã, quando a água até solta fumaça. Isso pra mostrar que éramos os bons. Isso era ilusão da mocidade, não sei explicar direito, mas era muito bom (8d).

Discurso Chupeta

Unidades de significado	**Redução fenomenológica**
Pra mim é uma coisa boa, porque além de eu tá praticando um esporte que eu gosto, que é natação, ainda sinto emoção, adrenalina de vim pular aqui... Posso vir com a minha namorada, com meus amigos... É gostoso... Ah, sei lá... Eu acho muito gostoso... Emocionante também. Você pula assim, sente uma coisa gostosa na barriga. Aí você não quer mais parar, quer vir todo dia... Aí é gostoso mesmo... (1).	Além de praticar a natação, que é um esporte que eu gosto, ainda sinto a emoção, a adrenalina de pular aqui. É muito bom porque posso vir com minha namorada, com meus amigos. É tão gostoso que dá vontade de vir todo o dia (1).
Representa um esporte pra mim, porque é perigoso, tem as pedras ali que são perigosas, só que aqui eu me divirto, aqui eu sei, né? (2).	É um esporte perigoso por causa das pedras, mas eu me divirto muito porque eu sei onde pular (2).
Eu nem lembro de nada. Quando eu tô aqui, eu tô aqui. Não quero nem saber de nada. Isso aqui é só aqui que eu posso ficar de boa... Só nadando... Ah, aqui é o paraíso de Brotas, mesmo... Aqui é o melhor lugar, que eu acho que tem. O melhor lugar aqui no Parque dos Saltos é aqui na Bacia (3).	Pra mim, no Parque dos Saltos, a Bacia é o melhor lugar que existe. Aqui é o paraíso de Brotas. Quando estou aqui, não me lembro e nem quero saber de nada. Só fico relaxando ou nadando (3).

Discurso Gugu

Unidades de significado	**Redução fenomenológica**
É um esporte, né? Hum... (*trecho incompreensível*). Que mais... Ali é só mais... Lazer também... Esporte (1).	É um esporte e um lazer (1).

Não tem ali, não tem sentido ali... Não tem sentido... Ali é... É diversão só, mas sentido não tem não... Não tem sentido. Eu procuro de ir ali pra não ficar em casa, né? Tá fazendo esporte radical ali, nadando... A gente tá diariamente ali, viu? Só... (2d).	Não tem sentido ali. É só diversão e um jeito de não ficar em casa. Eu venho diariamente, pra praticar esporte radical, pra nadar (2d).

Discurso CRF250R

Unidades de significado	**Redução fenomenológica**
Pra mim é um lazer. Entendeu? É um lazer aquilo li. Sempre gostei dali. Nadar (1).	Pra mim é um lazer. Sempre gostei da Bacia. É bom pra nadar (1).
Tinha medo. Muito medo de conhecer. De entrar dentro da Bacia. Ia lá, via o povo pulando, aí fica naquela curiosidade de saber: "Nossa, qual é a sensação de pular numa cachoeira... Como que é a reação embaixo da cachoeira, embaixo da água". Todo mundo falava: "Cê pula, é a mesma coisa que pular dentro de um tanquinho, de lavar roupa. A água vai bater, vai virar você, vai fazer...". Outros falam: "Não é uma banheira de hidromassagem. Aquilo lá é a coisa mais gostosa do mundo". Aí eu tinha esse medo e essa pergunta dentro de mim: "E se eu pular lá, a água que cai na minha cabeça, não vai me afogar? Eu vou conseguir enxergar?". Aí, com o tempo, uma bóia... Pulei, atravessei a Bacia. Tinha medo de pular de lá de cima, da pedra (2).	Eu tinha medo de entrar na Bacia, mas também via o pessoal mergulhando e ficava curioso em saber como era a sensação de pular numa cachoeira, de ficar embaixo dela. Com o tempo, e com uma bóia, acabei pulando e atravessando, mas ainda tinha medo (2).
Ali tem o lugar certo do cê pular. É gostoso, mas é muito perigoso. Não aconselho ninguém: "Pode ir que você vai gostar". A pessoa tem que ter opinião própria, de ir, ver... Porque lá, nossa... Já cheguei a praticamente salvar pessoa, da pessoa chegar, ver pessoa pulando, e chegar e entrar na Bacia sem saber aonde que tá pulando. E que a pessoa ia pular e ia morrer. Lugar que atravessar ali, que é um metro só de distância, se a pessoa pisasse naquele lugar, ela ia morrer (3).	Pra pular na Bacia, a pessoa tem que saber o que vai fazer, conhecer o lugar, porque é muito perigoso. Já cheguei a praticamente salvar uma pessoa lá (3).
A Bacia, como se diz, a natureza em si, ela é, como se diz, emocionante. É gostoso. E também é traiçoeira. Você não pode abusar da natureza. Você abusou dela, cê vai se dar mal, cara. Cê vai... Vai pagar com a vida... Com ela. E ali, a Bacia... É complicado ali. Ao mesmo tempo que é gostoso, é perigoso. O medo... O medo fala mais alto, né? (4).	A natureza é emocionante, mas é traiçoeira também. Se você abusar, vai pagar com a vida. A Bacia é assim. Ao mesmo tempo em que é gostoso, é perigoso. O medo fala mais alto (4).

Tem a pedra ali. Aquela pedra redonda. Aí cê olha, quem tá vendo você pular, diz: "Ele não vai conseguir pular. Ele vai pular, ele vai cair em cima da pedra". Então, a primeira vez que eu pulei ali... Ah, é uma adrenalina! Cê... Cê quer virar um homem-aranha! Cê quer pular e sair lá no meio da Bacia (5).	Tem uma pedra redonda ali que você tem que evitar quando vai pular e na primeira vez que eu pulei, foi uma adrenalina! Você se sente o homem-aranha e quer pular e sair no meio da Bacia (5).
Eu já errei ali, já. Já caí, já bati a perna na pedra. Já bati a mão no fundo da Bacia. Já machuquei ali, não vai pensar que nunca machuquei, que machuquei sim. Não tem quem nunca se machucou na Bacia. Por mais experiência que o cara tem ali, que cada... Que cada passo da Bacia... Vamos supor, se eu fosse subir na pedra ali, eu sei aonde tem os buraco certinho de encaixar a mão, o pé; onde mergulha... Se eu mergulhar eu sei a hora certa de eu levantar. Cê não enxerga nada debaixo da água. Não é você pular e abrir o olho e falar: "Vou abrir o olho e vou ver a pedra do outro lado". Não. Tem até aquele tempo certo: você mergulha, cê conta as braçadas embaixo d'água: uma, duas, três, na quarta cê pode levantar que cê já tá de cara com a parede, embaixo da cachoeira. Então... Quer dizer, num pulo, o cara que não tem experiência: "Ah, vou tentar atravessar de mergulho". O cara vai, dá com a cabeça na pedra e nem... A hora que vê, já morreu, já foi... Então tem tudo isso daí, entendeu? É... É uma experiência... (6).	Eu já me machuquei lá na Bacia e por mais experiência que a pessoa tenha, não tem quem não tenha se machucado. Tem o lugar certo pra você encaixar mãos e pés nas pedras, tem o lugar certo pra mergulhar e tem um jeito pra nadar embaixo d’água e não bater nas pedras. Tudo isso requer experiência. Não é só ir chegando porque é perigoso (6).
Parece que nada, mas você aprende muita coisa ali... É uma natação aquilo ali. É um esporte radical. Fiz muita amizade ali. Conheço gente, nossa... Muita amizade ali... Até mesmo preservar o rio. Eu aprendi muito ali... Porque turista mesmo, que vem muitos turista educado, mas muitos que ta chupando sorvete e acha graça de ver o papel rodar no rio... Joga o papel no rio... Em parte de nadar, de brincar na Bacia, técnica de pulo... Emoção... É... Aperfeiçoar o pulo... Aprende tudo isso. A gente aprende até mesmo catar cascudo ali, peixe. Pega peixe ali. É... Sabe quando rio tá baixo, quando tá alto... Se rodou um pau, se rodou o que tem ali dentro. Até mesmo do tempo, da chuva que dá uma chuva forte, quem nada ali, freqüenta ali mesmo, que é brotense mesmo, que freqüenta o rio ali, se der uma chuva forte o cara não	Você aprende muito ali na Bacia. Desde a prática de um esporte até a relacionar-se com outras pessoas. Fiz muitos amigos lá. Aprende a preservar o rio, aperfeiçoar suas técnicas de pulo, aprende a catar peixe nas rochas, a reconhecer se o rio está seguro para nadar, mesmo no tempo das chuvas fortes. Tudo isso é experiência (7).

chega pulando na Bacia, que ele sabe que vai ter galho de árvore lá dentro. Então vai vendo, isso aí já é uma experiência já... Então vamos supor, a gente desce, encontra um amigo, ontem choveu pra caramba, então nós vamos entrar na Bacia, não chega pulando. Então que sabe, é uma experiência já, é uma coisa que já tem, já. É... Outra coisa... Refluxo da água quando o rio tá cheio. (7).	
Cê descer de bóia ali, cê vai até... Desce até os três saltos de bóia. Vai lá no Tavolaro, lá. O que o cara faz de raffting, a gente faz de bóia. É outra emoção também, é outra... Vixe... Sem... Sem comentário aí... Tem bastante coisa... É gostoso... É gostoso e é perigoso (8).	Descer o rio de bóia é outra emoção! O que o pessoal faz no raffting, nós fazemos com a bóia. É gostoso e perigoso (8).

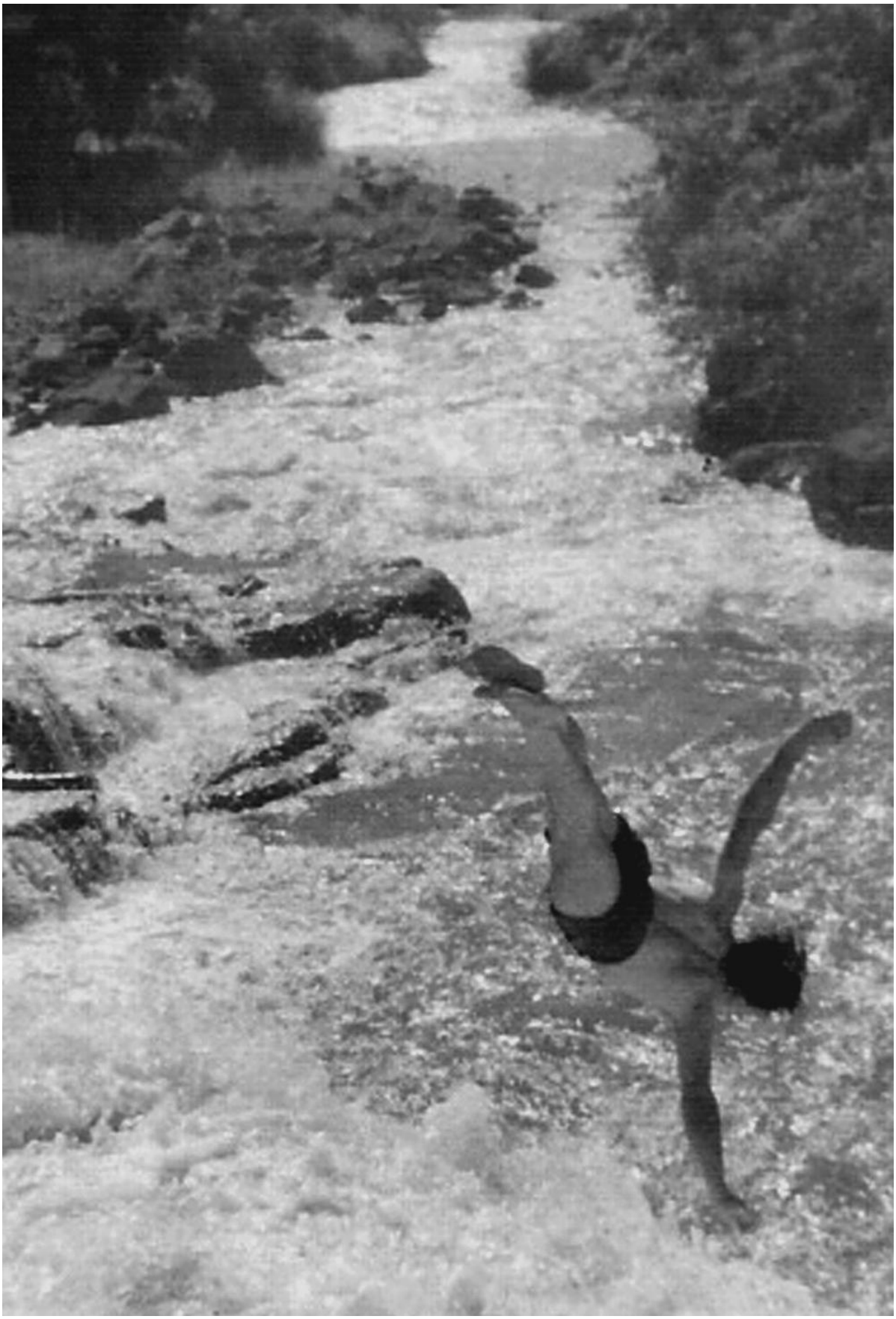


Foto 14: Mergulho na Bacia do Salto com visão de seu entorno**. Fonte:** Cabeludo, 1959.

6 - Sinestesias da Bacia do Salto

> *Quem há de dizer das linhas que as ondas armem e não armem? Quem há de dizer das flâmulas, lágrimas acesas, tantas lâmpadas, milagres, passando rápidas? Diga você, já que se sabe que nem tudo na água é margem, nem tudo é motivo de escândalo, nem tudo me diz eu te amo, nem tudo na terra é miragem. Signos, sonhos, sombras, imagens, ninguém vai nunca saber quantas mensagens nos trazem.*
> (LEMINSK, 1994, p.16)

Este capítulo apresenta as análises nomotéticas do discurso dos sujeitos. Para visualização da análise realizada, apresentamos sua matriz, que traz os discursos dos sujeitos e as categorias alcançadas.

Na matriz, os **discursos** dos sujeitos são identificados por algarismos romanos seguidos pelos pseudônimos sugeridos pelos participantes, na primeira linha horizontal superior e as **categorias** estão dispostas na primeira coluna esquerda. As unidades de redução fenomenológica referentes às descrições dos sujeitos encontram-se no interior da matriz, numeradas em algarismos arábicos e organizadas em relação à categoria e ao discurso.

O critério de análise dos discursos para construção da matriz fundamenta-se a partir de:

Convergências: são os aspectos comuns às descrições dos sujeitos, mesmo não se mostrando de forma explícita, mas que tenham origem a partir de suas reflexões em relação à questão apresentada durante a entrevista;

Divergências: correspondem a reações do sujeito face ao fenômeno em negativa à categoria encontrada de modo geral ou, especificamente, em relação ao próprio discurso. Na divergência, encontramos as contradições do discurso. Na análise, este elemento é representado pela letra ***d*** associada ao número indicativo da unidade;

Idiossincrassias: referem-se a compreensões individuais sem correspondência denotada em outros discursos. Esta característica, quando encontrada, também é considerada na análise dos fenômenos.

Nesse sentido, é relevante destacar que, mesmo as categorias que não contemplam asserções de todos os sujeitos são utilizadas para a análise das experiências. Esta metodologia se fundamenta no entendimento de que todas as compreensões são perspectivas significativas para a essência do fenômeno analisado.

6.1 – Análise Nomotética

6.1.1 – Matriz Nomotética

Discursos / Categorias	Morgana Jacaré	Araújo	Serenidade	Jacaré	Water	Betão	Errece	Bradock	Didi	Cabeludo	Chupeta	Gugu	CRF250R
(A) Extasias	3; 5; 12	2; 5; 7; 8; 10d; 12	3; 4; 8	2; 4; 7; 9	1; 2; 4; 5; 6	1; 3; 4; 5; 6; 8; 10d;	1; 4; 5; 6; 7; 8; 10;	1; 2; 6	3; 5; 6;	2; 4; 6; 8	1; 3;	1	1; 5
(B) Enfrentamento das adversidades	1; 4; 6; 9	1;3; 9; 13	1; 6; 7	1; 3; 5; 8		9;	3; 11	3; 4	1;	1; 3; 7	2	2d	2; 4;
(C) Contexto Masculinizado	2	6;				2	9;						
(D) Processos Educativos	7; 8; 10; 11	4; 11;	2; 5	6;	3	7	2;	5; 7	2; 4; 7				3; 6; 7

A – Extasias

Esta categoria reúne asserções que denotam relações de prazer no contato com o espaço físico da Bacia do Salto e/ou com as atividades desenvolvidas ali pelos praticantes de mergulhos e saltos que participaram desta pesquisa. Essas relações desvelam-se no discurso dos sujeitos, a partir de percepções relacionadas à companhia de amigos, à serenidade decorrente da contemplação e à experimentação de liberdade. Outros elementos associados a esta categoria, nos trazem o pertencimento que os sujeitos têm com o espaço e os ganhos corporais obtidos, associados à resistência física ou às sensações experimentadas no contato com a água.

As relações desenvolvidas pelos sujeitos acima dos trinta anos, mesmo não realizando atualmente os mergulhos e saltos na Bacia, apresentam-se em seu discurso como reflexões de uma prática presente:

"É uma recordação maravilhosa... Muita... Esse contato direto, né? Com a natureza, com a água, né? E... a gente nasceu aqui na beira do rio, aprendemos a nadar na beira do rio [...]" (SERENIDADE; 4A[14]).

"[...] a gente brincou muito aí, então, uma infância que a gente nunca esquece. E eu, toda vez que eu passo aqui, quando pelo Salto e tal, a sensação que a gente tem daquela época, a lembrança, é um negócio que mexe muito com a gente, realmente." (ARAÚJO; 7A).

Betão, participante que freqüenta ativamente a Bacia do Salto, considera: "[...] o que eu posso falar da Bacia é isso [...] na verdade, um... Entendeu? Um prêmio que nós tínhamos aqui, entendeu? Dentro da nossa cidade" (BETÃO; 6A).

Um aspecto destacado pelos participantes, diz respeito à aventura:

"A gente corria esse rio aí, conhecia o rio de ponta a ponta. [...] Subia empurrando o barco nas pedreira, pra levar o barco lá no fio, [...] E lá, então, nós ia fazer piquenique. Ia

[14] Na apresentação destes resultados, os excertos são apresentados identificando entre parênteses, o nome do sujeito seguido da unidade de significado onde se encontra a asserção e a letra correspondente à categoria.

fazer piquenique e depois descia com o barco [...], era uma aventura. Pra nós era coisa do outro mundo" (CABELUDO; 6A).

As experiências desenvolvidas a partir do contato com o rio no espaço da Bacia do Salto são expostas nos excertos dos discursos dos participantes:

"[...] uma sensação muito boa. Porque você afunda. Você afunda [...] e fica solta, assim, depois você volta... É muita espuma, não é duro, é... Uma coisa de espuma, é uma banheira de espuma, é delicioso" (MORGANA JACARÉ; 5A).

"[...] Dou um pulo na água, saio do outro lado como se tivesse purificado o meu corpo" (WATER; 1A).

"A hora que você sai, isso aqui ó, peito, ta doendo. Nossa, mas... Daí você vem no outro dia e não dói tanto. [...] Você não sente mais. [...] Você tira uma força daí. Fôlego..." (ERRECE; 6A) "[...] Quando eu morava lá no sítio, vinha de lá de bicicleta. Trinta quilômetros mais ou menos. De bicicleta. Até aqui. Nadava, depois ia pra boate ainda. Cinco horas da manhã eu tava voltando pra casa. Imagina o pique eu que tinha. [...] É uma força que você tira daí." (ERRECE; 8A).

Bradock vê o local de modo peculiar, chamando a atenção para o poder tranqüilizador e calmante que o mesmo encontra em sua relação com a Bacia do Salto:

"O dia-a-dia nosso, freqüentemente ta lidando com problemas, com as, com diversidades... E lá é um lugar que você não pensa nada disso. Você vai, cê relaxa, cê acaba nadando... Além de gastar caloria, fazer uma atividade física, cansar o corpo, não só a mente, cê ainda acaba desestressando um pouco a cabeça, a mente, desligando um pouco dos problemas. Então, pra mim, ali é como se fosse uma terapia" (BRADOCK; 2A).

No sentido das recompensas obtidas com a vivência na Bacia do Salto, o enlevamento face sua formação também são destacados:

“Eu nem lembro de nada. Quando eu tô aqui, eu tô aqui. Não quero nem saber de nada. [...] Aqui é o paraíso de Brotas, mesmo... Aqui é o melhor lugar que eu acho que tem. O melhor lugar aqui no Parque dos Saltos é aqui na Bacia” (CHUPETA; 3A).

“[...] eu ficava e esquecia da vida. De vez em quando eu prestava atenção em algum movimento do outro lado e era o meu pai que tava parado lá, me olhando com uma cara de bravo. Eu tinha esquecido passar a hora, já tava escurecendo [...]” (ARAÚJO; 5A).

A companhia de amigos e amigas como elemento significativo para os momentos de bem-estar na Bacia do Salto é recorrente nas falas dos sujeitos:

Para Morgana Jacaré, “Como os amigos vinham, e era gostoso pular da Bacia, todo mundo ia pular” (MORGANA JACARÉ; 3A).

O espaço para o lazer e os momentos de liberdade são outros pontos de destaque:

“[...] Aquilo lá pra nós era uma proclamação de independência, né? Era uma... um grito de liberdade!” (JACARÉ; 7A).

“[...] E eu aqui, (*mostra uma fotografia*) eu não estava saltando só. Eu tava voando. Isso é... Significa um vôo de liberdade. A sensação de liberdade que se tinha nadando e voando nesse salto, é uma coisa fantástica.” (DIDI; 6A). (foto 15).

Foto 15: Didi mergulhando na Bacia do Salto. **Fonte**:Cabeludo, 1959.

Paralelamente aos sentidos atribuídos pelos participantes, duas divergências nos trazem reflexões sobre o significado da prática para pessoas que não vivenciam este espaço:

"Se você vier nadar aí um dia, você vai ver como é gostoso e como não tem nada assim, nada de especial" (ARAÚJO; 10Ad).

"Porque é tão pequenininho, certo? É tão importante pra nós e tão pequeno o espaço, entendeu? Pra você falar, que não... Já falei o que eu tinha pra dizer... Apenas que eu vivi muito lá e adorava aquilo. Tai... O Betão do Rio Jacaré" (BETÃO; 10Ad).

B – Enfrentamento das adversidades

Nesta categoria encontram-se excertos de asserções que indicam motivações dos sujeitos no sentido de libertarem-se de medos ou situações de opressão internas ou externas à suas próprias vontades, sejam estas familiares, profissionais, sociais ou pessoais. O contato com o Rio Jacaré e a Bacia do Salto adquire um caráter de ritual de passagem, marcando o final da infância e início da adolescência:

"[...] Quando vinha ver os mais velhos nadarem na Bacia, a gente tinha aquela vontade, mas acho que sentia que não era hora ainda [...]. Então esperei a época certa de entrar. [...] Esse marco, da fase antes de nadar na Bacia e depois, foi muito grande, porque isso dá uma realização que você não imagina. [...] É uma sensação de vitória, de... É um desafio..." (ARAÚJO; 9B).

"[...] No fim dos anos 50, com treze anos, quatorze anos, eu comecei a perceber que o meu mundo começou a expandir, vazando pelo fundo do quintal de casa e descobrindo o caminho pro rio, que a gente já conhecia, mas à distância. Ah... Sempre escondido do meu pai, que não permitia jamais que a gente fosse pro rio sozinho. E ali meu mundo se expandiu" (DIDI; 1B).

“Entrar no rio foi muito difícil pra mim. Porque eu tinha medo do rio (MORGANA JACARÉ; 1B). “Existia todo um, né, uma coisa assim: ‘Olha, o rio... Morre gente no rio, né? O rio é perigoso, o rio é não sei o que... ’. “Então, a gente cresceu com isso e, quer dizer, a minha geração, um pouco mais velha, cresceu com isso.” (MORGANA JACARÉ; 6B).

“O salto na Bacia passou a ser o... Uma... Como se fosse uma iniciação, né? Quem conseguia saltar era mais que o... Né? Era melhor que os outros [...].” (JACARÉ; 4B).

Nesse sentido, o acesso ao local dependia de iniciativas dos próprios participantes, considerando que à época (anos 1950 a 1970), as atividades à beira d’água ou aquáticas eram limitadas a espaços específicos, como o Clube de Natação Santa Cruz, apresentado em texto e foto na introdução desta dissertação.

“[...] Não tinha um caminho pra ir lá. Tinha uma trilha que você se pendurava num cipó pra descer lá embaixo, porque não tinha um caminho feito. O caminho era aquilo que a gente conseguia.” (JACARÉ; 3B).

Vencer os desafios impostos pela natureza e reconhecer os próprios limites na intenção de prevenir acidentes ou de superá-los, também se tornavam motivação para os freqüentadores da Bacia do Salto, como encontramos na fala dos sujeitos que ainda desenvolvem os mergulhos e saltos e daqueles e daquelas que não o fazem mais:

“Existia risco, né? Risco da gente se machucar e... O estar lá, naquela área, por si só já representava uma, vamos dizer assim, um risco em si. Porque é liso, você escorregava... Às vezes a gente ia pegar peixe nas locas de pedras lá, você se arranhava [...]” (JACARÉ; 8B).

“[...] A natureza em si, ela é, como se diz, emocionante. É gostoso. E também é traiçoeira. Você não pode abusar da natureza. Você abusou dela, cê vai se dar mal, cara. Cê

vai... Vai pagar com a vida... Com ela. E ali, a Bacia... É complicado ali. Ao mesmo tempo que é gostoso, é perigoso. O medo... O medo fala mais alto [...]" (CRF250R; 4B).

"[...] Nós chegava e ia procurando certos lugar mais perigoso pra pular, pra mostrar que a gente era bom no, no conhecimento da água, né? [...]" (CABELUDO; 1B).

O enfrentamento das adversidades, físicas, mentais ou geográficas, e a atenção a estas, surge quando os praticantes falam dos saberes necessários para vencê-las:

"Quem não tem resistência, deu o primeiro passo aí, na hora que sai já: Ah, ah, ah... Já fica ruim. Mas pra quem tem resistência..." (ERRECE; 3B) "Aumenta a resistência quando nada [...] Lá onde eu moro tem um lago. O lago é grande, então dá pro cê... Parado assim... Ir e voltar se cê agüentar. Então eu ia, depois voltava... O meu irmão, chegava na meta... 'Peraí!'. Tinha que esperar. Ele fuma ainda." [ERRECE; 11B).

Chupeta "Representa um esporte pra mim, porque é perigoso, tem as pedras ali que são perigosas, só que aqui eu me divirto, aqui eu sei, né?" (CHUPETA; 2B).

"Apesar de toda adrenalina, os perigos que lá oferece, com um pouquinho de cautela, é... A gente consegue, acaba relaxando o corpo e a mente lá na Bacia" (BRADOCK; 3B). "Muitas vezes eu cheguei lá no Parque dos Saltos, [...] pensando em muita coisa errada. [...] Querendo achar soluções rápidas pra problemas grandes, coisa que eu acho que no momento não é propício..." (BRADOCK; 4B).

Encontramos, também, elementos que sugerem a resistência às mudanças culturais e sociais, aliada à necessidade de um espaço no qual as pessoas possam agir com maior liberdade no processo de conhecimento do meio e do próprio corpo.

"Não tinha piscina na cidade, então isso aqui era nossa vida. Todos os dias a gente estava aqui, menos em julho, que era muito frio." (ARAÚJO, 13B).

"[...] Com a construção do Clube de Campo, terminaram aqui. [...] Não digo que enganaram [...], mas disseram que iam construir porque a gente tinha vestiário, tinha tudo aí,

eles desmancharam tudo isso pra que o povo fosse para o Clube de Campo [...]" (BETÃO; 9B).

Também nesta categoria, encontramos uma divergência:

"Não tem ali, não tem sentido ali [...] Eu procuro de ir ali pra não ficar em casa, né? Ta fazendo esporte radical ali, nadando... A gente tá diariamente ali, viu? Só..." [GUGU; 2Bd).

C – Contexto masculinizado

Os excertos que compõem esta categoria trazem a compreensão de quatro participantes que relacionam a Bacia do Salto e as práticas desenvolvidas naquele espaço, com ações predominantemente masculinas. Encontramos referências diretas a esta situação, com maior ou menor clareza e outras veladas no contexto do discurso, porém, revelando sua intenção.

"O rio era uma coisa assim, socialmente falando, os homens vinham no rio, né? As mulheres não iam muito pro rio" (MORGANA JACARÉ; 2C).

"Até uns três anos atrás eu voltei aí também com meus filhos e, o mais velho adora [...] Quando tá aqui, tempo quente, ele fala: 'Pai, vamos nadar na Bacia?' E a mãe fica horrorizada. Que a mãe é de São Paulo: 'Você tá maluco! Você leva essas crianças pra lá e tal...'" (ARAÚJO; 6C).

"[...] O professor de Educação Física no, na época, ele descobriu que o rio era tão bom que come... Transformou a educação física aqui no rio, certo? Passou do Ginásio para o Rio Jacaré, né? Tal era a importância que esse rio tinha pra nós. Pros rapazes da época." (BETÃO; 2C).

"[...] Daí tinha uma competição nossa [...] pra ver quem pula mais. Aquela força, aquela animação, aquela diversão: 'Cê vai?' E o braço doendo... 'Ó tô ganhando, tô com nove

pulo na sua frente' [...] 'Não, cê não vai ganhar de mim'. [...] Cê cansado e cê pula. [...] Aí cê tem que falar assim: 'Fala que cê perdeu que eu não vou falar pra ninguém'" (ERRECE; 9C).

D – Processos educativos

Esta categoria apresenta as compreensões do sujeito que indicam processos de ensino e aprendizagem associados à sua experiência com as práticas sociais desenvolvidas na Bacia do Salto. A extasia, o enfrentamento das adversidades e o contexto masculinizado, em suas interfaces, desvelados durante as entrevistas com os praticantes de mergulhos e saltos da Bacia do Salto, entrelaçam-se, revelando os processos educativos ali existentes.

O aprender com os demais a partir do convívio e da troca de saberes:

"Na verdade, o que me fez mudar foi um menino que era amigo da minha amiga, da (*cita o nome de uma amiga*) Mas é o seguinte, ele vinha aqui, e ele andava no... aqui por tudo, como se tivesse andando na casa dele, né? 'Nossa, porque eu ando com tanto medo? Tão pesada?' No rio, se você andar pesado, você até escorrega, entendeu? Você tem que soltar um pouco o corpo, né? E isso você vai aprendendo." (MORGANA JACARÉ; 7D).

"E tem o respeito. Tem 45 pessoas nadando... Aí você não vai chegar pulando no meio de todo mundo. Você chega, tem que olhar porque lá tem dois pontos que pula. Tem que olhar pro outro lado. Dar sinal pra ver quem vai pular, quem vai esperar. Então aí, já é um grande respeito que você tem que ter pelas pessoas." (WATER; 3D).

"Parece que nada, mas você aprende muita coisa ali... É uma natação aquilo ali. É um esporte radical. Fiz muita amizade ali. Conheço gente, nossa... Muita amizade ali... Até mesmo preservar o rio. Eu aprendi muito ali... Porque turista mesmo, que vem muitos turista educado, mas muitos que ta chupando sorvete e acha graça de ver o papel rodar no rio... Joga o papel no rio... Em parte de nadar, de brincar na Bacia, técnica de pulo... Emoção... É... Aperfeiçoar o pulo... Aprende tudo isso. A gente aprende até mesmo catar cascudo ali, peixe.

Pega peixe ali. É... Sabe quando rio tá baixo, quando tá alto... Se rodou um pau, se rodou o que tem ali dentro. Até mesmo do tempo, da chuva que dá uma chuva forte, quem nada ali, freqüenta ali mesmo, que é brotense mesmo, que freqüenta o rio ali, se der uma chuva forte o cara não chega pulando na Bacia, que ele sabe que vai ter galho de árvore lá dentro. Então vai vendo, isso aí já é uma experiência já... Então vamos supor, a gente desce, encontra um amigo, ontem choveu pra caramba, então nós vamos entrar na Bacia, não chega pulando. Então que sabe, é uma experiência já, é uma coisa que já tem, já. É... outra coisa... Refluxo da água quando o rio tá cheio.” (CRF250R; 7D).

O re-conhecimento do espaço como elemento constituinte do ser humano e o desenvolvimento de habilidades que estruturam essa formação.

“E essa história, né? De... Vencer o medo, aos poucos você começa a relaxar, você começa a pisar mais ligeiro, né? Você até vai vendo que tem lugares que tem pouca água. Quando tem muita água você não vai, né? Então, essa coisa, você vai perdendo o medo. Você vai vendo o que acontece, né? E daí você vai vendo que não é tanto assim, né? Que o medo é mais da cabeça mesmo, né?” (MORGANA JACARÉ; 8D).

“Com o tempo você vai passando, vai criando mais coragem e já vai fazendo mais malabarismo e aí você já mergulhava de um lado e já saía embaixo da cachoeira do outro lado, e ficava lá, e faltava um pouco de ar porque o volume d'água é muito grande, que cai na frente, e o ar é meio rarefeito atrás dessa, atrás dessa água Então, você ficava um tempo lá e tinha de, de voltar, né? Mas era muito bom. E a minha experiência aqui na Bacia também, foi muito boa pra pesca. Eu atravessava com uma vara de pescar, sentava naquela parte mais alta dela e ficava pescando aqui embaixo, pegava um peixe que a gente chama de "tambiú", é como se fosse um lambari, só que ao invés de rabo vermelho é rabo preto”. (ARAÚJO; 4D).

“Daí você vai, faz o Anjo Bolha, que nem eles fala, cê já viu? Acho que eu não te mostrei ainda naquele dia. Aí nós pulava, nós pula assim, é um anjo. Nós pula assim e a hora

que vai chegar perto da água, nós fecha (*durante esta fala, faz o movimento com os braços abertos, fechando-os em direção ao peito*) . Aí faz: plá!... Sobe aquele monte de água. Aí aquela emoção... Você não vê a água subindo mas, vem os outros falando: 'Nossa, subiu aquele mó alto pra caramba a água', não sei o quê... É gostoso também..." (ERRECE; 2D).

Nesse sentido, também percebemos as relações de ensino e de aprendizagem construídas nos processos inter-sociais, onde os mais experientes e os menos experientes aprendem uns com os outros:

"Nesse rio, eu fui... Fui, ah... Como se diz, assim? Praticando um esporte que as outras pessoas não conseguiam fazer. Quer dizer, os pulos, os saltos, entendeu? Tudo isso... O estilo de nadar, que é pras competições, que a gente vencia. Então, tudo isso me deram o título de Rei do Rio Jacaré, né? [...] Pessoal fala, quer dizer... Até hoje os meus amigos encontram comigo, (*cita dois amigos*), lembrando daquela época, entendeu? Quando nadávamos aí, o que eu fazia no Rio Jacaré, né? E hoje eu não consigo fazer mais, é lógico. Mas, no tempo de juventude eu realmente nadei muito aí. Ensinei muita gente nadar e salvei muita gente aí nesse rio, entendeu? Duas pessoas que estavam morrendo afogadas, o Betão conseguiu tirar de lá, entendeu?" (BETÃO; 7D).

"Ali tem o lugar certo do cê pular. É gostoso, mas é muito perigoso. Não aconselho ninguém: 'Pode ir que você vai gostar'. A pessoa tem que ter opinião própria, de ir, ver... Porque lá, nossa... Já cheguei a praticamente salvar pessoa, da pessoa chegar, ver pessoa pulando, e chegar e entrar na Bacia sem saber aonde que tá pulando. E que a pessoa ia pular e ia morrer. Lugar que atravessar ali, que é um metro só de distância, se a pessoa pisasse naquele lugar, ela ia morrer" (CRF250R; 3D).

O discernimento para com as próprias limitações e as formas de se colocar frente às forças da natureza e ao próprio condicionamento físico manifestam-se nos excertos abaixo:

“E sempre é uma aventura porque o rio nunca tá igual, né? Então um dia ele tá mais claro, aí choveu... Já tive aqui uma experiência com chuva, perigosa, que você só faz quando você é jovem, porque quando você tem uma certa idade, você já sabe que não faria, né? Porque com a experiência de vida que a gente tem, a gente fica medroso, né?” (SERENIDADE; 2D). “Já aconteceram acidentes aqui, mas eu digo pra você que não, de pessoas, que vinham pra nadar e se divertir, assim... Sabe? Eu por exemplo, tive contato com muita gente que nadava nesse rio. A gente vinha aqui, pulava na Bacia. Eu não conheço ninguém, do meu contato mais direto, que tenha acontecido um acidente. Então sempre foi assim, com pessoas que vinham sem ter a experiência do rio. Pessoas que bebiam e entravam na água, entendeu? Então... Sempre foi uma coisa muito boa” (SERENIDADE; 5D).

“Eu não entro no rio quando aquela pedra ali tiver coberta (enquanto fala, aponta para uma das rochas do rio) porque eu acho que daí tem muita correnteza pra ali. Então, isso é uma coisa que eu, que eu, receio pelo rio. Quando o rio tá muito cheio eu não vou entrar. Então, quando aquela pedra não tá coberta eu entro, mas... Assim, na baciinha, direto, né? E então isso é uma medida, né?” (MORGANA JACARÉ; 10D).

“Eu já errei ali, já. Já caí, já bati a perna na pedra. Já bati a mão no fundo da Bacia. Já machuquei ali, não vai pensar que nunca machuquei, que machuquei sim. Não tem quem nunca se machucou na Bacia. Por mais experiência que o cara tem ali, que cada... Que cada passo da Bacia... Vamos supor, se eu fosse subir na pedra ali, eu sei aonde tem os buraco certinho de encaixar a mão, o pé; onde mergulha... Se eu mergulhar eu sei a hora certa de eu levantar. Cê não enxerga nada debaixo da água. Não é você pular e abrir o olho e falar: ‘Vou abrir o olho e vou ver a pedra do outro lado’. Não. Tem até aquele tempo certo: você mergulha, cê conta as braçadas embaixo d'água: uma, duas, três, na quarta cê pode levantar que cê já tá de cara com a parede, embaixo da cachoeira. Então... Quer dizer, num pulo, o cara que não tem experiência: ‘Ah, vou tentar atravessar de mergulho’. O cara vai, dá com a

cabeça na pedra e nem... A hora que vê, já morreu, já foi... Então tem tudo isso daí, entendeu? É... É uma experiência...” (CRF250R; 6D).

Verificamos também a sensação de pertencimento em relação ao Rio Jacaré e o destaque dado pelos sujeitos aos processos educativos que, de alguma maneira, colaboraram/colaboram para a resolução de situações da vida cotidiana:

“Então, essa infância, essa juventude que a gente teve aqui, influenciou na vida da gente, na vida profissional, no dia-a-dia, dessa forma. Quer dizer, a gente tinha uma mentalidade criada... É... Para o improviso. Então, em situações difíceis, você criava soluções. E isso daí tinha que ser imediato. Nem sempre dava tempo de você pensar. Tinha que ser uma coisa rápida. E eu notei bem a diferença desse pessoal interiorano, desse caipira nosso, com o pessoal de cidade grande. Entende? Preso a apartamento, preso a diversões como cinema, como... Ah... E hoje, que seria como o computador, né? Esses jogos prontos. Essas coisas que não trabalham a cabeça da gente. Trabalha a agilidade, mas não trabalha... Raciocínio, iniciativa, tomada de posição...” (JACARÉ; 6D).

“A partir do momento que cê vai lá, cê desligou um pouquinho dos problemas... Você tem uma visão diferente pra tomar outras atitudes. Pra tentar resolver um problema. A gente com a cabeça quente não tem [...] a melhor opção na hora de resolver o problema. Coisa que depois, passando o tempo, abaixando a poeira, cê tem uma visão diferente, do mesmo problema [...]. Então eu acredito sim, [...] que influencia diretamente no dia-a-dia, nas escolhas, e nas atitudes de cê toma.” (BRADOCK; 5D). “A maneira de você lidar com o dia-a-dia fica mais fácil. Isso daí em relação a tudo. Em relação à sua família, você fica mais fácil pra sentar e conversar com o pai, com meu filho, eu tenho um filho de sete anos... Então assim, cê tem mais tranqüilidade pra brincar, pra saber assimilar os problemas dele [...]. Seja um problema familiar, seja no trabalho, seja no dia-a-dia geral, mesmo.” (BRADOCK; 7D).

“Ali eu aprendi a nadar, aprendi a saltar, e... E era o meu grande mundo ali. Ali eu aprendi... Pratiquei fotografia também, que foi, que é uma das minhas linguagens até hoje.” (DIDI; 4D). “Hoje, eu... Ah... Como de carona, pratico vôo livre em paraglider, lá em Santos, em São Vicente. A sensação de voar no paraglider é fantástica, é maravilhosa, mas... Não se compara nunca, nada se compara à experiência de dar um salto desse aqui e cair na espuma da Bacia do Rio Jacaré.” (DIDI; 7D).

“A gente vai aprendendo [...] E esse aprendizado é pro novo, né? É com aquilo que, né? Que a gente pode mostrar de outras coisas, né? Que às vezes você faz uma visão de alguma coisa e não é aquilo, né? Se eu não for conferir no real da coisa, você vai perder muitas vezes de fazer aquilo e, é muito bom...” (MORGANA JACARÉ; 11D).

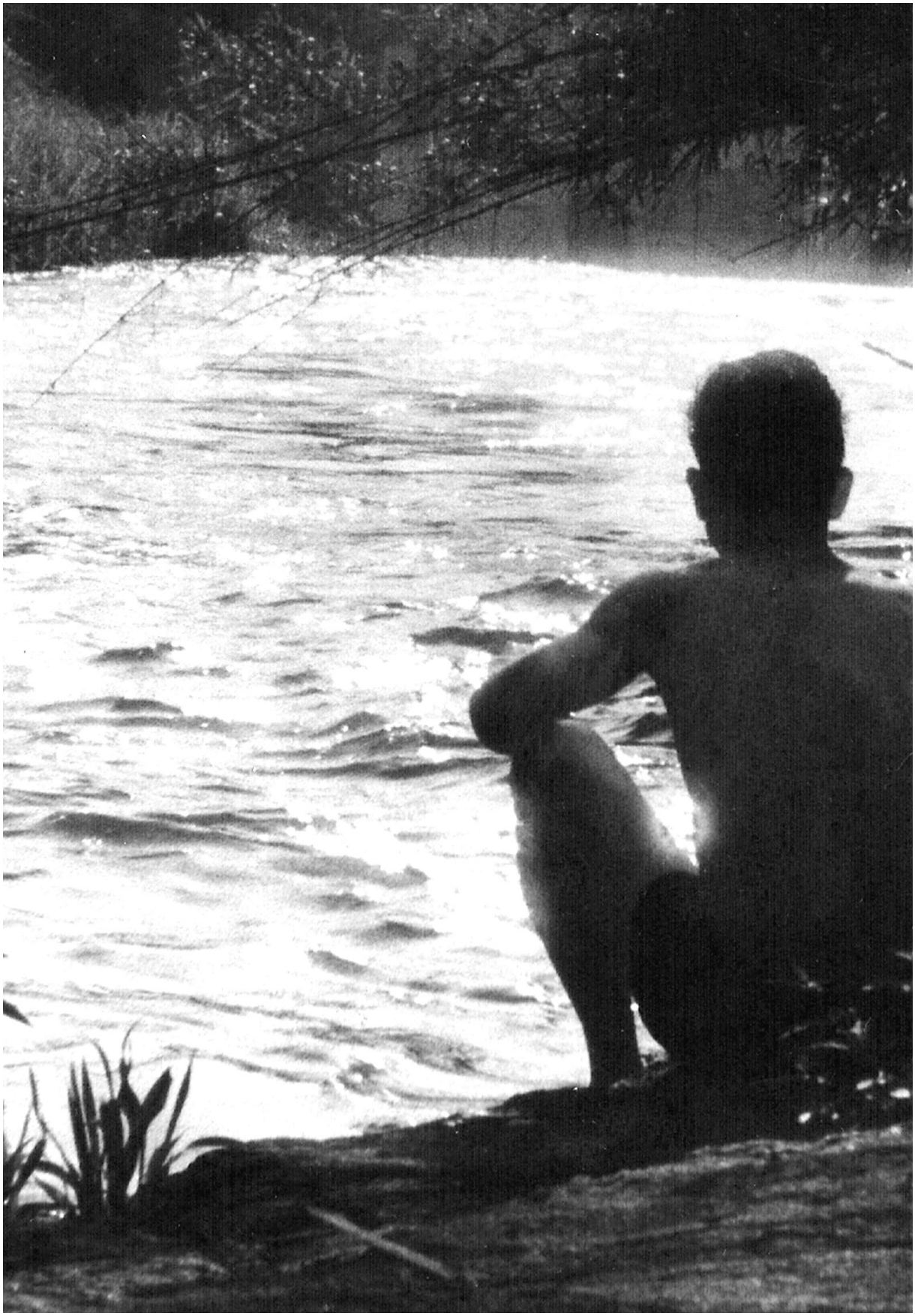


Foto 16: Cabeludo na Bacia do Salto. **Fonte**: Didi, 1965.

Considerações

> *Nascer é ao mesmo tempo nascer do mundo e nascer no mundo. O mundo já está constituído, mas também não está nunca completamente constituído. [...] Nunca há determinismos e nunca há escolha absoluta, nunca sou coisa e nunca sou consciência pura. [...] Escolhemos nosso mundo e o mundo nos escolhe.*
> (MERLEAU-PONTY, 2006, p.608-609).

Em um trabalho estruturado a partir da fenomenologia, a conclusão de uma pesquisa não indica seu final absoluto, nem tem a proposta de determinar condutas, valores ou pensamentos, e sim, a compreensão dos fenômenos estudados para que, conhecendo-os e re-conhecendo-os como significativos para os homens e mulheres que os experienciam, possamos respeitá-los e considerá-los em nosso processo de humanização.

Nesse sentido, vale retomar o objetivo deste estudo, que buscou o desvelamento da essência da prática social lazer na Bacia do Salto, no intento de compreender os processos educativos constituídos nessas relações, em re-conhecimento à diversidade cultural como um elemento possível para a constituição de uma pedagógica voltada ao humano como ser de sua existência.

Na tentativa de integrar os saberes constituídos ao longo desta investigação, procuraremos apresentar uma *con-versa* (SOUZA; GONÇALVES JUNIOR; 2009) entre as compreensões dos participantes desta pesquisa e as ideias discutidas nos capítulos que introduzem os leitores e leitoras até estas páginas. Esta construção fundamenta-se em nossa confiança de que os saberes da experiência podem ter tanto sentido para o campo educacional quanto os diversos compêndios teóricos que sustentam a atual pedagógica brasileira.

Afinal, como compreende Freire (2000):

> Enquanto ser humano jamais aceitei que minha presença no mundo e minha passagem por ele fossem preestabelecidas. A minha compreensão da relação entre subjetividade e objetividade, consciência e mundo, prática e teoria foi sempre dialética e não mecânica (p. 61).

Partindo desta compreensão de Freire (2000), encontramos nos processos educativos desvelados, relações bastante próximas às experiências de mundo dos sujeitos desencadeadas a partir de suas percepções, nas quais o enfrentamento das adversidades e a extasia das situações analisadas, revelaram-se fundamentais. O *estar-no-mundo* que os sujeitos desta pesquisa realizam em seu contato com a Bacia do Salto, na simplicidade e peculiaridade das práticas sociais que desenvolvem naquele local, convergem, neste movimento contínuo de ir e vir, em sensações de prazer, medo, angústia, vitória, desafio e liberdade, como procuraremos sintetizar a seguir.

> [...] Nossa liberdade de fazer não deve ser procurada nas discussões insinceras em que se afrontam um estilo de vida que não queremos por em questão e circunstâncias que nos sugerem um outro estilo de vida: a escolha verdadeira é a escola de nosso caráter inteiro e de nossa maneira de ser no mundo (MERLEAU-PONTY, 2006, p.587).

Essas sensações, por sua vez, ecoam na corporeidade de seu lazer, cujos valores estéticos, dimensionados a partir da manifestação cultural dos mergulhos e saltos que realizam, contribuem para a percepção de quem são e onde estão, revelada por meio de sua mobilização, intencionalmente voltada às recompensas deste estar no mundo.

Compreendendo desta forma, denota-se mais uma vez, a relevância de que os responsáveis pela estruturação do ensino brasileiro, permitam que na pedagógica os conhecimentos já institucionalizados e os novos saberes imanentes das comunidades e grupos populares se encontrem. No entanto, é imprescindível destacar que este encontro de saberes deve ser considerado em equidade, sem a imposição de um sobre o outro, de forma a potencializar o caráter humanizador da educação com elementos que encontramos nas práticas sociais populares.

Indo ao encontro desta reflexão, Jerônimo e Gonçalves (2008) realçam a intensidade da experiência vivida que, em concordância com o conceito de *topofilia* descrito por Yi-Fu Tuan, é a "[...] descrição de um prazer visual efêmero, no deleite sensual do contato

física, no próprio apego pelo lugar, lar e representação do passado, na evocação do orgulho pela posse ou criação.", pois, "[...] os laços com um lugar são construídos a partir da cultura e geografia, das relações sociais e ambientais que nele se desenvolvem." (p.196). Como compreende um dos sujeitos da pesquisa desta dissertação:

"Eu nem lembro de nada. Quando eu tô aqui, eu tô aqui. Não quero nem saber de nada. [...] Aqui é o paraíso de Brotas, mesmo... Aqui é o melhor lugar que eu acho que tem. O melhor lugar aqui no Parque dos Saltos é aqui na Bacia" (CHUPETA; 3A).

A reflexão de Chupeta nos convida a ver além do sentido funcionalista do lazer, em um olhar que encontra no fenômeno um caráter transgressor e crítico, romântico e filosófico, e distante das práticas comercializáveis e consumistas da indústria do lazer de "Brotas: a capital do turismo de aventura". Neste olhar, os mergulhos e saltos constituem modos pelos quais as pessoas reconhecem suas identidades.

Nesse sentido, os processos educativos que os praticantes desenvolvem na potencialidade de sua corporeidade e a relevância desta percepção em outras situações de convívio social, apresentam a totalidade do *saber de experiência feito* (FREIRE, 2006a). Este saber, que se desenha no contato reflexivo entre ser humano e mundo, é apontado também por Morgana Jacaré: "A gente vai aprendendo [...] E esse aprendizado é pro novo, né? [...] Que às vezes você faz uma visão de alguma coisa e não é aquilo, né? Se eu não for conferir no real da coisa, você vai perder muitas vezes de fazer aquilo e, é muito bom..." (MORGANA JACARÉ; 11D).

Colaborando com esta reflexão, o caráter marginal[15] do lazer na Bacia do Salto, oferece a seus praticantes percepções da liberdade que buscam como seres no mundo, transgredindo imposições em busca deste estar, como refletem os sujeitos Jacaré, Didi e

[15] A utilização deste termo faz referência tanto ao sentido do lazer desenvolvido pelos sujeitos da pesquisa às margens do rio, quanto à sua existência fora do controle da indústria do turismo local, considerando também os riscos que traz aos que desafiam sua geografia.

Morgana Jacaré, ao se recordarem dos caminhos que traçaram em seu desenvolvimento pessoal a partir das experiências vivenciadas no Rio Jacaré:

"[...] Aquilo lá pra nós era uma proclamação de independência, né? Era uma... um grito de liberdade!" (JACARÉ; 7A); "[...] o meu mundo começou a expandir, vazando pelo fundo do quintal de casa e descobrindo o caminho pro rio [...] Sempre escondido do meu pai, que não permitia jamais que a gente fosse pro rio sozinho. E ali meu mundo se expandiu" (DIDI; 1B); "O rio era uma coisa assim, socialmente falando, os homens vinham no rio, né? As mulheres não iam muito pro rio" (MORGANA JACARÉ; 2C).

A motivação que almeja a liberdade, a intencionalidade e as escolhas que orientam os caminhos desta busca e a percepção de sua realização quando a libertação é sentida, desvelam a *comunhão* entre os seres humanos (FREIRE, 2006a) e o mundo, de maneira que a liberdade, em seu potencial humanizador, ocorra. Para Merleau-Ponty (2006):

> Deixamos de ser pura consciência a partir do momento em que a constelação natural ou social deixa de ser um isto informulado e se cristaliza em uma situação, a partir do momento em que ela tem um sentido, quer dizer, em suma, a partir do momento em que existimos (p.604).

É significativo também observar, que a memória da experiência vivenciada na Bacia do Salto pelas pessoas que praticavam os mergulhos e saltos nas décadas de 1950, 1960 e 1970, hoje com mais de cinquenta anos, lhes permite a mesma extasia que os praticantes atuais, com idade média de vinte anos, indicando em sua verbalização, a incidência do tempo Kairós sobre o Chronos (MARTINS, 1991): "[...] toda vez que eu passo aqui, quando pelo Salto e tal, a sensação que a gente tem daquela época, a lembrança, é um negócio que mexe muito com a gente, realmente." (ARAÚJO; 7A).

É em respeito a estas reflexões e a tantas outras baseadas no saber da experiência oriunda de comunidades e grupos, que são trazidas ao conhecimento das instituições de ensino superior brasileiro por intermédio dos mais diversos estudos, como os citados no

capítulo 3 especificamente, e também ao longo desta dissertação, que se faz necessária a real semeadura do saber popular. Assim, para Bosi (1992):

> Se o projeto educacional brasileiro fosse realmente democrático, se ele quisesse penetrar, de fato, na riqueza da sociedade civil, ele promoveria a um plano prioritário tudo quanto significasse, na cultura erudita (universitária ou não), um dobrar-se atento à vida e à expressão do povo; e, igualmente, tudo quanto fosse uma reflexão sobre as possibilidades, ou as imposturas, veiculadas pela indústria e pelo comércio cultural (p.341).

O lazer, assim como a arte, pode contribuir de maneira significativa, não apenas para o re-encontro do ser humano consigo mesmo, a partir da contemplação ou da fruição dos momentos em que práticas sociais nestes campos se realizam, mas também, nos processos educativos gerados a partir destas vivências. Isto é percebido na reflexão de Bradock:

"A partir do momento que cê vai lá, cê desligou um pouquinho dos problemas... Você tem uma visão diferente pra tomar outras atitudes. Pra tentar resolver um problema. A gente com a cabeça quente não tem [...] a melhor opção na hora de resolver o problema. Coisa que depois, passando o tempo, abaixando a poeira, cê tem uma visão diferente, do mesmo problema [...]. Então eu acredito sim, [...] que influencia diretamente no dia-a-dia, nas escolhas, e nas atitudes de cê toma." (BRADOCK; 5D). "A maneira de você lidar com o dia-a-dia fica mais fácil. Isso daí em relação a tudo [...]. Seja um problema familiar, seja no trabalho, seja no dia-a-dia geral, mesmo." (BRADOCK; 7D).

Uma postura afetiva às relações do cultivo humano na expressão de sua criatividade, carregada pelos valores sensíveis de seu estar-no-mundo, contemplando, nesse processo, sua atitude face ao tempo, dimensão e liberdade do lazer que vivenciam, fundamentaria a construção da nova pedagógica, seja mediada pelos processos educativos escolares ou não escolares, mas sempre em busca do ser mais a que todos e todas temos direito. As relações que atravessam nossa vida, como sujeitos históricos no mundo, em cada gesto, sorriso ou frase, resguardada em pensamentos às vezes não muito nítidos, mas cujos

sentidos nos são culturalmente referentes, são fundamentais para a constituição de nosso ser, potencializando-se como a base de um projeto educacional latino-americano.

Nesse sentindo, Freire (2008) lembra que: “Ler o mundo é um ato anterior à leitura da palavra. O ensino da leitura e da escrita da palavra a que falte o exercício crítico da leitura e da releitura do mundo é, científica, política e pedagogicamente, capenga” (p.79). Então, assumir uma relação de convívio sem pré-conceitos no caminho da pesquisa, em busca de elementos que co-laborem para esta construção, poderia se pautar a partir da sugestão de Oliveira et. al. (2009), para quem: “[...] A atenção ao trajeto nesse caminhar permite a descoberta ou mesmo abertura de novos caminhos que tragam possibilidades de experienciar, refletir, com vagar.” (p.11).

Finalizando este texto, porém sem a pretensão de encerrar a discussão, ressaltamos, mais uma vez que não há a intenção de apresentar normas de conduta ou estratégias para se estruturar uma pedagógica que respeite o saber popular. A intenção deste trabalho é de com-partilhar os significados, as compreensões e as reflexões que a prática social lazer dos mergulhos e saltos na Bacia do Salto em Brotas tem para seus praticantes.

Outra intenção, é a de convidar a um outro olhar para os processos educativos do lazer popular, que por meio de uma estética sensível a seus sujeitos, porque imbuída de valores próprios à comunidade que habitam, lhes permite ensinar e aprender, utilizando-se dos saberes constituídos naquelas experiências, em outras situações da própria vida, como ressalta Didi:

“Ali eu aprendi a nadar, aprendi a saltar [...]. Pratiquei fotografia também, [...] que é uma das minhas linguagens até hoje.” (DIDI; 4D). “Hoje, eu [...] pratico vôo livre em paraglider, lá em Santos, em São Vicente. A sensação de voar no paraglider é fantástica, é maravilhosa, mas... Não se compara nunca, nada se compara à experiência de dar um salto desse aqui e cair na espuma da Bacia do Rio Jacaré.” (DIDI; 7D).

No momento em que os valores estéticos e a intencionalidade pela qual homens e mulheres constituem-se em meio às práticas sociais, que em sua corporeidade os faz habitar o mundo *sendo-uns-com-os-outros*, deixar de ser discurso aveludado e tornar-se palavra constituinte, somente aí será possível estruturar os caminhos de uma pedagógica que considere seres humanos em existência. Essa pedagógica terá um caráter significativo porque será fundada cultural, política e socialmente no seio daqueles e daquelas para quem as metodologias de ensino se inclinam

Se nos atentarmos para o *sentido* que cada prática social revela a seus sujeitos, se nos dispusermos a acreditar que todo ser humano é detentor de potencialidades para criar, refletir, aprender e ensinar, independente de sua origem social, étnica ou cultural e, que estas potencialidades, têm a força necessária para a elaboração de uma pedagógica, teremos esta educação tão almejada. Uma educação constituída a partir de *enfrentamentos*, superando e interagindo nos mais diversos *contextos* e, simbolicamente, *extasiando* aqueles e aquelas que as experienciam, em mergulhos culturais, e em processos educativos.

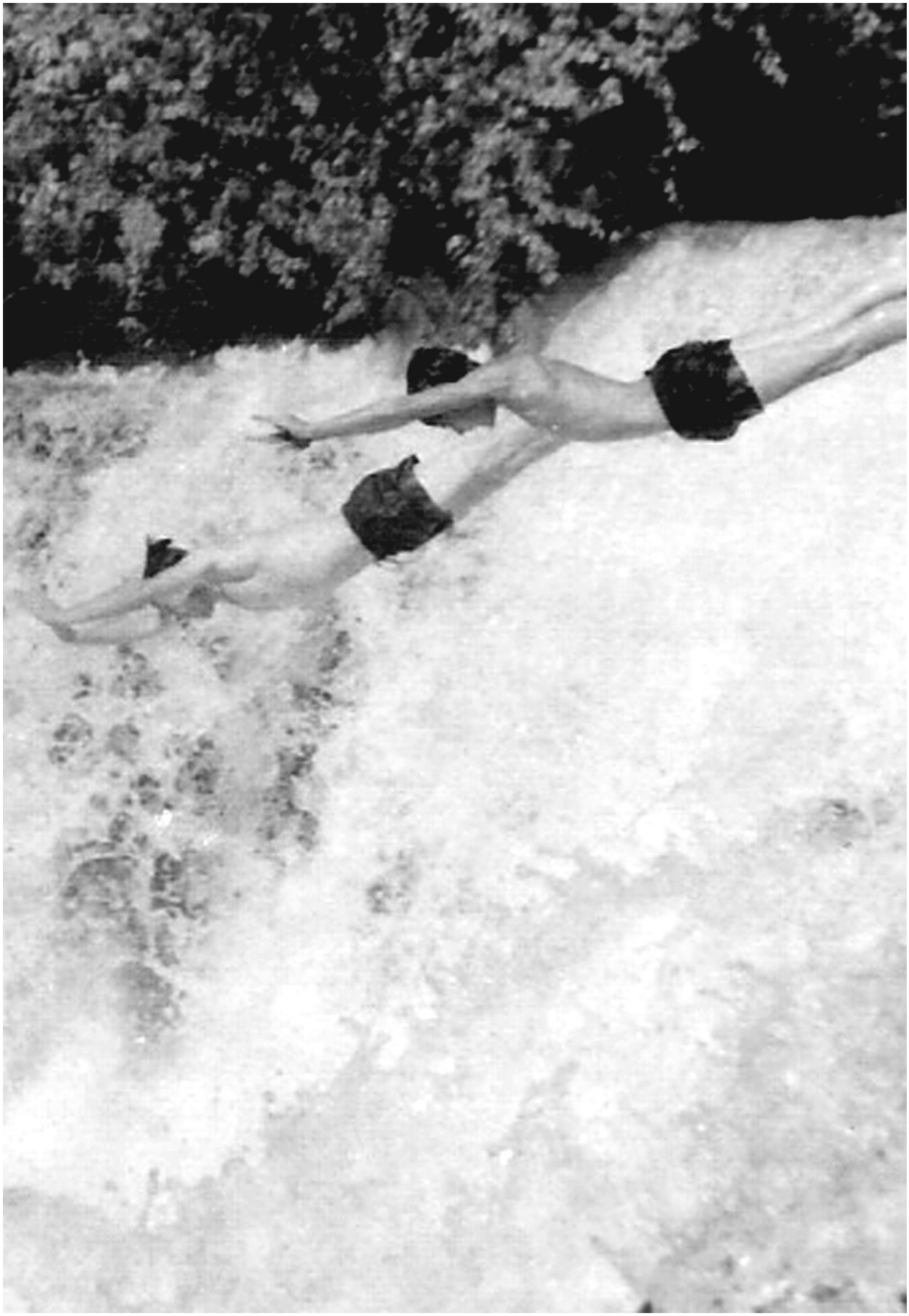


Foto 17: Didi e Cabeludo mergulhando na Bacia do Salto. **Fonte**: Cabeludo, 1959

Referências

A BÍBLIA SAGRADA: antigo e novo testamentos. 2ª ed. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

AGNELLI, Selma Ap. Cury. **A implementação da atividade turística em Brotas – SP**: euforia e declínio. Araraquara, 2006. 142 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) – Centro Universitário de Araraquara, Uniara.

AYALA, Maria Ignez Novais; AYALA, Marcos. **Cultura popular no Brasil**: perspectivas de análise. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

ARANHA, Carmen Sylvia G. Ato criador como material de apoio para a Educação Artística. In: CAPPELLETTI, Isabel F.; LIMA, Luiz Augusto N. **Formação de educadores**: pesquisas e estudos qualitativos. São Paulo: Olho d'água, 1999. p.65-74.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 14ª ed. São Paulo: brasiliense, 1990.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. 8ª ed. Tradução de Denise Bottmann; Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**: anos oitenta e novos tempos. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BAVCAR, Evgen. A luz e o cego. Tradução de Rubens Machado. In: NOVAES, Adauto. **O olhar** (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.461-468.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. Entrevista a Sandra Lencioni. **Revista de Cultura e Extensão**, v. 1, n. 0, [s.p.], 2005. Disponível em: <http://www.usp.br/prc/revista/entrevista.html>. Acesso em: 01 ago. 2009.

_____. Plural, mas não caótico. In: _____. (Org.) **Cultura brasileira**: temas e situações. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2004. p.7-15.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: leitura de operárias. Apresentação de Dante Moreira Leite. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo. (Org.) **Cultura brasileira**: temas e situações. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2004. p.16-41.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A canção das sete cores**: educando para a paz. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **O que é folclore**. 10ª ed. São Paulo: brasiliense, 1991.

BRASIL. **Constituição Federal**. São Paulo: Editora dos Tribunais, 1999.

_____. Ministério do Turismo. **Turismo rural**: orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

BROTAS. Prefeitura Municipal**. Lei complementar n.º 0012/2006**, de 22 de novembro de 2006. Institui o plano diretor do município de brotas, e dá outras providências. Disponível em:

< http://www.brotas.sp.gov.br/administracao/arquivos_leis/plano_diretor.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2009.

BRUHNS, Heloisa Turini. De Grazia e o lazer enquanto isenção de obrigações. In: _____. (Org**.). Lazer e ciências sociais**: diálogos pertinentes. São Paulo: Chronos, 2002. p.15-39.

_____. Explorando o lazer contemporâneo: entre a razão e a emoção. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n.2, p.93-104, 2004.

_____. O jogo nas diferentes perspectivas teóricas. **Motrivivência**, Florianópolis, ano VIII, n.9, p.27-43, 1996.

_____ ; MARINHO; Alcyane. Lazer e meio ambiente: multiplicidade de atuações. **Licere**, Belo Horizonte, v.6, n.2, p.32-42, 2003.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez, 1996.

BUYTENDIJK, Frederik Jacobus Johannes. O jogo humano. . In: GADAMER, Hans-George; VOGLER, Paul. (Orgs.). **Nova Antropologia**: o homem em sua existência biológica, social e cultural. São Paulo: Edusp, 1977. p.63-87.

CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens**. Lisboa: Cotovias, 1990.

CAMARGO, Luiz Octávio de L. **O que é lazer?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

CAMPANHOLA, Clayton; SILVA JOSÉ GRAZIANO. O lazer e o novo rural. In: BRUHNS, Heloisa T.; GUTIERREZ, Gustavo L. (Org.) **Enfoques contemporâneos do lúdico**: III ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados, 2002. p.3-24.

CAMPOS, Silmara Elena A. O turismo e a identidade caiçara no município de Ilhabela. In: Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: O Lazer em uma perspectiva latino-americana, 3, 2007, São Carlos. **Anais...** São Carlos, SPQMH-DEFMH/UFSCar, 2007, p.270-284.

_____. **Ser caiçara em Ilhabela**: as construções de identidades nas tensões entre o passado e o presente. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008. Versão semi-final.

CAVALCANTI, Maria Laura V. C.; FONSECA, Maria Cecília L. **Patrimônio imaterial no Brasil**: legislações e políticas estaduais. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

CERQUEIRA, Cristiane Ap. Turismo rural como nova alternativa econômica. **Revista Preços Agrícolas**, v.14, n. 168, 2000, p. 9-10, 2000. Disponível em: <http://pa.esalq.usp.br/~pa/pa1000/cris1000.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2009.

CSIKSZENTMIHALYI, M. Jogo e recompensas intrínsecas. Tradução de Luciana de D. Vieira de Moraes. **Journal of humanistic psychology**, California, vol.15, n.3, p.41-63, 1975. Original em ingles: Play and intrinsic rewards.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

DUSSEL, Enrique. A arte do oprimido na América Latina (hipótese para caracterizar uma estética da libertação). In: _____. **Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação**. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Paulinas, 1997. p.153-170.

_____. A pedagógica latino-americana (a antropológica II). In: _____. **Para uma ética da libertação latino americana III**: erótica e pedagógica. Tradução de Luiz João Gaio, São Paulo: Loyola; Piracicaba: UNIMEP. [s.d.]. p.153-251.

_____. Alguns princípios para uma ética ecológica material de libertação: relações entre a vida na terra e a humanidade. In: _____; HINKELAMMERT, Franz; DIERCKXSENS, Wim; PAGÁN, Luis N. Rivera; GIRARDI, Giulio; PIXLEY, Jorge (Coord.). **Por um mundo diferente**: alternativas para o mercado global. Tradução de Orlando dos Reis. Petrópolis: Vozes, 2003. p.21-35.

_____. **Filosofía de la liberación**. 5ª ed. México/Bogotá: Editorial Nueva América, 1996. Disponível em: < http://168.96.200.17/ar/libros/dussel/filolib/filolib.html >. Acesso em 01 ago. 2009.

_____. **Transmodernidad e interculturalidad**: interpretación desde la Filosofía de la Liberación. Cidade do México: UAM-Iz., 2005. Disponível em: < http://www.afyl.org/transmodernidadeinterculturalidad.pdf>. Acesso em 01 ago. 2009.

FERREIRA, Cesar Cunha. **Atlas escolar histórico e geográfico**: Brotas. São Paulo: Noovha América, 2008.

FERREIRA, Jerusa Pires. Quero que vá tudo pro inferno: cultura popular e indústria cultural. **Comunicação e Sociedade**, n. 13, p. 13-15, jun. 1985. Disponível em: <http://www.intermidias.com/jerusa1/textos/ArtigoJerusaPiresFerreira_Quero%20que%20va%20tudo%20pro%20inferno_Intermidias8.pdf >. Acesso em: 01 ago. 2009.

FIORI, Ernani Maria. Conscientização e educação. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v.11, n. 01, p.03-10, 1986.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. Notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Olho d'Água, 2006b.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 15ª ed. Notas de Ana Maria Araujo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 44ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006a.

_____; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GARNICA, Antonio Vicente M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface**: Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, p.109-122, 1997.

GOMES, Christianne Luce. Lazer urbano, contemporaneidade e educação das sensibilidades. **Itinerarium**, v.1, n.1, p.1-18, 2008. Disponível em: < http://seer.unirio.br/index.php/itinerarium/article/view/204/189>. Acesso em: 11 ago. 2009.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Dialogando sobre a capoeira: possibilidades de intervenção a partir da motricidade humana. **Motriz**, v.15, n.3, p.00-00, 2009. Disponível em: <http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php/motriz/article/view/2875>. Acesso em: 11 ago. 2009.

_____. Lazer e trabalho: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal em tempos de globalização. In: ___. (Org**.). Interfaces do lazer**: educação, trabalho e urbanização. São Paulo: Casa no Novo Autor, 2008. p.54-109.

_____; SANTOS, Matheus de Oliveira. Brincando no jardim: processos educativos de uma pratica social de lazer. In: EDUCERE – CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇAO – PUCPR – PRÁXIS, 6, 2006, Curitiba. **Anais**... Curitiba: PUCPR, 2006. p.1902-1915.

GRIGOLIN, Giuliano. **Relações entre as estratégias de apropriação do território pelo complexo agroindustrial e pelo ecoturismo em Brotas - SP**. Florianópolis, 2004. 110 f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2001.

IANNI, Octavio. **O labirinto latino-americano**. Petrópolis: Vozes, 1993.

IBGE. **Cidades**: Estado de São Paulo, Brotas. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>. Acesso em 27 Jul. 2009.

JERÔNIMO, Rosa Nadir T.; GONÇALVES, Teresinha Maria. O processo de apropriação do espaço e produção da subjetividade. **Piscologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 2, p.195-200, 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/08.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2009.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 10, p.43-51, 2004.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LAVOURA, Tiago N.; SCHWARTZ, Gisele M.; MACHADO, Afonso A. Aspectos emocionais da prática de atividades de aventura na natureza: a (re)educação dos sentidos. **Rev. bras. Educ. Fis. Esp.**, v.22, n.2, p.119-127, 2008b. Disponível em: <http://www.usp.br/eef/rbefe/v22n22008/3_RBEFE_v22_n2_2008_p119.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2009.

_____. Emoções, aventura e natureza: análise dos relatos verbais de praticantes dos esportes de aventura. **Licere**, v. 11, n. 1, 2008a. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV11N01_a7.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2009.

LEMINSKI, Paulo. **La vie em close**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LEMOS, Fábio Ricardo Mizuno. **Compreensões de trabalhadores em transnacionais de São Carlos acerca da prática social lazer**: processos educativos envolvidos. 2007. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. 5ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. A mercantilização das paisagens naturais. In: BRUHNS, Heloísa T.; GUTIERREZ, Gustavo L. (Org.) Enfoques contemporâneos do lúdico: III ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: Autores Associados, 2002.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e cultura: algumas aproximações. In: _____. (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007. p.9-30.

_____. **Lazer e educação**. 11ª. ed. Campinas: Papirus, 2004.

MACHADO, Ozineide V. M. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: BICUDO, Maria Ap. V.; ESPOSITO, Vitória. H. C. **Pesquisa qualitativa em educação**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: UNIMEP, 1994

MARINHO, Alcyane. Lazer, aventura e risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento**, v.14, n.02, p.181-106, 2008. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/issue/view/510>. Acesso em: 01 ago. 2009.

MARTINS, Joel. **Não somos chronos, somos kairós**. São Paulo: PUC, 1991. 18 p. Palestra proferida por ocasião do evento o envelhecer na PUC em 23 de abr. 1991.

_____; BICUDO, Maria Ap. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. 5ª ed. São Paulo: Centauro, 2005.

MARX, Karl. Mais valia absoluta e mais valia relativa. In: _____. **O Capital**: crítica da economia política. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p.137-146.

_____; ENGELS, Friedrich. **Textos sobre Educação e Ensino**. 5. ed. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2006.

MEDEIROS, Rosa Maria V.. Camponeses, cultura e inovações. In: LEMOS, Amália I. G.; ARROYO, Mónica; SILVEIRA, Maria Laura. **América Latina**: cidade, campo e turismo. Buenos Aires: CLACSO, 2006. p.281-293.

MELO, Victor Andrade. Arte e lazer: desafios para romper o abismo. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007. p.63-87.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A ciência e a experiência da expressão. In: _____. **A prosa do mundo**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p.29-69.

_____. A dúvida de Cézanne. In: _____. **O olho e o espírito:** seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p.121-142.

_____. **Fenomenologia da percepção**. 3ª ed. Tradução de Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. Marxismo e Filosofia. In: _____. **Os pensadores**. Seleção de textos, tradução e notas de Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p.71-82.

_____. O olho e o espírito. In: _____. **O olho e o espírito:** seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p.13-46.

_____. **O visível e o invisível**. 4ª ed. Tradução de José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2007.

OLIVEIRA e col. Maria Waldenez; SILVA, Petronilha B. G.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; GARCIA-MONTRONE, Aida V.; JOLY, Ilza Z. Processos educativos em práticas sociais: reflexões metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: 32ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED): Sociedade Cultura e Educação: novas regulações, 2009, Caxambu/MG. **Anais...** Caxambu, ANPED, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/trabalho_gt_06.html>. Acesso em: 10 dez. 2009.

OLIVEIRA JUNIOR, Arnaldo Freitas; BITENCOURT, Mayra Batista. Valoração econômica das atividades de turismo de aventura - estudo de caso: Brotas, SP. In: **Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural**, XLIII, 2005, Ribeirão Preto.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 23ªed. Petrópolis: Vozes, 2008.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. 3ª ed. Tradução de Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PATRÍCIO, Patrícia. Da rua para o bumbódromo: flagrantes do espetáculo em Parintins. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.5, n.1, p.123-133, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/article/view/5564/5051 >. Acesso em: 01 ago. 2009.

PIMENTA, Amanda Negrão. **Desenvolvimento turístico e configuração urbana**: estudo de caso da cidade de Brotas. Campinas, 2008. 183 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

RAMOS et al., Adriana; BUSSAB, Leila; SOUZA Monica de; SANSONI, Silvia. **Brotas**: cotidiano e história. Brotas: Prefeitura Municipal de Brotas, 1996.

REIS, Leôncio José de Almeida. **Novos autores em cena nos estudos do lazer no Brasil**: possíveis diálogos a partir da teoria configuracional. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/handle/1884/18268>. Acesso em: 11 ago. 2009.

RODRIGUES, **Cae. Educação física, educação ambiental e educação infantil no contexto escolar**: uma sinergia possível. 2007. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

SANTOS, Cecilia Rodrigues dos. Novas fronteiras e novos pactos para o patrimônio cultural. **São Paulo Perspec.**, v.15, n.2, p.43-48, 2001. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200007>. Acesso em: 03 ago. 2009.

SANTOS, Matheus Oliveira. **Ludicidade, animação cultural e educação**: um olhar para o projeto "Vivências em atividades diversificadas de lazer". 213 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

SCHWARTZ, Gisele Maria. O conteúdo virtual: contemporizando Dumazedier. **Licere**, Belo Horizonte, v.2, n.6, p.23-31, 2003.

SEVERINO, Antonio Joaquim. O universal, o singular e a historicidade na pesquisa do cotidiano. In: Simpósio Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos & V Encontro de Fenomenologia e Análise do Existir, 3, 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo, se&pq, 2006, p.1-9.

SILVA et al., Petronilha B. G.; GARCIA-MONTRONE, Aída V.; JOLY, Ilza Z. L.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; OLIVEIRA, Maria W.; MELLO, Roseli. R. **Práticas sociais e processos educativos**: costurando retalhos de uma colcha. Texto para fins didáticos da disciplina "pesquisa em metodologia de ensino 4: práticas sociais e processos educativos" do PPGE/UFSCar, 2008. Versão preliminar.

SILVA, Robson Amaral da; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Lazer e processos educativos: o olhar de gestores de clubes de empresas. **Licere**, v. 12, n. 2, p.1-31, 2009. Disponível em: <http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV12N02_a5.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2009.

SOUZA, Paulo César Antonini de; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. **À margem do Jacaré Pepira**: lembranças de um espaço de lazer na cidade de Brotas. 2010. No prelo.

_____. Aventura em jogo: processos educativos envolvidos na prática do mergulho no Rio Jacaré Pepira de Brotas. In: Colóquio de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana: O Lazer em uma perspectiva latino-americana, 3, 2007, São Carlos. **Anais...** São Carlos, SPQMH-DEFMH/UFSCar, 2007, p.298-317.

_____. Con-versas da areia: processos educativos desvelados em uma fazenda hotel em Brotas. In: IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE/III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia: Políticas e práticas educativas: desafios da aprendizagem, 9, 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba, PUCPR, 2009, p.7874-7888.

TARDIVO, Leila S. de La Plata C. Sofrimento, desenraizamento e exclusão: relato de uma experiência com indígenas aculturados do Amazonas. **Psicólogo informação**, ano 11, n.11, p.113-126, 2007. Disponível em: < https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/PINFOR/article/viewFile/534/532>. Acesso em: 01 ago. 2009.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Disponível em: < http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf >. Acesso em 01 ago. 2009.

VIARO, Mário Eduardo. **Por trás das palavras**: manual de etimologia do português. São Paulo: Globo, 2004.

VIEIRA, Nancely Candida. **A estética do olhar**: o ensino da fotografia sob o prisma do pensamento complexo. São Paulo, 2006. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Nove de Julho, Uninove.

VIEITEZ, Candido Giraldez. Marx, o trabalho e a evolução do lazer. In: Heloisa Turini Bruhns. (Org.). **Lazer e ciências sociais**: diálogos pertinentes. São Paulo: Chronos, 2002. p.125-147.

WERNECK, Christianne L. Gomes. Lazer, trabalho e qualidade de vida. In: CONGRESO DE EDUCACIÓN FÍSICA E CIENCIAS DO DEPORTE DOS PAÍSES DE LÍNGUA

PORTUGUESA, 6., 1998, A Coruña. Deporte e Humanismo en Clave de Futuro. **Anais**... A Coruña: Universidade da Coruña, 1998.

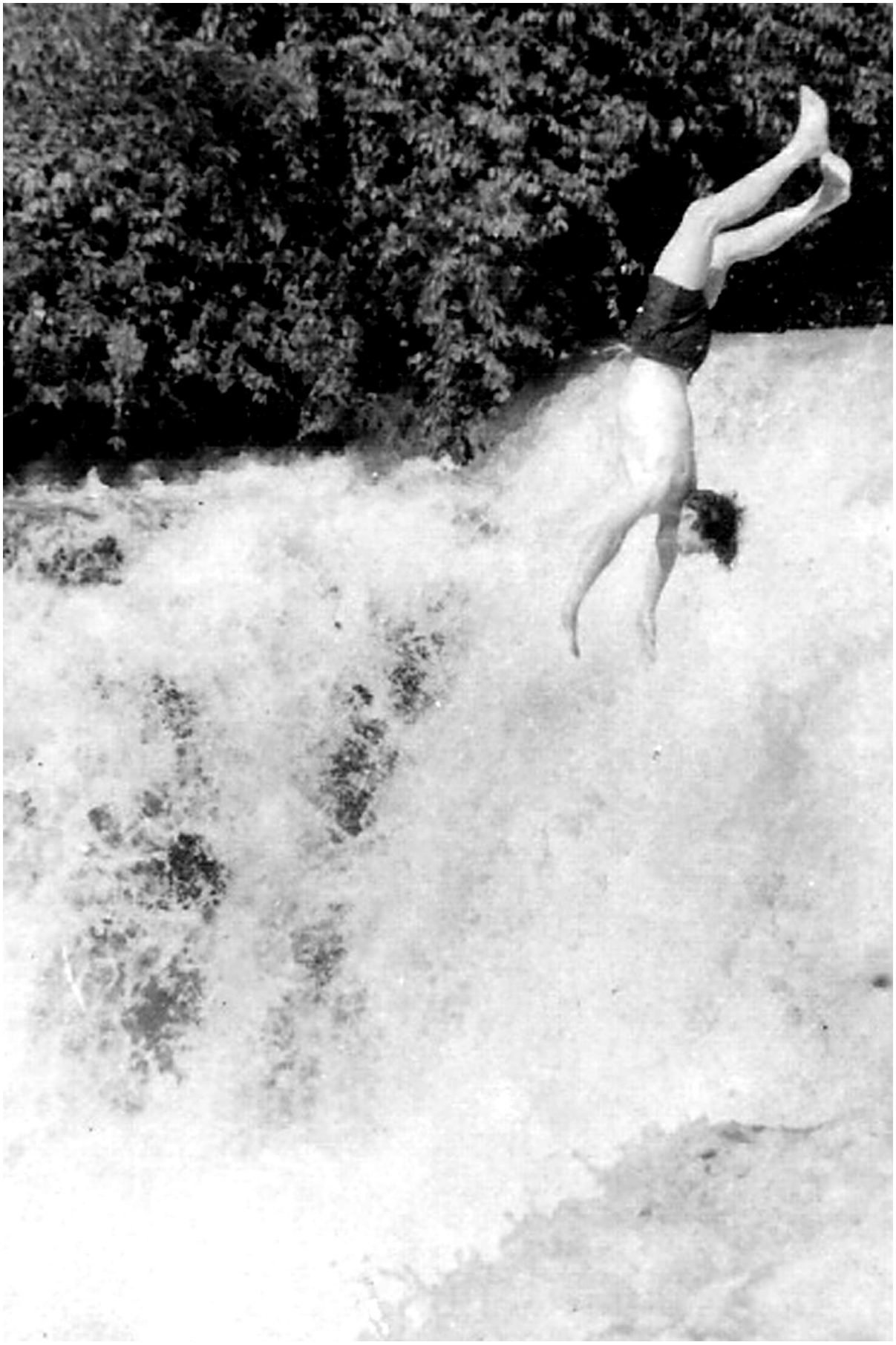


Foto 18: Mergulhando na Bacia do Salto. **Fonte**: Cabeludo, 1959.

Apêndices

Transcrição dos discursos dos sujeitos da pesquisa

Morgana Jacaré

Quais os significados de sua experiência na Bacia do Salto?

Então, entrar no rio foi muito difícil pra mim. Porque eu tinha medo do rio (1).O rio era uma coisa assim, socialmente falando, os homens vinham no rio, né? As mulheres não iam muito pro rio (2).Como os amigos vinham, e era gostoso pular junto da Bacia, todo mundo ia pular, né? (3).A gente vai perdendo o medo e daí... Pulei muito, né? Mas assim, duas vezes só, sozinha mesmo, e o resto, assim, com alguém (4).É uma sensação muito boa. Porque você afunda. Você afunda, você afunda e fica solta, assim, depois você volta... É muita espuma, não é duro, é... uma coisa de espuma, é uma banheira de espuma, é delicioso (5).

Fale mais, assim da... Fale mais sobre essa ideia de vencer o medo e do proibido.

Então... Porque... Existia todo um, né, uma coisa assim, "Olha, o rio... Morre gente no rio, né? O rio é perigoso, o rio é não sei o que...". Então, a gente cresceu com isso, e, quer dizer, a minha geração, um pouco mais velha, cresceu com isso (6). Na verdade, o que me fez mudar foi um menino que era amigo da minha amiga, da (*cita o nome de uma amiga*) Mas é o seguinte, ele vinha aqui, e ele andava no... aqui por tudo, como se tivesse andando na casa dele, né? "Nossa, porque eu ando com tanto medo? Tão pesada?" No rio, se você andar pesado, você até escorrega, entendeu? Você tem que soltar um pouco o corpo, né? E isso você vai aprendendo... (7) E é isso...

Vencer o medo...

E essa história, né? De... Vencer o medo, aos poucos você começa a relaxar, você começa a pisar mais ligeiro, né? Você até vai vendo que tem lugares que tem pouca água. Quando tem muita água você não vai, né? Então, essa coisa, você vai perdendo o medo. Você vai vendo o que acontece, né? E daí você vai vendo que não é tanto assim, né? Que o medo é mais da cabeça mesmo, né? (8).Então... É muito bom.

Nisso tudo, que significado que você vê pra sua vida?

O rio, ele é muito importante pra mim. O Rio Jacaré. Porque é realmente... É essa história assim... É o desafio (9).Eu não entro no rio quando aquela pedra ali tiver coberta (*enquanto fala, aponta para uma das rochas do rio*) porque eu acho que daí tem muita correnteza pra ali. Então, isso é uma coisa que eu, que eu, receio pelo rio. Quando o rio tá muito cheio eu não vou entrar. Então, quando aquela pedra não tá coberta eu entro, mas... Assim, na baciinha, direto, né? E então isso é uma medida, né? (10) A gente vai aprendendo... Então é isso... E esse aprendizado é pro novo, né? É com aquilo que, né? Que a gente pode mostrar de outras coisas, né? Que às vezes você faz uma visão de alguma coisa e não é aquilo, né? Se eu não for conferir no real da coisa, você vai perder muitas vezes de fazer aquilo e, é muito bom... (11).É muito bom mesmo. É uma banheira de espuma, você vai assim ó: Póf! E é muito gostoso, daí você sobe, daí, rapidinho, né? Pra não cair também, na corredeira (12).

Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

Não... (*risos da entrevistada*)

Obrigado.

Araújo

Quais os significados de sua experiência na Bacia do Salto?

Bom, Paulo... O significado é um negócio muito grande, começa quando a gente era criança, que os pais ainda proibiam a gente de nadar, então a gente vinha e ficava vendo os mais velhos, morrendo de vontade de entrar mas, com aquele medo também, porque acho que a idade não, não permitia, não liberava a coragem que a gente precisava. Mas aí, a partir do momento que a gente foi adquirindo confiança, porque nessa época a gente já nadava lá no rio, na parte mansa do rio a gente nadava. E o desafio era entrar aqui na Bacia. Parecia que era um marco na vida da gente essa, essa

entrada nesse local do rio.(1) E aí, quando você entrava e sentia a firmeza, os primeiros passos subindo a pedra pra saltar do lugar mais alto, esse movimento da água, esse rebojo que a Bacia faz aí com a água, ele, ele criava uma certa sensação com aquele calafrio na espinha e, e a gente ensaiava os primeiros saltos e tal, e aí, quando você caía era uma maravilha. Porque é uma espuma que se forma, você pode cair de qualquer forma que não sente dor, não... Aquele estalo que costuma dar quando a gente pulava da ponte, aqui na Bacia não existe (2). Então, de qualquer forma que você caísse, você caía bem e aí, a preocupação de levantar, você tinha a impressão de que a correnteza ia te trazer pras pedras aqui, onde você se machucaria, mas ela dá um tempo pra você respirar e aí você escolhia pra que lado você vai sair. Então, isso é uma sensação que... Indescritível, pô...(3) Aí, com o tempo você vai passando, vai criando mais coragem e já vai fazendo mais malabarismo e aí você já mergulhava de um lado e já saía embaixo da cachoeira do outro lado, e ficava lá, e faltava um pouco de ar porque o volume d'água é muito grande, que cai na frente, e o ar é meio rarefeito atrás dessa, atrás dessa água Então, você ficava um tempo lá e tinha de, de voltar, né? Mas era muito bom. E a minha experiência aqui na Bacia também, foi muito boa pra pesca. Eu atravessava com uma vara de pescar, sentava naquela parte mais alta dela e ficava pescando aqui embaixo, pegava um peixe que a gente chama de "tambiú", é como se fosse um lambari, só que ao invés de rabo vermelho é rabo preto.(4) E eu ficava e esquecia da vida. De vez em quando eu prestava atenção em algum movimento do outro lado, e era o meu pai que tava parado lá, me olhando com uma cara de bravo. Eu tinha esquecido passar a hora, já tava escurecendo, né? Entende? E aí eu ficava sozinho. Quando eu vinha pescar eu pescava sozinho aí, quando não tinha ninguém.(5) Então, isso aí é um marco na vida da gente que é indescritível, a sensação de pular... E eu, até uns três anos atrás eu voltei aí também com meus filhos e, o mais velho adora, o mais novo tem um pouco de medo porque não, não participou tanto do começo, quando a gente ainda fazia. O mais novo, o mais velho, eu era mais novo, né? Então a gente veio umas vezes. Eu trouxe pra cá... Mas ele adora. Quando tá aqui, tempo quente, ele fala: "Pai, vamos nadar na Bacia?" E a mãe fica horrorizada. Que a mãe é de São Paulo: "Você tá maluco! Você leva essas crianças pra lá e tal..."(6), mas é uma sensação que não, não tem descrição. É uma coisa incrível. Uma coisa, uma realização... Você se sente herói e... É muito bom. É muito bom. E a gente brincou muito aí, então, uma infância que a gente nunca se esquece. E eu, toda vez que eu passo aqui, quando pelo Salto e tal, a sensação que a gente tem daquela época, a lembrança, é um negócio que mexe muito com a gente, realmente...(7)

Você quer acrescentar mais alguma coisa?

Eu acho que não. Eu acho que era isso que eu tinha pra dizer. Foram muitos anos e mesmo no tempo que a gente saiu, eu saí cedo daqui pra fazer cursinho em São Carlos e depois eu fui fazer faculdade em Belo Horizonte, aí direto eu fui pra São Paulo trabalhar, mas toda vez que a gente vinha aqui, a gente ainda, um bom tempo, vinha pra cá pra, pra entrar no rio, aqui nessa região que era sempre uma delícia. Nem fazia questão de nadar lá em cima. Lá em cima, mais é pular da ponte só. Mas o gostoso era vir aqui pra Bacia. Realmente era muito bom.(8)

Descreva melhor essa ideia do marco. O significado do marco que você disse ser pra sua vida.

O marco é que você... Primeiro o marco de você sair da fase de criança, controlado pelo pai, pela mãe. Porque a gente morava na beira do rio. Nasci na beira do rio. Então, o rio, era pular a cerca de casa e tava dentro d'água. Então, sempre a preocupação: "cuidado com o rio, cuidado com o Salto". E quando vinha ver os mais velhos nadarem na Bacia, a gente tinha aquela vontade, mas acho que sentia que não era hora ainda, e eu era bastante obediente na época, então a gente não extrapolava muito, obedecia os pais. Não tinha muito de rebeldia. Então esperei mais ou menos a época certa de entrar. Com vários amigos também, que eu tinha na época, que também entramos praticamente juntos. Então, esse marco, da fase antes de nadar na Bacia e depois, foi muito grande, porque isso dá uma realização que você não imagina. E depois, o fato de você conseguir nadar. Você chegar e depois que você se acostumou, é... É um negócio que eu acho que marca você pra sempre porque é uma sensação de vitória, de... É um desafio...(9) Porque, depois que você se acostuma, se você vier nadar aí um dia, você vai ver como é gostoso e como não tem assim, nada de especial...(10d) Mas, pra quem vem de fora, e a gente mesmo, quando você fica um tempo sem vir e você vai entrar, você já não lembra direito onde que ficava as pedras, onde que tinha o perigo, onde não tinha. Então você vai tateando, você vai sentindo melhor as coisas, você já não vai se atirando. Isso é o respeito que a gente sempre aprendeu a ter pelo rio, pelo local, por esse local aí, agradável de nadar que a gente sempre chamou de

Bacia, que é o formato mais ou menos de uma bacia (11), e... Então, isso realmente é uma coisa que marcou muito a vida... Minha vida e a vida de meus amigos e companheiros da época aí, que... Nós não tínhamos outra diversão aqui em Brotas praticamente, você entendeu? Ou era jogar bola ou era nadar no rio, principalmente nós que morávamos mais aqui pra baixo (12). Não tinha piscina na cidade, nada. Então, isso aqui pra nós era nossa vida. Todos os dias a gente estava aqui. Exceto mês de julho, que era meio, extremamente frio, então... A gente respeitava um pouco mais e não vinha, mas, o resto do ano era nossa diversão.(13)

Mais alguma coisa?

Não... Acho que é isso, Paulo. Espero que você venha nadar na Bacia pra sentir o que que significa isso.

Obrigado.

Serenidade

Quais os significados de sua experiência na Bacia do Salto?

Bom... Eu aprendi a nadar nesse rio, né? E a partir do momento que a gente já sabia nadar um pouco mais, a gente já descia aqui para a Bacia. E foi praticamente, vamos dizer aí, uma parte da infância e da adolescência. A gente, não pode dizer que a gente vinha diariamente aí, né? Nadava no rio diariamente, agora, na Bacia a gente vinha aí uma vez por semana, né? (1) E sempre é uma aventura porque o rio nunca tá igual, né? Então um dia ele tá mais claro, aí choveu... Já tive aqui uma experiência com chuva, perigosa, que você só faz quando você é jovem, porque quando você tem uma certa idade, você já sabe que não faria, né? Porque com a experiência de vida que a gente tem, a gente fica medroso, né? (2) E... Então, era sempre uma aventura. E sempre vinha com amigos, então dependendo com quem a gente tava, a gente abusava um pouco mais, entendeu? Ia pra cachoeira de cima, ia andando beirando aqui e pulava, né? E... Tantas vezes! Pulava e subia de novo várias vezes, né? E... Quando você pula na Bacia, você não afunda muito por causa da espuma que tem, sabe? Então é muito gostoso. E a hora que você sai assim da água, aquele, estar envolvido naquele monte de espuma é uma sensação maravilhosa, né? (3) Então, é... Acho que de importância é uma recordação maravilhosa... Muita... Esse contato direto, né? Com a natureza, com a água, né? E... A gente nasceu aqui na beira do rio, aprendemos a nadar na beira do rio, no rio, vamos dizer, né? Então, quantas vezes a gente brincava: Ah, Serenidade onde você mora? Eu moro embaixo da ponte. Quase embaixo da ponte, né? Então, um contato muito grande com esse rio, com a Bacia, e... Só coisas boas, né? (4) Graças a Deus eu nunca estive com ninguém... Já aconteceram acidentes aqui, mas eu digo pra você que não, de pessoas, que vinham pra nadar e se divertir, assim... Sabe? Eu por exemplo, tive contato com muita gente que nadava nesse rio. A gente vinha aqui, pulava na Bacia. Eu não conheço ninguém, do meu contato mais direto, que tenha acontecido um acidente. Então sempre foi assim, com pessoas que vinham sem ter a experiência do rio. Pessoas que bebiam e entravam na água, entendeu? Então... Sempre foi uma coisa muito boa.(5) Nunca tive um... Uma... Teve, tive uma experiência muito forte que eu falei de um dia de chuva e só tava eu e o meu irmão e... Depois que a gente pulou, pra atravessar pro lado de cá, que a gente viu que não daria nem pra retornar por esse lado, tamanha era a correnteza, né? E aí, a gente até precisou de ajuda pra voltar.(6) Mas... Sempre só experiências boas e só lembranças boas. Hoje eu continuo nadando no rio... Não entro mais na... Hoje eu tenho 54, 53 anos... 52, né? Vou fazer só no fim do ano, então 52 ainda. Ah... Não entro mais lá do lado da Bacia, da Baciona... Entro aqui na Baciinha! Né? Pra me refrescar e tudo mais... (7)

Você falou sobre a experiência na sua vida hoje, que sentido tem isso pra você?

Olha... Eu consegui ver que... Que traz assim, vamos dizer, é... É uma energia. Que parece que entrou e ficou. Sabe? Eu até me emociono. Uma energia muito boa.(8) É isso que eu tenho pra dizer... Tá?

Obrigado, Mila...

Jacaré

Quais os significados de sua experiência na Bacia do Salto?

Não especificamente com relação à Bacia, mas... Eu tava lhe dizendo, que eu tive a minha... Minha infância, juventude, até a minha mocidade... Eu vivi aqui em Brotas e, no meu tempo de criança, não existia computador, logicamente, ah... E brinquedo, a gente tinha que construir o brinquedo. Então, a grande diferença que havia entre os dias de hoje, é que você, não só tinha que construir o brinquedo, como inventar alguma coisa pra que aquilo lá fosse um brinquedo. Inventar uma brincadeira que coubesse aquilo como um brinquedo, entende? No quintal da casa dos meus pais, tinha um, um ponto de água, né? Que vinha da rua, que usava pra aguar as árvores que, frutíferas, que tinha lá. Aquilo ali pra mim, era um rio. Então eu fazia um rio, fazia uma represa, fazia uma roda d'água, fazia um monjolo, entende? Então, a gente construía as coisas pra poder brincar com as, com aquelas coisas. Não tinha loja de brinquedo. O brinquedo era estilingue, bolinha de vidro, ah... E coisas que a gente fazia. Arco de vassoura pra você rodar, pneu pra você entrar dentro dele e girar. Então, conforme a idade foi avançando, a gente foi procurando algumas distrações que fossem mais, ah... Que satisfizessem melhor aquela vontade de aventura que a gente tinha. E o rio foi o nosso, vamos dizer assim, o nosso ponto de apoio. Não só na Bacia, mas em todo o trecho do rio. (1) Isso que eles fazem hoje como profissão, que é o *bóia-cross*, o *raffting* e outras coisas mais, a gente fazia no peito. Descia as corredeiras aí, se ralando todinho, passando aquelas ondas que hoje o pessoal desce de bóia, bóia encapada, né? Com toda a segurança que tem, a gente fazia, entendeu? Se machucando, se arranhando, mas... Isso daí pra gente era o que satisfazia, né? (2) E a Bacia era um ponto a mais, entende? Tanto que a gente não ia lá na Bacia. A gente ia aí perto da ponte. Ia nadar. Jogava bola dentro d'água, fazia coisa, e depois, roubava fruto nos vizinhos, né? E era tudo ali perto e daí descia na Bacia. Não tinha... Não tinha um caminho pra ir lá. Tinha uma trilha que você se pendurava num cipó pra descer lá embaixo, porque não tinha um caminho feito. O caminho era aquilo que a gente conseguia. (3) E o salto na Bacia passou a ser o... Uma... Como se fosse uma iniciação, né? Quem conseguia saltar era mais que o... Né? Era melhor que os outros. Então... Essa daí é que era a nossa distração.(4) Bom... Eu não sei bem, a relação disso daí, com a vida da gente. O que me ficou bem claro é que quando eu saí de Brotas, que eu fui trabalhar, eu notei que o pessoal daqui de Brotas, que eu levei algumas pessoas daqui pra trabalhar comigo, trabalhava na Petroquímica em Cubatão, esse pessoal... Ah... Mais... Que tinha vivido mais com a natureza presente, né? Que tinha tido essa iniciativa de criar os brinquedos, criar as brincadeiras e tudo, na vida prática, no trabalho, tinham um raciocínio mais rápido. Então, essa foi uma relação que eu consegui fazer, comparado com os outros colegas de trabalho que eram ou santista, ou paulistano e coisa, que tinham uma vida presa. (5) O que o santista tem de divertimento? A praia. Quer dizer, a praia é monótona, porque a praia é aquilo lá e fim. Não existia nem o surf, né? O surf foi coisa, o surf é coisa recente. Então, essa infância, essa juventude que a gente teve aqui, influenciou na vida da gente, na vida profissional, no dia-a-dia, dessa forma. Quer dizer, a gente tinha uma mentalidade criada... É... Para o improviso. Então, em situações difíceis, você criava soluções. E isso daí tinha que ser imediato. Nem sempre dava tempo de você pensar. Tinha que ser uma coisa rápida. E eu notei bem a diferença desse pessoal interiorano, desse caipira nosso, com o pessoal de cidade grande. Entende? Preso a apartamento, preso a diversões como cinema, como... Ah... E hoje, que seria como o computador, né? Esses jogos prontos. Essas coisas que não trabalham a cabeça da gente. Trabalha a agilidade, mas não trabalha... Raciocínio, iniciativa, tomada de posição... (6) Então talvez, aí esteja um ponto pra ser explorado. Como a influência da liberdade. Porque, né? Aquilo lá pra nós era uma proclamação de independência, né? Era uma... um grito de liberdade! (7) Não sei se eu consegui esclarecer pra você, filho...

O senhor disse sobre esse "ser melhor". A iniciação para "ser melhor" relacionando com essa agilidade e a busca da liberdade. Se o senhor pudesse descrever melhor essa ideia...

Na verdade, a... Existia risco, né? Risco da gente se machucar e... O estar lá, naquela área, por si só já representava uma, vamos dizer assim, um risco em si. Porque é liso, você escorregava... As vezes a gente ia pegar peixe nas locas de pedras lá, você se arranhava porque...(8) Então, tudo que a gente fazia lá naquela área, representava alguma coisa diferente da rotina, entende? Porque a nossa rotina era nadar no que a gente chamava de piscina, que é o trecho do Rio Jacaré, da ponte pra cima. Naqueles cem metros. Que foi até preparado pra isso. Foi até fundado um clube, que se chamava Clube Regata Santa Cruz, mas, era... Abrangia aquele trecho, então, aquilo ali era a rotina. O ir até aquela parte de baixo, que seriam os saltos em si, não só a Bacia, mas os outros, as outras quedas, ali

era a diferenciação. Muitas vezes a gente ia pra lá, então, ali era o diferente. Então, quem ia pra lá? Eram os melhores, né? Aqueles que tinham mais coragem, aqueles que se arriscavam mais...(9) Ok?

O senhor quer acrescentar alguma coisa?

Não sei. Se você perguntar, talvez some alguma coisa mais, senão é isso.

Obrigado.

Water

Quais os significados de sua experiência na Bacia do Salto?

A Bacia pra mim, pra mim e acho que pra vida de um brotense como eu, tem muitos significados, né? Primeiro deles assim, que eu busco, é que no verão, quase todos os dias, é vim aqui, eu digo que é lavar a alma. Dou um pulo na água, saio do outro lado como se tivesse purificado o meu corpo. (1) É... Mas isso aí não é... Ainda não é só isso, né? Tem muitas coisas que influencia isso, como: um pulo. Você virar um mortal, tá podendo se manifestar em gesto de um pulo, ah... Pular de ponta, pular em pé, virar mortal... Isso aí também, acho que é muito, muito gratificante assim, pra mim... Porque eu, cada vez que eu venho aqui eu busco um pulo, um pulo meio que diferente, uma coisa meio que diferente. Sempre procuro não... (trecho incompreensível) parecer que sempre que eu venho aqui é diferente. Sempre mudando os pulos, mudando o jeito. Aonde eu vou pular, aonde eu vou nadar, (2) mas... E tem o respeito. Tem 45 pessoas nadando... Aí você não vai chegar pulando no meio de todo mundo. Você chega, tem que olhar porque lá tem dois pontos que pula. Tem que olhar pro outro lado. Dar sinal pra ver quem vai pular, quem vai esperar. Então aí, já é um grande respeito que você tem que ter pelas pessoas. (3) Eu acho que já é um primeiro passo... Já começa aí, já... A Bacia é... Resumindo: a Bacia pra mim é tudo aqui em Brotas. Pela, pelo espetáculo de... De visualização, né? Que é uma coisa maravilhosa e, pelo bem estar. É muito bom (4).

Descreva esse bem estar que você sente em relação ao estar aqui.

Às vezes assim, quando você tá meio caído, meio deprimido, é... Sei lá, fica com uma coisa ruim no corpo, assim, você precisa tirar isso aí do corpo. Eu acho que você, eu acho não, eu tenho certeza, que você vindo aqui na Bacia e dando um pulo, se encontrando com a água um pouco gelada, e tal... Todo esse aspecto... Na hora que você sai do outro lado, parece que você tira toda essa coisa ruim do teu corpo, né? Você fica em um... Bem-estar assim... Com você e com o todo, ali, né? Com a natureza, com a população, com todos, né? Com todos que tá com você ali. (5) Esse é o bem estar que eu digo.

Você que acrescentar mais alguma coisa?

É... Ah, falar que a Bacia hoje em dia faz parte da minha vida... Pelo menos uma vez por semana eu tenho que vir na Bacia. Se for pra mim ver, pra nadar, mas eu tenho que vir aqui e ficar olhando um pouco pra ela... Olhando a água cair... Eu acho que isso aí transmite paz pra mim...(6)

Obrigado.

Betão

Quais os significados de sua experiência na Bacia do Salto?

Na verdade... Paulo, né? Na verdade, Paulo, quando a gente, nós éramos jovens, toda a juventude se reunia aqui nesse Rio Jacaré, entendeu? Pra trocar informações, pra... entendeu? Passar o tempo...(1) E praticar esportes. Essa é uma grande verdade. Tanto que, o professor de Educação Física no, na época, ele descobriu que o rio era tão bom que come... Transformou a educação física aqui no rio, certo? Passou do Ginásio para o Rio Jacaré, né? Tal era a importância que esse rio tinha pra nós. Pros rapazes da época (2). Especificamente quanto à Bacia, nós fomos descobrindo o rio. Certo? Descobrimos o rio nas suas corredeiras...(3) Já à época, cinqüenta anos atrás, fazíamos o transporte de bóia, que hoje tá sendo feito pelo turismo, certo? Nós fomos os precursores do turismo de bóia aqui em Brotas. Isso há muitos anos atrás.(4) E a Bacia se tornou um lugar, entendeu? Privilegiado pra nós, entendeu? Pelas suas dificuldades, por ser (*trecho incompreensível*), pelas possibilidades de você

praticar um esporte mais radical, né?(5) Então... Aquilo foi um... A nossa vida aqui em Brotas... O que eu posso falar da Bacia é isso... (*risos do entrevistado*) Na verdade, um... Entendeu? Um prêmio que nós tínhamos aqui, entendeu? Dentro da nossa cidade.(6) Isso que eu posso falar pra você. Não tenho mais nada que... Só indo lá pra fazer (*risos do entrevistado*).

Fale um pouco mais sobre o sentido desse prêmio.

Nesse rio, eu fui... Fui, ah... Como se diz, assim? Praticando um esporte que as outras pessoas não conseguiam fazer. Quer dizer, os pulos, os saltos, entendeu? Tudo isso... O estilo de nadar, que é pras competições, que a gente vencia. Então, tudo isso me deram o título de Rei do Rio Jacaré, né? Que a "Serenidade" falou. Pessoal fala, quer dizer... Até hoje os meus amigos encontram comigo, (*cita dois amigos*), lembrando daquela época, entendeu? Quando nadávamos aí, o que eu fazia no Rio Jacaré, né? E hoje eu não consigo fazer mais, é lógico. Mas, no tempo de juventude eu realmente nadei muito aí. Ensinei muita gente nadar e salvei muita gente aí nesse rio, entendeu? Duas pessoas que estavam morrendo afogadas, o Betão conseguiu tirar de lá, entendeu?(7) Então foi isso... Tem um sentido muito grande. Tanto que eu gosto desse lugar, do rio, que eu vim de São Paulo e construí minha casa do lado da cachoeira, entendeu? Como eu gosto desse lugar. Eu adoro esse lugar aí. Pra mim é minha vida. Eu cresci aí. Dos dez anos pra frente, entendeu? Eu fui, entendeu? Nadei aí muito... Nossa, quanta gente! A sociedade se reunia aí, entende? Aí dentro desse Rio Jacaré àquela época, né?(8) E depois, com a construção do Clube de Campo, terminaram aqui. Eu era presidente do Grêmio Estudantil de Brotas naquela época e eles, não digo que enganaram, certo? Mas disseram que iam construir porque a gente tinha vestiário, tinha tudo aí, eles desmancharam tudo isso pra que o povo fosse para o Clube de Campo. Uma história que eu afirmo e reafirmo (9), mas...

O senhor quer acrescentar mais alguma coisa?

Eu... Não tem porque, até porque é tão pequenininho, certo? É tão importante pra nós e tão pequeno o espaço, entendeu? Pra você falar, que não... Já falei o que eu tinha pra dizer... Apenas que eu vivi muito lá e adorava aquilo. Taí... O Betão do Rio Jacaré (10).

Errece

Quais os significados de sua experiência na Bacia do Salto?

Acho que é mais diversão. Emoção... É perigoso. Ah, é perigoso, então... É a emoção mesmo, Paulo. Quantos litros de água eu já não bebi aí, ó... Respirava, Ih... Bebia água, mas é a emoção. Aí você não sente o chão, cê sobe pra borda de novo, cê sobe o coração tá: tá-tá-tá... Batendo, batendo, batendo...(1) Daí você vai, faz o Anjo Bolha, que nem eles fala, cê já viu? Acho que eu não te mostrei ainda naquele dia. Aí nós pulava, nós pula assim, é um anjo. Nós pula assim e a hora que vai chegar perto da água, nós fecha (*durante esta fala, faz o movimento com os braços abertos, fechando-os em direção ao peito*) . Aí faz: plá!... Sobe aquele monte de água. Aí aquela emoção... Você não vê a água subindo mas, vem os outros falando: "Nossa, subiu aquele mó alto pra caramba a água", não sei o quê... É gostoso também...(2) Saúde também, porque... Olha cara, fica forte (*risos do entrevistado*).... Dá saúde também. Resistência, né? Quem não tem resistência, deu o primeiro pulo aí, na hora que sai já: Ah, ah, ah... Já fica ruim. Mas pra quem tem resistência...(3) Tem gente que fica aí... Entra uma hora da tarde e sai cinco horas da tarde, sei horas. Quando o sol tá baixo já... Já escureceu. Quando tá calor. Porque no frio... Se der um pulo ainda... Quando tá muito forte num...(4) (*risos do entrevistado*). Quem nada tem aquele fôlego. Você corre e cê não sente tanto. É a... Purificação. Purificação. Nada, nada, nada... Enfrenta a correnteza.(5) Cê para. A hora que você sai, isso aqui ó, peito, tá doendo. Nossa, mas... Daí você vem no outro dia e não dói tanto. No outro dia já não dói mais. Você não sente mais. Parece que, parece que é a mesma coisa. Cê vai, volta. Normal. Foi... Você tira uma força daí. Fôlego...(6) Olha, jogar bola... Jogar bola agora, corro, corre pra cá, cansa. Que ó... Na época de calor, cê não cansa. Se vem aqui, cê nada um pouco. Chupeta, quando tá na época de calor, vinha eu e ele aqui, ficava nadando: "Ah, vamo jogar agora", aí nós ia. Quer dizer, nós não falava assim, mas ele descia, ficava pulando: "Ow, cê vai lá treinar?" "Aí eu vou daqui a pouco". Ficava pulando, pulando: "Ah, tô indo". Aí nós pulava e saía. Ia jogar bola ainda. Imagina! Cê cansado aqui, depois jogar bola.(7) Ó, e eu, que quando morava lá no sítio, vinha de lá de bicicleta. Trinta quilômetros mais ou menos. De bicicleta. Até aqui. Nadava, depois ia pra boate ainda. Cinco horas da manhã eu tava voltando pra casa. Imagina o pique que eu tinha. Chegava em casa seis, sete horas da manhã, pá!

Dormia. Duas horas da tarde eu tava nadando. É uma força que você tira daí. Nossa, eu tinha uma... Minha resistência tá baixa. Mas eu tinha uma resistência... Eu vinha de lá, Paulo. Chegava aqui, dava uns trinta...(8) Almoçava na casa dos colegas aqui, vinha nadar. Nadava, nadava, nadava... Daí tinha uma competição nossa também, pra ver quem pula mais. Pulava, Tchu! Subia. Pulava, Tchu! Subia. Aí aquela força, aquela animação, aquela diversão: "Cê vai?" E o braço doendo... Cê vai, arf, arf... Ó tô ganhando, tô com nove pulo na sua frente, não sei o quê... Vai... Cê vai: "Não, cê não vai ganhar de mim". Cê fica. Cê cansado e cê pula. Aí cê pula, pula, pula... Parei. Aí cê tem que falar assim: "Fala que cê perdeu que eu não vou falar pra ninguém".(9) (*risos do entrevistado*) Aí é aquela coisa, Paulo... Aí, nadava, nadava, nadava, nadava, ia pra casa dele. Tomava lá café, de novo. Depois vou embora. Ia pro centro, ia pra boate depois. Aí ficava na boate dançando. Podia tá cansado, o que for, ficava dançando. Depois tinha que ir embora ainda. Mais trinta quilômetros pra voltar.(10) Olha... Aumenta a resistência quando nada... Porque, porque ainda que, lá na onde, lá onde eu moro tem um lago. O lago é grande, então dá pro cê... Parado assim... Ir e voltar se cê agüentar. Então eu ia, depois voltava... O meu irmão, chegava na metade... "Peraí". Tinha que esperar. Ele fuma ainda (11).

Quer acrescentar mais alguma coisa?

É só isso, né?

Obrigado.

Bradock

Quais os significados de sua experiência na Bacia do Salto?

O Parque dos Saltos pra mim é um lugar que passa bastante tranqüilidade. É um lugar onde a gente pode, assim... Desenergizar um pouco. Sair daquela... Quebrar aquela rotina do dia-a-dia. (1) Então, o dia-a-dia nosso, freqüentemente tá lidando com problema, com as, com diversidades... E lá é um lugar que você não pensa nada disso. Você vai, cê relaxa, cê acaba nadando...Além de gastar caloria, fazer uma atividade física, cansar o corpo, não só a mente, cê ainda acaba desestressando um pouco a cabeça, a mente, desligando um pouco dos problemas. Então, pra mim, ali é como se fosse uma terapia.(2) Apesar de toda adrenalina, os perigos que lá oferece, com um pouquinho de cautela, é... A gente consegue, acaba relaxando o corpo e a mente lá na Bacia.(3) Muitas vezes eu cheguei lá no Parque dos Saltos, às vezes, muitas vezes pra nadar lá na Bacia com a cabeça... As vezes até pensando em muita coisa errada. Em besteira, em querer... Querendo achar soluções rápidas pra problemas grandes, coisa que eu acho que no momento não é propício...(4) Então, eu acho que a partir do momento que cê vai lá, cê desligou um pouquinho dos problemas... Você tem uma visão diferente pra tomar outras atitudes. Pra tentar resolver um problema. A gente com a cabeça quente não tem uma, uma, a melhor opção na hora de resolver o problema. Coisa que depois, passando o tempo, abaixando a poeira, cê tem uma visão diferente, do mesmo problema, que cê já tinha. Então eu acredito sim, que por ser, como eu falei, uma terapia, eu acho que influencia diretamente no dia-a-dia, nas escolhas, e nas atitudes de cê toma.(5)

Fale então sobre uma dessas escolhas que você associa...

É... É difícil assim citar, mas o que eu vejo assim, num exemplo prático, né? O meu dia-a-dia, ele é meio assim, corrido. Eu tenho um tempo curto assim, um tempo livre meu. Então, muitas vezes, cê acaba estressando um pouco assim... Chega numa aula um pouco assim, mais nervoso, acaba assimilando os outros problemas pra você. E assim, eu vejo, que às vezes eu vou, e acabo nadando lá um fim de semana, você começa a semana totalmente assim, solto.(6) Então assim, a maneira de você lidar com o dia-a-dia fica mais fácil. Isso daí em relação a tudo. Em relação à sua família, você fica mais fácil pra sentar e conversar com o pai, com meu filho, eu tenho um filho de sete anos... Então assim, cê tem mais tranqüilidade pra brincar, pra saber assimilar os problemas dele... Então, eu vejo que a gente realmente descarrega as más energias.Você descarrega um pouco aquela tensão do dia-a-dia e assim, isso acaba ajudando diretamente em tudo que você vai fazer. Seja um problema familiar, seja no trabalho, seja no dia-a-dia geral, mesmo (7).

Quer acrescentar mais alguma coisa?

Não, acho que não tem...

Obrigado.

Didi

Quais os significados de sua experiência na Bacia do Salto?

Então... Você me pergunta de um pedaço do Rio Jacaré, ah... No fim dos anos 50, no começo dos anos 60. Que é, quando aconteceram essas fotografias... É isso? Ah... Um pouco antes disso, a minha vida e o meu mundo, era a minha casa, a escola e o quintal da minha casa. Então, no fim dos anos 50, com treze anos, quatorze anos, eu comecei a perceber que o meu mundo começou a expandir, vazando pelo fundo do quintal de casa e descobrindo o caminho pro rio, que a gente já conhecia, mas à distância . Ah... Sempre escondido do meu pai, que não permitia jamais que a gente fosse pro rio sozinho. E ali meu mundo se expandiu (1). Eu ali aprendi a nadar, aprendi a brincar no rio... E esse pedaço do rio, era meu mundo porque, era aonde eu podia ir porque era escondido. (2) Nesse tempo, o salto de Brotas não era um ponto de atração turística. Era um pedaço, era uma cachoeira, mergulhada num mato fechado, e a gente fazia uma picada pra chegar até lá.(3) Ali eu aprendi a nadar, aprendi a saltar, e... E era o meu grande mundo ali. Ali eu aprendi... Pratiquei fotografia também, que foi, que é uma das minhas linguagens até hoje (4) e ali, também, não só cresceu o meu mundo como cresceu também, cresceu também, cresceu também o meu universo, o meu contingente de amigos (5). O Carlão, por exemplo, é um deles. Com quem eu convivi lá muito tempo. E que também vai ser entrevistado por você. Que mais que eu posso falar, pra você... Ah, hoje eu fico muito feliz porque, por ver que aquele pedaço onde a gente sempre sonhou que podia ser uma coisa conhecida por muita gente, hoje é um ponto de atração turística de Brotas, e Brotas é um ponto de atração turística do estado de São Paulo e até do Brasil. Ou seja, aquele meu mundo hoje tá bem divulgado, bem conhecido. E você tem aqui, algumas imagens de um tempo, daquele lugar, quando ainda era quase virgem. Então... Brincar, saltar, nadar, e viver nesse pedaço do Rio Jacaré era pra mim, uma... Uma expansão... E eu aqui, (*mostra uma fotografia*) eu não tava saltando, só. Eu tava voando. Isso é... Significava um vôo de liberdade. A sensação de liberdade que se tinha nadando e voando nesse salto, é uma coisa fantástica. (6) Hoje, eu... Ah... Como de carona, pratico vôo livre em paraglider, lá em Santos, em São Vicente. A sensação de voar no paraglider é fantástica, é maravilhosa, mas... Não se compara nunca, nada se compara à experiência de dar um salto desse aqui e cair na espuma da Bacia do Rio Jacaré.(7)

O senhor quer acrescentar mais alguma coisa?

É isso.

Obrigado.

Cabeludo

Quais os significados de sua experiência na Bacia do Salto?

Pra nós foi um... Uma alegria, né? A gente sabia que tava... Era uma coisa que a gente vivia aquilo ali. Era uma aventura, né? Era uma aventura aquilo lá pra nós... Nós chegava, e ia procurando certos lugar mais perigoso pra pular, pra mostrar que a gente era bom no, no conhecimento da água, né? E pra nós era uma aventura aquilo lá. Era uma beleza, nossa vida... Era uma alegria, viu? (1) E eu fazia aí meu serviço, eu saia correndo, que eu trabalhava meio período, ah, saía correndo já passava na casa do Didi, lá nós passava a mão na máquina e ia pra beira do rio. Lá nós ficava pulando, fazendo essas fotos bonita, né? Que hoje pra nós é uma recordação que, não tem preço, né? É uma coisa bonita isso aí (2), é... Infelizmente hoje, já não é... Que hoje foi muito desbravado ali o salto, né? Então, aquele tempo pouca gente conseguia chegar no salto, né? Por causa da... Era muito mato, né? E brejo... Você tinha que atravessar brejo. Hoje não. Hoje aquilo tá um brinco, né? Que então, é... Todo mundo freqüenta lá. Então, virou um divertimento pra todo mundo. Aquele tempo era pouca gente que... Então pra nós, foi, principalmente pra mim, né? Que foi uma coisa que... Hoje se você vê uma foto, no meu tempo de vinte anos, hoje eu to beirando os setenta, sessenta e nove anos, eu vejo essas foto aí digo: "Puxa vida, olha o que nós fazia naquele tempo, né?".(3) É... Pra mim, isso aí... Sei lá, né? É uma coisa da vida da gente. Não sei exprícá direito, como que... A gente sentia que era uma coisa... Muito gostosa de fazer, né? (4) Mas não era só eu, que o Didi também pulava. Eu tirava foto

dele pulando também, né? E... Inclusive, acho que até numa foto aí deve tê ele pulando junto comigo, né? Aquela... Alguém, acho que tirou uma foto... Essa aqui, ó. (*mostra uma das fotografias*) Essa aqui é eu com ele que tamo pulando. E um rapaz, que nós emprestamos a máquina pra ele e ele tirou a foto de nós dois pulando... Esse pulo aqui (*mostra outra fotografia*), chama "pé na lua". Pé na lua. Tinha nome... Nós colocava nome no pulo, né? (5) (*risos do entrevistado*) Mas então, é isso aí, né? A gente corria esse rio aí, conhecia o rio de ponta a ponta. Desde a parte lá de cima do rio, no Poção, que nós chamava de Poção, nós, nós levava um barco. Nós tinha comprado um barco, nós levava, subia empurrando o barco nas pedreira, pra levar o barco lá no rio, na... Que chamava "Água Mansa", lá. E lá, então, nós ia fazer piquenique. Ia fazer piquenique e depois descia com o barco e aquelas pedreira, porque existia umas pedreira, ali na parte da Estação, lá no pontilhão da Estação. Ali era muita pedreira, então, cê tinha que ir empurrando o barco e, era uma aventura. Pra nós era coisa do outro mundo (6), que justamente naquela época, no começo dos anos 60, em 59, Brotas não tinha atividade, né? Então, cê... Você ia jogar bola. Eu gostava de jogar bola. Fui goleiro do time do CAB, né? E, e no rio. Aí à noite, no cinema. Era nossa atividade isso aí. Não existia outras coisas. Hoje, cê sai na porta assim, você escolhe as coisas, né? Então, por isso parece que hoje perdeu o encanto, aquela graça, né? As pessoas parece que fazem as coisas, não tem aquela... E nós, não...(7) Nós era... Era... No tempo de junho, frio, nós ia no rio nadar, sete horas da manhã. Sete horas da manhã ia nadar, aquela água saía até fumaça, assim... Pra mostrar que nós era, que nós era bom, mesmo. Sabe? Aquelas coisas, aquela ilusão de, da mocidade, né? Mas era... Nossa, era bom rapaz, assim... É isso aí... Não sei exprícá direito o sentimento... Eu sei que o sentimento era muito bom, viu?(8d) (*risos do entrevistado*)

O senhor quer acrescentar mais alguma coisa?

Não... Acho que não, porque... Ah, eu... Pra falar eu sou meio ruim, viu?

Obrigado.

Chupeta

Quais os significados de sua experiência na Bacia do Salto?

Pra mim é uma coisa boa, porque além de eu tá praticando um esporte que eu gosto, que é natação, ainda sinto emoção, adrenalina de vim pular aqui... Posso vir com a minha namorada, com meus amigos... É gostoso... Ah, sei lá... Eu acho muito gostoso... Emocionante também. Você pula assim, sente uma coisa gostosa na barriga. Aí você não quer mais parar, quer vir todo dia... Aí é gostoso mesmo... (1) Até representa um esporte pra mim, porque é perigoso, tem as pedras ali que são perigosas, só que aqui eu me divirto, aqui eu sei, né? (2) Ah... Eu nem lembro de nada. Quando eu tô aqui, eu tô aqui. Não quero nem saber de nada. Isso aqui é só aqui que eu posso ficar de boa... Só nadando... Ah, aqui é o paraíso de Brotas, mesmo... Aqui é o melhor lugar, que eu acho que tem. O melhor lugar aqui no Parque dos Saltos é aqui na Bacia (3).

Você que acrescentar mais alguma coisa?

Não.

Obrigado.

Gugu

Quais os significados de sua experiência na Bacia do Salto?

É um esporte, né? Hum... (*trecho incompreensível*). Que mais... Ali é só mais... Lazer também... Esporte (1), viu professor?

Então... Que sentido você vê nisso? De ir lá?

Ah... Não tem ali, não tem sentido ali... Não tem sentido... Ali é... É diversão só, mas sentido não tem não... Não tem sentido. Eu procuro de ir ali pra não ficar em casa, né? Tá fazendo esporte radical ali, nadando... A gente tá diariamente ali, viu? Só...(2)

Obrigado

CRF250R

Quais os significados de sua experiência na Bacia do Salto?

A experiência que eu tenho na Bacia, o que significa pra mim? É... Bastante... E agora, Paulo? Como é que eu posso dizer pra você... Em que termo assim, você quer saber? Técnica? Em lazer?

O que significa pra você.

Ah, significa pra mim é um lazer. Entendeu? É um lazer aquilo li. Sempre gostei dali. Nadar.(1) É... Tinha medo. Muito medo de conhecer. De entrar dentro da Bacia. Ia lá, via o povo pulando, aí fica naquela curiosidade de saber: "Nossa, qual é a sensação de pular numa cachoeira... Como que é a reação embaixo da cachoeria, embaixo da água". Todo mundo falava: "Cê pula, é a mesma coisa que pular dentro de um tanquinho, de lavar roupa. A água vai bater, vai virar você, vai fazer...". Outros falam: "Não é uma banheira de hidromassagem. Aquilo lá é a coisa mais gostosa do mundo". Aí eu tinha esse medo e essa pergunta dentro de mim: "E se eu pular lá, a água que cai na minha cabeça, não vai me afogar? Eu vou conseguir enxergar?". Aí, com o tempo, uma bóia... Pulei, atravessei a Bacia. Tinha medo de pular de lá de cima, da pedra.(2) Porquê? Ó, ali tem o lugar certo do cê pular. É gostoso, mas é muito perigoso. Não aconselho ninguém: "Pode ir que você vai gostar". A pessoa tem que ter opinião própria, de ir, ver... porque lá, nossa... Já cheguei a praticamente salvar pessoa, da pessoa chegar, ver pessoa pulando, e chegar e entrar na Bacia sem saber aonde que tá pulando. E que a pessoa ia pular e ia morrer. Lugar que atravessar ali, que é um metro só de distância, se a pessoa pisasse naquele lugar, ela ia morrer.(3) Então, a Bacia, como se diz, a natureza em si, ela é, como se diz, emocionante. É gostoso. E também é traiçoeira. Você não pode abusar da natureza. Você abusou dela, cê vai se dar mal, cara. Cê vai... Vai pagar com a vida... Com ela. E ali, a Bacia... É complicado ali. Ao mesmo tempo que é gostoso, é perigoso. O medo... O medo fala mais alto, né?(4) Cê tá... Nossa... É a mesma coisa que tem a pedra ali. Aquela pedra redonda. Aí cê olha, quem tá vendo você pular, diz: "Ele não vai conseguir pular. Ele vai pular, ele vai cair em cima da pedra". Então, a primeira vez que eu pulei ali... Ah, é uma adrenalina! Cê... Cê quer virar um homem-aranha! Cê quer pular e sair lá no meio da Bacia (5). Eu já errei ali, já. Já caí, já bati a perna na pedra. Já bati a mão no fundo da Bacia. Já machuquei ali, não vai pensar que nunca machuquei, que machuquei sim. Não tem quem nunca se machucou na Bacia. Por mais experiência que o cara tem ali, que cada... Que cada passo da Bacia... Vamos supor, se eu fosse subir na pedra ali, eu sei aonde tem os buraco certinho de encaixar a mão, o pé; onde mergulha... Se eu mergulhar eu sei a hora certa de eu levantar. Cê não enxerga nada debaixo da água. Não é você pular e abrir o olho e falar: "Vou abrir o olho e vou ver a pedra do outro lado". Não. Tem até aquele tempo certo: você mergulha, cê conta as braçadas embaixo d'água: uma, duas, três, na quarta cê pode levantar que cê já tá de cara com a parede, embaixo da cachoeira. Então... Quer dizer, num pulo, o cara que não tem experiência: "Ah, vou tentar atravessar de mergulho". O cara vai, dá com a cabeça na pedra e nem... A hora que vê, já morreu, já foi... Então tem tudo isso daí, entendeu? É... É uma experiência... (6) Mesma coisa: tem a Bacia que a turma freqüenta bastante, mas pra cima da Bacia tem o funil. Ali eu falo: Eu nunca mais pulo na minha vida ali. Sempre nadei no funil. Quem mora aqui em Brotas conhece o funil. Ali sim, é perigoso pra caramba, porque eu pulei e a água segura você embaixo mesmo. Não deixa você voltar. Eu pulei, eu afundei. Eu fui tentando voltar, voltar. Na minha cabeça, eu senti a minha morte. Eu tava chorando embaixo da água. Eu não conseguia sair, eu pensei que tinha saído embaixo de alguma lorca, embaixo de alguma pedra. E a respiração já tava acabando, acabando, até que com muita custa eu consegui sair. Ali eu nunca mais pulo, cara. E a hora que eu saí, eu falei pros caras. Os caras tava preocupado porque eu tava demorando pra aparecer, entendeu? "Não pula mais aí que aqui é traiçoeira mesmo". É mais alto que a Bacia, até... É gostoso, mas eu nunca mais pulo lá. Não deixo... Olha, se vê um cara pular lá, eu falo: "Meu, não pula aí que você vai se estrepar". Muita gente nada ali. Pula ali. Eu particularmente, eu não pulo mais. Eu posso atravessar, mas pular de cima da pedra, dentro d'água, não. Atravessar, cê pula na água e atravessa de um lado pro outro. Mas mergulhar não. Que ali, é muito perigoso.

Então, você tá dizendo que ali...

Olha, parece que nada, mas você aprende muita coisa ali... É uma natação aquilo ali. É um esporte radical. Fiz muita amizade ali. Conheço gente, nossa... Muita amizade ali... Até mesmo preservar o rio. Eu aprendi muito ali... Porque turista mesmo, que vem muitos turista educado, mas

muitos que ta chupando sorvete e acha graça de ver o papel rodar no rio... Joga o papel no rio... Em parte de nadar, de brincar na Bacia, técnica de pulo... Emoção... É... Aperfeiçoar o pulo.... Aprende tudo isso. A gente aprende até mesmo catar cascudo ali, peixe. Pega peixe ali. É... Sabe quando rio tá baixo, quando tá alto... Se rodou um pau, se rodou o que tem ali dentro. Até mesmo do tempo, da chuva que dá uma chuva forte, quem nada ali, freqüenta ali mesmo, que é brotense mesmo, que freqüenta o rio ali, se der uma chuva forte o cara não chega pulando na Bacia, que ele sabe que vai ter galho de árvore lá dentro. Então vai vendo, isso aí já é uma experiência já... Então vamos supor, a gente desce, encontra um amigo, ontem choveu pra caramba, então nós vamos entrar na Bacia, não chega pulando. Então que sabe, é uma experiência já, é uma coisa que já tem, já. É... outra coisa... Refluxo da água quando o rio tá cheio. (7) Cê descer de bóia... Cê descer de bóia ali, cê vai até... Desce até os três saltos de bóia. Vai lá no Tavolaro, lá. O que o cara faz de raffting, a gente faz de bóia. É outra emoção também, é outra... Vixe... Sem... Sem comentário aí... Tem bastante coisa... É gostoso... É gostoso e é perigoso.(8) E ali, uma coisa que eu sempre tive vontade de ver ali, no Jacaré, no Parque dos Saltos, virar um zoológico ali. Não com animal perigoso, mas papagaio, macaquinho pequenininho... É um lugar bonito ali. Mas mal cuidado. Muito mal cuidado. Prefeitura é fogo de palha. Bota um guarda municipal ali, faz aquelas coisa e depois abandona tudo. Tem tanta coisa ali, que dá pra deixar aquele lugar bonito. Nem que precisasse cobrar entrada das pessoas pra poder manter o local. Arrumar o salto lá, que dá pra fazer muita coisa ali que o lugar é bonito. A pessoa chega, olha e não acha bonito, mas quando tira uma foto do salto, para na sua casa e fica admirando a foto, pra ver como é que o lugar é bonito. Essa é a experiência que eu tenho. Mas, outro lugar que eu ando, que conheço, que... Tem gente em Brotas que não conhece as cachoeiras, tem cachoeiras que... Tem gente que não freqüenta, pouca gente vai naquele lugar, não dá pra turista ir. Pra explorar aquela cachoeira. É arriscado pro turista. Então, deixam ela do lado... Nossa... Tem um monte de cachoeira... Lugar bonito... Tem casa de escravo aqui em Brotas, perdida na mata... A pessoa nunca imagina. Quando a gente vai andar de moto, leva turista, leva os amigos. Gente que eu fiz amizade. No Salto mesmo. Conheci motoqueiro no Salto, que todo ano eles vem. Também tem comércio em São Paulo, eles vem, a gente vai fazer trilha. Já levei eles na casa dos escravos, lá... O cara ficou encantado com o lugar. No sítio Velho. O sítio Velho então nem se fala. Fala sítio Velho, mas é uma furna que tem. São cinco quilômetros de descida, depois você sobe mais quatro por dentro do rio e sobe mais cinco quilômetros pelo outro lado. É... Vou contar... O cara anda por ali, o cara apaixona. Quer vir sempre. Brotas tem tanta coisa legal, bonita e interessante de se ver. Passa bastante coisa na televisão. Passa assim... Não da natureza mesmo, né? O cara foi lá e deu uma lustrada: limpa o mato aqui, ali, põe um cabo de aço... Fica bonito também, não que é feio. Não é. Mas natureza assim, mesmo, sem mexer nela, que não bateu a enxada, não passou o carro, não quebrou a pedra, não mexeu nela... Isso que é bonito...

Quer acrescentar mais alguma coisa?

Tranqüilo...

Obrigado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676
Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356
CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil
e-mail: secppge@power.ufscar.br

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu _____ portador do RG: _____ autorizo Paulo César Antonini de Souza, RG. 21.832.914-3, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (PPGE/UFSCar), orientado pelo Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior, a publicação dos dados registrados em entrevistas e imagens, bem como todos os direitos de uso de divulgação exclusivamente acadêmico-científica de tais conteúdos, pois me foram esclarecidos os procedimentos previamente e eu concordei com a gravação de falas e imagens e sua divulgação, desde que sem minha identificação nominal e das pessoas eventualmente por mim citadas.

Brotas, ___ de _____ de 2009.

_____
Sujeito da Pesquisa

_____.
Nome do Responsável pelo Sujeito da Pesquisa
RG: _____

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo